



MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha
BATALHÃO LOGÍSTICO

2ª Edição
2022

EB70-MC-10.317



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha
BATALHÃO LOGÍSTICO

2ª Edição
2022

PORTARIA – COTER Ex Nº 182, DE 31 DE MAIO DE 2022
EB: 64322.007244/2022-87

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.317 Batalhão Logístico, 2ª edição, 2022, e dá outras providências.

O COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do art. 16 das Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina Militar Terrestre – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 6ª edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.676, de 25 de janeiro de 2022, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.317 Batalhão Logístico, 2ª edição, 2022, que com esta baixa.

Art. 2º Revogar o Manual de Campanha Batalhão Logístico (C 29-15), 1ª edição, 1984, aprovado pela Portaria nº 13 - EME, de 20 de fevereiro de 1984.

Art. 3º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Gen Ex ESTEVAM CALS THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 24, de 15 de junho de 2022)

O quadro a seguir apresenta uma forma de relatar as sugestões dos leitores.

[illegible]

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DE ASSUNTOS

	Pag
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	
1.1 Finalidade.....	1-1
1.2 Considerações Iniciais.....	1-1
1.3 Definições Básicas.....	1-2
CAPÍTULO II – O BATALHÃO LOGÍSTICO	
2.1 Considerações Gerais.....	2-1
2.2 Missão	2-1
2.3 Formas de Emprego.....	2-2
2.4 Capacidades Operativas.....	2-3
2.5 Atividades e Tarefas.....	2-3
2.6 Estrutura Organizacional.....	2-6
CAPÍTULO III – COMANDO E CONTROLE	
3.1 Considerações Gerais.....	3-1
3.2 Responsabilidades Funcionais de Comando e Controle.....	3-1
3.3 Postos de Comando.....	3-1
3.4 Meios de Comunicações.....	3-2
3.5 Ligações Necessárias.....	3-2
CAPÍTULO IV – DESDOBRAMENTO LOGÍSTICO	
4.1 Considerações Gerais.....	4-1
4.2 Base Logística de Brigada	4-1
4.3 Reconhecimento, Escolha e Ocupação da Base Logística de Brigada.....	4-8
4.4 Mudança de Localização da Base Logística de Brigada.....	4-11
4.5 Destacamento Logístico	4-15
4.6 Processos Especiais de Distribuição de Suprimento.....	4-16
CAPÍTULO V – PLANEJAMENTO DO APOIO LOGÍSTICO	
5.1 Considerações Gerais.....	5-1
5.2 Centro de Operações Logísticas.....	5-1
5.3 Suprimento.....	5-2
5.4 Transporte.....	5-13
5.5 Saúde.....	5-18
5.6 Manutenção.....	5-22
5.7 Salvamento.....	5-23
5.8 Recursos Humanos.....	5-27

CAPÍTULO VI – O BATALHÃO LOGÍSTICO EM APOIO ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS	
6.1 Considerações Gerais.....	6-1
6.2 Nas Operações Ofensivas.....	6-1
6.3 Nas Operações Defensivas.....	6-11
6.4 Nas Operações de Cooperação e Coordenação com Agências.	6-20
CAPÍTULO VII – O BATALHÃO LOGÍSTICO EM APOIO ÀS DEMAIS OPERAÇÕES	
7.1 Nas Operações Complementares.....	7-1
CAPÍTULO VIII – O BATALHÃO LOGÍSTICO EM APOIO ÀS AÇÕES COMUNS E ÀS OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS	
8.1 Nas Ações Comuns.....	8-1
8.2 Nas Operações em Ambientes com Características Especiais.....	8-1
CAPÍTULO IX – O EXAME DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE DO BATALHÃO LOGÍSTICO	
9.1 Considerações Gerais.....	9-1
9.2 Sistemática do Exame de Situação do Comandante Logístico....	9-1
9.3 Etapas do Exame de Situação do Comandante do Batalhão Logístico.....	9-2
ANEXO A – MODELO DE PLANO DE RECONHECIMENTO DE BASE LOGÍSTICA DE BRIGADA	
ANEXO B – MODELO DE PLANO DE MOVIMENTO	
ANEXO C – MODELOS DE DECISÃO	
ANEXO D – MODELO DE ORDEM DE OPERAÇÕES DO BATALHÃO LOGÍSTICO	
GLOSSÁRIO	
REFERÊNCIAS	

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este manual estabelece os fundamentos doutrinários para o emprego do Batalhão Logístico (B Log) no contexto das operações singulares e conjuntas, enquadradas nas situações de guerra e de não guerra.

1.1.2 Os conceitos e as concepções tratados neste documento buscam manter a harmonia e o alinhamento com os manuais adotados pela Força Terrestre (F Ter).

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 O advento de novas tecnologias e as perspectivas do combate moderno exigem evolução constante da doutrina militar, com a adoção de novos conceitos, como: logística na medida certa, modularidade, capilaridade e redução de estoques, entre outros. Esses conceitos ampliam ainda mais o papel da logística nos conflitos contemporâneos, sendo necessário que ela seja preparada e estruturada desde o tempo de paz.

1.2.2 Cada uma das funções logísticas (suprimento, manutenção, transporte, engenharia, recursos humanos, saúde e salvamento) reúne um conjunto de atividades e tarefas e sistemas inter-relacionados, com capacidade de prover apoio e serviços, de modo a assegurar a liberdade de ação e proporcionar maior amplitude de alcance e duração às operações.

1.2.3 Os planejamentos logísticos devem levar em consideração, ainda, a constante evolução tecnológica dos meios bélicos, principalmente, no que diz respeito aos seus efeitos produzidos.

1.2.4 A execução das atividades relativas às diversas funções logísticas é garantida por meio da disponibilidade de informações logísticas em tempo real, com emprego de ferramentas de tecnologia da informação e comunicações (TIC) para apoiar a tomada de decisão.

1.2.5 Assim, a concepção do apoio logístico deverá ter como premissas: gestão das informações, distribuição, precisão e presteza do ciclo logístico e capacitação continuada dos recursos humanos.

1.3 DEFINIÇÕES BÁSICAS

1.3.1 Apoio ao Conjunto – é aquele proporcionado por um elemento de apoio logístico em relação a todos ou a vários elementos apoiados com os quais possui vinculação específica. Nessa situação, o comandante do apoio logístico (Cmt Ap Log) pode exercer efetivo controle sobre as ações logísticas e sobre os meios de apoio. As prioridades dos trabalhos e os limites do apoio logístico são estabelecidos pelo Cmt Ap Log, baseado nas diretrizes logísticas estabelecidas pelo comandante do Grande Comando Operativo.

1.3.2 Apoio Direto – é aquele proporcionado por um elemento de apoio logístico a uma organização militar (OM) ou fração específica, visando a aumentar sua capacidade logística ou a cumprir determinada tarefa logística. Caracteriza-se pela ligação permanente entre os elementos de apoio e apoiados, cabendo a estes determinar as prioridades dos trabalhos a serem realizados.

1.3.3 Apoio Específico – é aquele proporcionado por um elemento de apoio logístico a um elemento apoiado, em determinada e específica tarefa logística.

1.3.4 Apoio por Área – é aquele proporcionado por um elemento de apoio logístico em relação a elementos apoiados, sem vinculação específica, localizados em uma área geográfica definida ou que por ela transitam. Da mesma forma que no apoio ao conjunto, o Cmt Ap Log mantém efetivo controle das ações logísticas e de seus meios, bem como do estabelecimento das prioridades.

1.3.5 Apoio Suplementar – é aquele proporcionado por um elemento de apoio logístico a outro elemento de apoio logístico, para aumentar a sua capacidade de apoio.

1.3.6 Área de Trens de Combate (ATC) – é a região localizada na zona de ação (Z Aç) dos elementos (Elm) apoiados e, sempre que possível, próxima ao Posto de Comando Principal (PCP) da unidade (U) e, nela, são reunidos os elementos logísticos necessários a um apoio mais cerrado às subunidades (SU), cuja presença bem à frente é necessária.

1.3.7 Área de Trens de Estacionamento (ATE) – é a região onde é reunido o conjunto de elementos de serviço das unidades, cuja presença bem à frente é dispensável e que, por isso, desdobra-se mais à retaguarda em segurança.

1.3.8 Área de Trens de Unidade (ATU) ou Área de Trens (AT) – é a região onde é desdobrado o conjunto de elementos de serviço de uma unidade destinado a proporcionar apoio logístico. Normalmente, diz respeito às unidades de apoio ao combate e apoio logístico. Nas unidades de combate, as AT podem ser divididas, por questão de segurança, em área de trens de combate e área de trens de estacionamento. Quando a organização militar é de valor companhia ou

esquadrão independente, desdobra-se uma área de trens de subunidade (ATSU).

1.3.9 Artefato Explosivo Improvisado – é um dispositivo fabricado, acionado ou empregado de maneira não convencional, incorporando substâncias químicas, biológicas, radiológicas, nucleares, pirotécnicas ou incendiárias, destinados a matar, destruir, incapacitar, negar mobilidade ou distrair. É também chamado de IED (*Improvised Explosive Device*).

1.3.10 Base Logística de Brigada (BLB) – é a área onde são desdobrados os meios orgânicos de um B Log e outros recursos específicos necessários ao apoio a uma grande unidade (GU). A organização do B Log, no interior da BLB, é modular e fundamentada em meios dotados de mobilidade tática, de modo a possibilitar o apoio logístico às operações e assegurar certo grau de autonomia à força apoiada.

1.3.11 Base Logística Terrestre (BLT) – é a área geográfica formada por meios e recursos humanos provenientes das estruturas existentes desde o tempo de paz (Grupamento Logístico – Gpt Log, Grupamento de Engenharia – Gpt E e Região Militar – RM). O Grupamento Logístico desdobrado na BLT, caso determinado e desde que receba meios, poderá prover o suporte às outras Forças Componentes (F Cte), às agências civis ou à população localizada na área de responsabilidade dessa Força.

1.3.12 Batalhão de Recursos Humanos (B RH) – organização militar diretamente subordinada (OMDS) ao Gpt Log. Tem como missão realizar o recompletamento dos efetivos dos elementos apoiados pelo Gpt Log, zelar pela manutenção do moral, por intermédio das atividades de apoio ao pessoal, da prestação de serviços, tais como banho, serviços postais, suprimento reembolsável, assistência religiosa, assistência social, correios, recreação e repouso, além dos assuntos mortuários e da gestão de mão de obra civil.

1.3.13 Batalhão de Saúde (B Sau) – organização militar diretamente subordinada (OMDS) ao Gpt Log. Tem como missão realizar o apoio de saúde de segundo e de terceiro escalão aos integrantes da F Ter, às outras F Cte e à população civil, quando determinado pelo escalão superior.

1.3.14 Classe de Suprimento – conjunto de artigos afins, grupados para facilitar o planejamento, a administração e o controle da atividade de suprimento. A F Ter, em consonância com o Ministério da Defesa, adota 10 (dez) classes de suprimento:

- a) **classe I** – subsistência, incluindo ração animal e água;
- b) **classe II** – material de intendência, englobando fardamento, equipamento, móveis, utensílios, material de acampamento, material de expediente, material de escritório e publicações. Inclui vestuário específico para defesa química, biológica, radiológica e nuclear (DQBRN);

- c) **classe III** – combustíveis, óleos e lubrificantes (sólidos e a granel);
- d) **classe IV** – construção, incluindo equipamentos e materiais de fortificação;
- e) **classe V** – armamento e munição (inclusive DQBRN), incluindo foguetes, mísseis, explosivos, artifícios pirotécnicos e outros produtos relacionados;
- f) **classe VI** – material de engenharia e cartografia;
- g) **classe VII** – tecnologia da informação, comunicações, eletrônica e informática, incluindo equipamentos de imageamento e de transmissão de dados e voz;
- h) **classe VIII** – saúde (humana e veterinária), inclusive sangue;
- i) **classe IX** – motomecanização, aviação e naval; e
- j) **classe X** – materiais não incluídos nas demais classes, itens para o bem-estar do pessoal e artigos reembolsáveis.

1.3.15 Companhia de Recursos Humanos Avançada (Cia RH A) – subunidade pertencente ao B RH. Tem por missão realizar as atividades de serviços (lavanderia, banho, correios e barbearia); repouso e recreação; assistência religiosa, psicológica e social; e apoio em assuntos mortuários.

1.3.16 Destacamento Logístico (Dst Log) – é uma estrutura flexível, modular e adaptada às necessidades logísticas do elemento apoiado, podendo ser constituída a partir dos meios das organizações militares logísticas (OM Log), Gpt Log ou da OM Log de uma GU, a fim de proporcionar apoio logístico cerrado e contínuo aos elementos integrantes de uma força operativa.

1.3.17 Distribuição na Unidade – é o processo em que o escalão que apoia leva o suprimento até a organização apoiada com seus meios de transporte, da retaguarda para os pontos mais à frente da Z Aç. As cargas destinadas aos consumidores finais são customizadas, evitando-se manipulação por órgãos intermediários ao longo da cadeia de suprimento.

1.3.18 Distribuição por Processos Especiais – é o processo organizado pelo escalão que apoia para atender a necessidades específicas de uma força apoiada em operações, com seus próprios meios ou outros recebidos do escalão superior. Pode ocorrer por meio de comboio especial, posto de suprimento móvel, reserva móvel e suprimento por via aérea, considerando-se, para sua execução, a segurança dos recursos e a disponibilidade de meios de transporte.

1.3.19 Distribuição na Instalação de Suprimento – é o processo no qual a organização apoiada vai até a organização logística apoiadora receber o suprimento, empregando seus próprios meios.

1.3.20 Dotação Orgânica (DO) – é a quantidade de cada item de suprimento que determinada OM deve manter em seu poder para atender às necessidades de emprego operativo. É baseada na tabela de dotação específica para cada OM, de acordo com a sua natureza. Os meios de transporte orgânicos devem ser adequados à DO.

1.3.21 Efetividade Logística – é a capacidade de produzir e obter resultados desejados de forma continuada, por meio de processos logísticos eficientes, segundo critérios ou normas estabelecidas.

1.3.22 Função de Combate Logística – integra o conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados para prover apoio e serviços, de modo a assegurar a liberdade de ação e proporcionar amplitude de alcance e de duração às operações.

1.3.23 Função Logística – é a reunião, sob uma única designação, de um conjunto de atividades logísticas afins, correlatas ou de mesma natureza. Divide-se em: suprimento, manutenção, transporte, engenharia, recursos humanos, saúde e salvamento.

1.3.24 Logística Militar Terrestre – é a capacidade operativa relativa à previsão, à provisão e à manutenção dos recursos e serviços necessários à execução das missões da F Ter.

1.3.25 Meio de Transporte – veículo utilizado para o transporte por intermédio de uma via. Em casos especiais, a própria carga pode servir de veículo, como no caso de cargas flutuantes orientadas numa hidrovia. Também pode ser animais como muares e bubalinos.

1.3.26 Pacote Logístico – unidades de carga acondicionadas de forma a reduzir os encargos de transporte, facilitar o transbordo, diminuir o tempo de permanência em viaturas de transporte nas ações de carga e descarga, além de conceder maior segurança à carga, eliminando o manuseio direto dos itens que compõem a carga unitizada.

1.3.27 Posto de Atendimento Avançado (PAA) – estrutura modular de saúde composta por: sala de triagem/emergência (S Trg); centro cirúrgico (C Cir); unidade de terapia intensiva (UTI); enfermaria (Enf); administração e atendimento clínico; e unidade de apoio (laboratório, farmácia e diagnóstico por imagem). Deve ser dotado de estrutura com materiais robustecidos, de montagem simples e rápida, além da capacidade de executar cirurgia de controle de danos.

1.3.28 Posto de Atendimento Avançado Leve (PAA L) – estrutura modular de saúde com a configuração mínima do PAA, sendo composta por: S Trg, C Cir, UTI e Enf. Deve ser dotado de estrutura em condições de ser aerotransportada ou lançada, equipado com materiais robustecidos, de montagem simples e rápida, além da capacidade de executar cirurgia de controle de danos.

1.3.29 Posto de Coleta – é o local designado para a reunião de material, prisioneiros de guerra e mortos, a fim de processar-se a necessária evacuação.

1.3.30 Ponto de Concentração de Feridos (PCF) – é o local designado para a reunião de feridos para triagem e evacuação pelo PS. Sua localização é determinada em função da manobra e deve ser gerido por praça de saúde de acordo com a quantidade e complexidade dos feridos. A dosagem é de 1 (um) PCF por SU dos elementos de manobra.

1.3.31 Posto de Distribuição (P Distr) – é a instalação de suprimento estabelecida, especificamente, para distribuir, nas áreas mais avançadas, determinadas classes ou tipos de suprimento. A armazenagem limita-se, normalmente, ao consumo previsto para uma jornada. Normalmente é desdobrada pelas U e SU logísticas dos escalões brigada e batalhão.

1.3.32 Posto de Socorro (PS) – Instalação logística de saúde, em cada unidade, para onde convergem as baixas e na qual são prestados os socorros indispensáveis à evacuação posterior. É o primeiro posto da cadeia de evacuação, sendo capaz de fornecer suporte avançado de vida.

1.3.33 Planejamento Logístico – parte indissociável do planejamento das operações militares, analisa as opções disponíveis, selecionando a melhor para apoiar de forma oportuna, adequada e contínua as forças empregadas. Essa atividade é conduzida paralelamente ao Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres, de modo a atender às necessidades decorrentes desse processo e definir os meios a serem obtidos por intermédio da mobilização.

1.3.34 Prontidão Logística – é a capacidade de pronta resposta das organizações militares logísticas para fazer face às demandas de apoio à F Ter em tempo de paz e em operações, fundamentada na doutrina, adestramento, organização, gestão das informações, efetividade do ciclo logístico e capacitação continuada do capital humano.

1.3.35 Ração Operacional de Combate – é a quantidade de alimento capaz de prover o sustento de um homem, durante um determinado período de tempo, quando não for possível ou conveniente alimentá-lo com a ração normal.

1.3.36 Reserva Orgânica (RO) – é a quantidade de suprimento, além da que constitui a dotação orgânica, para fins de garantia da continuidade das operações na eventualidade de interrupções no fluxo.

1.3.37 Terminal de Carga – instalação logística que serve de elo entre a carga que precisa ser transportada e o meio de transporte que conduz a carga até o seu destino final. Os terminais de carga dos vários meios de transporte dispõem de instalações destinadas a armazenar, temporariamente, os itens de suprimento que por eles transitam, enquanto aguardam destino. Podem ser aeroviários, aquaviários, dutoviários, ferroviários e rodoviários. Quanto à modalidade, podem ser monomodais ou intermodais.

1.3.38 Terminal de Transporte – instalação logística habilitada para o embarque, desembarque e transbordo de tropas.

1.3.39 Trem de Combate (TC) – é o conjunto de elementos de serviço das unidades, cuja presença bem à frente é necessária para proporcionar apoio cerrado.

1.3.40 Trem de Estacionamento (TE) – é o conjunto de elementos de serviço das unidades, cuja presença bem à frente é dispensável e que, por isso, desdobra-se mais à retaguarda em segurança.

1.3.41 Unitização de Cargas – é a ação de unir itens de suprimento de pesos, tamanhos e formatos distintos em cargas de volumes unitários, visando à otimização do espaço útil das viaturas de transporte, bem como a dar agilidade e segurança aos processos de carga e descarga. Quando unitizadas, as cargas devem possuir o maior tamanho que seja possível deslocar nos meios de transporte do escalão considerado, além de serem passíveis de movimentação (carga, descarga e transbordo) tanto pelo escalão que apoia quanto pelo escalão apoiado. As cargas unitizadas mais comuns são aquelas paletizadas, containerizadas e pré-lingadas.

CAPÍTULO II

O BATALHÃO LOGÍSTICO

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 O B Log constitui o elemento básico responsável pela execução das tarefas logísticas em benefício das OM da GU à qual pertence.

2.1.2 As SU do B Log poderão ter sua organização alterada em função da missão, da situação, das necessidades, das disponibilidades e dos diversos tipos de brigada. Essa organização será pautada pela flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade (FAMES).

2.1.3 Os planejamentos logísticos devem ter como premissa básica a sua exequibilidade, fundamentada na existência de meios desde o tempo de paz ou passíveis de mobilização.

2.1.4 Os batalhões logísticos receberão a designação da natureza da tropa apoiada, nomeadamente: batalhão logístico leve (aeromóvel); batalhão logístico leve (montanha); batalhão logístico motorizado; batalhão logístico mecanizado; batalhão logístico blindado; batalhão logístico paraquedista; e batalhão logístico de selva.

2.1.5 De acordo com o princípio da “logística na medida certa”, o B Log é capaz de configurar o apoio logístico de acordo com cada situação. O B Log possui uma configuração básica para apoiar uma GU. O emprego parcial e seletivo de seus recursos para apoiar escalões menores ou a incorporação de novos recursos para apoiar escalões maiores configuram a elasticidade das estruturas logísticas e a capacidade de apoiar na medida certa.

2.1.6 A organização do B Log é modular e fundamentada em meios dotados de mobilidade tática, de modo a possibilitar o apoio logístico às operações e assegurar certo grau de autonomia à força apoiada.

2.2 MISSÃO

2.2.1 O B Log tem como missão proporcionar apoio logístico a todos os elementos orgânicos da GU à qual pertence. Por área, poderá apoiar outras OM não orgânicas da GU. Transporta, ainda, a RO da GU das classes I, III e V (munição).

2.2.2 O B Log, para cumprir a missão acima, deve prestar apoio logístico à brigada por meio da realização das funções logísticas engenharia (tratamento de água), manutenção, salvamento, saúde, suprimento e transporte.

2.2.3 Para o apoio na função logística recursos humanos, o B Log receberá os meios necessários do Gpt Log.

2.3 FORMAS DE EMPREGO

2.3.1 O B Log pode ser empregado desdobrando seus meios em uma base logística de brigada e, se for o caso, em um destacamento logístico.

2.3.2 As informações levantadas na análise de logística determinarão a forma de emprego do B Log. Dados como a distância de apoio, a composição, a natureza e o valor da tropa a ser apoiada devem ser considerados no planejamento do apoio.

2.3.3 As situações de comando e as formas de apoio logístico que o B Log pode adotar variam conforme o contexto da operação militar, considerando as condicionantes quanto ao apoio às operações básicas, ao apoio às operações complementares, ao apoio às ações comuns às operações terrestres e às operações em ambientes com características especiais.

2.3.4 As situações de comando previstas para o apoio logístico são:

- a) **adjudicação** – é uma situação de comando e controle por meio do qual o Ministro de Estado da Defesa determina a transferência do comando ou do controle operativo de meios de cada Força Armada para um Comando Conjunto, de acordo com as capacidades levantadas durante o planejamento para as operações. Pode ocorrer, para atender a uma necessidade operacional, com a transferência provisória de meios de uma Força Componente, atuando de forma singular ou conjunta, para outra, ou para constituição de uma Força-Tarefa durante as operações;
- b) **reforço (Rfr)** – é a situação em que uma unidade ou fração fica temporariamente subordinada a outra unidade ou força, de constituição definida em quadro de organização (QO), para fins de prestação do apoio logístico;
- c) **integração (Intg)** – é a situação em que uma unidade ou fração fica temporariamente subordinada a outra unidade ou força, de constituição variável, para fins de prestação do apoio logístico; e
- d) **controle operativo (Ct Op)** – é a situação em que uma unidade ou fração fica temporariamente subordinada a outra unidade ou força, para cumprir determinadas missões ou tarefas específicas, normalmente, limitadas. Tal controle não inclui a autoridade para empregar, separadamente, os componentes do elemento em questão, nem o seu controle logístico.

2.4 CAPACIDADES OPERATIVAS

2.4.1 As capacidades operativas (CO) são as aptidões requeridas a uma força ou organização militar, para que se obtenha um efeito estratégico, operacional ou tático. Tais capacidades são obtidas a partir de um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização (e/ou processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura – que formam o acrônimo DOAMEPI.

2.4.2 O B Log dispõe de companhias, pelotões, seções, grupos e equipes com recursos que contribuem para o apoio logístico adequado à força que venha a ser empregada, durante o tempo necessário e em qualquer ambiente operacional.

2.4.3 O B Log poderá receber apoio suplementar com meios que exigem pessoal e ferramental especializado para prestar o apoio logístico a alguma OM. Para a realização das outras atividades logísticas, se for o caso, outros elementos podem também ser destacados para apoiar essa peça de manobra.

2.5 ATIVIDADES E TAREFAS

2.5.1 A Logística integra o conjunto de atividades, tarefas, ações e sistemas inter-relacionados para prover apoio e serviços, de modo a assegurar a liberdade de ação e proporcionar amplitude de alcance e de duração às operações.

2.5.2 Nesse contexto, o B Log realiza atividades e tarefas das funções logísticas no âmbito da brigada à qual pertence, conforme descritas a seguir.

2.5.3 PROVER O APOIO DE SUPRIMENTO

2.5.3.1 Levantar as necessidades de suprimento de todas as classes, a partir da estimativa logística, com a previsão de recursos, o estabelecimento de prioridades e o escalonamento dos estoques reguladores.

2.5.3.2 Obter e receber suprimentos de todas as classes, identificando as possíveis fontes de aquisição.

2.5.3.3 Armazenar suprimentos por intermédio do acondicionamento, do controle e da preservação do material.

2.5.3.4 Lotear, embalar e unitizar os suprimentos para seu transporte e entrega.

2.5.3.5 Analisar, purificar, tratar, distribuir e transportar águas superficiais e residuais, com o apoio de elementos especializados de Engenharia, que atuarão em coordenação com elementos de apoio de saúde (farmácia e veterinária).

2.5.3.6 Armazenar e distribuir água potável envasada aos elementos apoiados.

2.5.3.7 Neutralizar, remover e destruir artefatos explosivos em sua área de responsabilidade.

2.5.3.8 Planejar e executar o fluxo inverso dos itens de suprimento do usuário consumidor até o ponto de coleta à retaguarda.

2.5.4 PROPORCIONAR APOIO EM MANUTENÇÃO

2.5.4.1 Orientar o planejamento e controlar a manutenção preventiva dos materiais das OM da brigada, analisando relatórios emitidos pelas próprias OM e estabelecendo um calendário de inspeções a fim de reduzir ou evitar a queda no desempenho, a degradação ou avaria dos materiais.

2.5.4.2 Levantar as necessidades de mão de obra, ferramental, peças e conjuntos de reparação; adquirir componentes e equipamentos de manutenção; substituir preventivamente peças e conjuntos; e avaliar e monitorar o desempenho dos materiais de emprego militar.

2.5.4.3 Realizar a manutenção de 2ª escalão no âmbito da brigada, levantando as necessidades de mão de obra, ferramentas, peças e conjuntos de reparação; adquirir componentes e equipamentos de manutenção; substituir ou reparar peças e conjuntos; e avaliar o desempenho e restituir os materiais de emprego militar reparados aos usuários.

2.5.5 PROPORCIONAR APOIO DE TRANSPORTE

2.5.5.1 Realizar o transporte, que compreende as ações de carregar os meios de transporte, transportar e descarregar pessoal e material.

2.5.5.2 Assessorar o comando enquadrante no planejamento do controle do movimento com a regulação do fluxo de viaturas pelas vias e estabelecendo medidas de coordenação e controle sobre o movimento de material, pessoal e meios de transporte.

2.5.5.3 Conduzir operações de terminais de carga, quando reforçado com meios do batalhão de transporte do escalão superior, por meio da administração e operação dos terminais de carga rodoviários, ferroviários, aeroviários, dutoviários, marítimos, fluviais e intermodais.

2.5.5.4 Manter controle cerrado sobre os diversos meios de transporte e das cargas em trânsito.

2.5.5.5 Coordenar a segurança e a escolta de seus comboios logísticos com seus meios e outros meios eventualmente disponibilizados para essa atividade.

2.5.5.6 Propor os critérios e as prioridades de utilização de estradas, rodovias e afins, na área de responsabilidade do escalão enquadrante.

2.5.6 REALIZAR O APOIO DE SALVAMENTO

2.5.6.1 Remover e transportar meios materiais, impossibilitados de fazê-lo por seus próprios recursos, para um local predeterminado, por meio de movimento, tração ou o emprego de equipamento especializado.

2.5.6.2 Lotear, embalar e trasladar o material salvado e capturado indisponível para as oficinas de manutenção, descartando os itens inservíveis, conforme as diretrizes do escalão superior e a situação tática e logística vigentes.

2.5.6.3 Trasladar e encaminhar o material capturado que seja desconhecido para análise de Inteligência.

2.5.6.4 No caso dos batalhões logísticos de selva (B Log SI), desencalhar, emergir ou reflutuar meios para tornar livre um equipamento que se encontra impossibilitado de locomoção, por encalhe ou afundamento.

2.5.7 PROPORCIONAR APOIO DE SAÚDE

2.5.7.1 Proporcionar a medicina preventiva para garantir condições sanitárias adequadas dos recursos humanos e da área de operações, por meio de ações de saneamento, higiene, imunização, controle de doenças e educação sanitária.

2.5.7.2 Prevenir doenças e baixas, por meio de ações de psiquiatria preventiva; realizar controle médico periódico e odontologia preventiva; executar a veterinária preventiva, por meio da prática de ações de assistência veterinária, inspeção de alimentos e controle de zoonoses; e prover o apoio farmacêutico.

2.5.7.3 Proporcionar a medicina curativa para a realização do atendimento médico primário; o tratamento de doentes e feridos; as cirurgias; os exames de imagem e laboratoriais; e outras atividades necessárias ao tratamento do pessoal doente ou ferido.

2.5.7.4 Executar a evacuação de pessoal doente ou ferido entre as instalações da OM apoiada e a BLB.

2.5.7.5 Assessorar o planejamento da necessidade de suprimento classe VIII, em coordenação com o B Sup, destinado às instalações de saúde desdobradas no âmbito da GU.

2.5.8 PROVER APOIO DE RECURSOS HUMANOS

2.5.8.1 O B Log pode receber o apoio do B RH por meio da Cia RH A, a qual ficará encarregada da realização das atividades e tarefas da função logística recursos humanos a seguir.

2.5.8.2 Gerenciar efetivos prontos mediante a determinação das necessidades e o controle de recursos humanos.

2.5.8.3 Apoiar o recompletamento de pessoal, coordenando no âmbito da GU, a distribuição de indivíduos, frações ou organizações para o preenchimento de claros.

2.5.8.4 Proporcionar bem-estar e manutenção do moral da tropa, por meio do suprimento reembolsável, do serviço postal, do acesso à internet, da telefonia social e das agências bancárias ou outros serviços de apoio ao pessoal.

2.5.8.5 Disponibilizar serviços em campanha, que envolvam serviços de banho, barbearia, lavanderia, substituição/reparação de uniformes e assuntos mortuários.

2.5.8.6 Apoiar a execução da assistência religiosa a militares, da assistência aos baixados e do cerimonial religioso para militares falecidos em combate.

2.5.8.7 Prevenir o estresse de combate e operacional, com o estabelecimento de programas comportamentais de prevenção ao estresse e apoio psicológico.

2.5.9 REALIZAR A GESTÃO ORÇAMENTÁRIA E PATRIMONIAL

2.5.9.1 Apoiar o escalão superior na realização do planejamento financeiro, calculando os recursos necessários à execução do apoio logístico no âmbito da GU.

2.5.9.2 Realizar o registro contábil e o controle patrimonial dos recursos e meios recebidos, em conformidade com as normas em vigor.

2.6 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

2.6.1 O B Log possui a seguinte organização:

- a) Comando e Estado-Maior (Cmdo e EM);
- b) Companhia de Comando e Apoio (CCAp);
- c) Companhia de Manutenção (Cia Mnt);
- d) Companhia de Suprimento (Cia Sup);
- e) Companhia de Transporte (Cia Trnp); e
- f) Companhia de Saúde (Cia Sau).

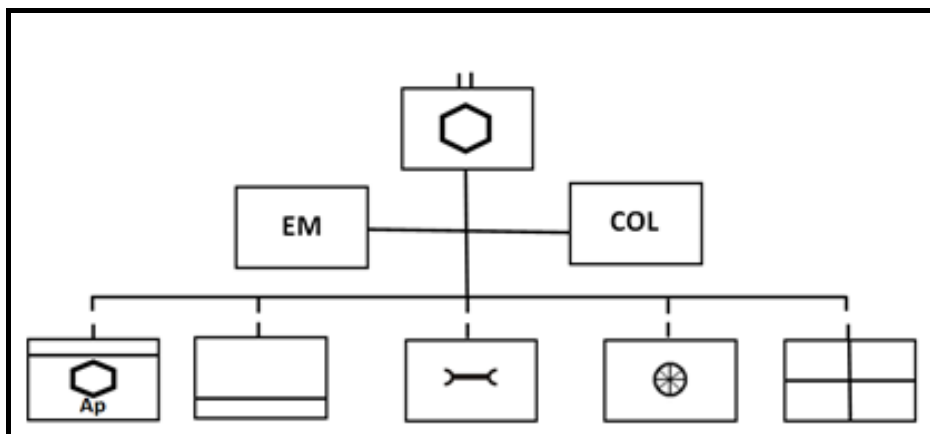


Fig 2-1 – Organização do B Log

2.6.2 Em operações, o B Log pode, dependendo da situação e da disponibilidade de meios, ser reforçado. A composição e natureza do reforço são condicionados pela natureza da missão e da tropa a apoiar, dimensões da área de responsabilidade, disponibilidade de recursos logísticos e de meios civis, possibilidade de danos à população civil, entre outros fatores.

2.6.3 Em relação à execução das atividades e tarefas da função logística recursos humanos, o B Log não possui estrutura ou fração para apoio às OM da brigada. Contudo, em operações, o B Log pode receber uma Cia RH A do B RH, que desdobrará as instalações logísticas dos pelotões da Cia RH A na BLB.

2.6.4 COMANDO E ESTADO-MAIOR

2.6.4.1 É formado pelo Comandante do Batalhão, pelo EM e pelo Centro de Operações Logísticas (COL).

2.6.4.2 O comandante (Cmt) é o responsável pelas ações e atividades da U. Suas atribuições incluem o planejamento, a organização, o comando, a coordenação e o controle do emprego do B Log.

2.6.4.3 O subcomandante (SCmt) é o principal assessor e o substituto eventual do Cmt. As atribuições específicas do SCmt variam de acordo com as diretrizes do Cmt, com destaque para a orientação e coordenação dos elementos do EM da unidade.

2.6.4.4 O EM assessora o comandante por meio do estudo de situação e da elaboração de planos e ordens para o cumprimento da missão. O EM da unidade é constituído pelo SCmt, oficial de pessoal (S-1), oficial de inteligência (S-2), oficial de operações (S-3) e oficial de logística (S-4).

2.6.4.5 O COL é o setor responsável pelas atividades logísticas (operações correntes e futuras) no âmbito do B Log. O chefe (Ch) do COL é o principal assessor do comando para fins de apoio logístico.

2.6.5 COMPANHIA DE COMANDO E APOIO

2.6.5.1 A CCAp tem a seguinte estrutura: Comando (Cmdo); Seção de Comando (Seç Cmdo); Pelotão de Comando (Pel Cmdo); Pelotão de Apoio (Pel Ap); Pelotão de Comunicações (Pel Com); 2 (dois) Pelotões de Segurança (Pel Seg); e Pelotão de Manutenção e Transporte (Pel Mnt Trnp).

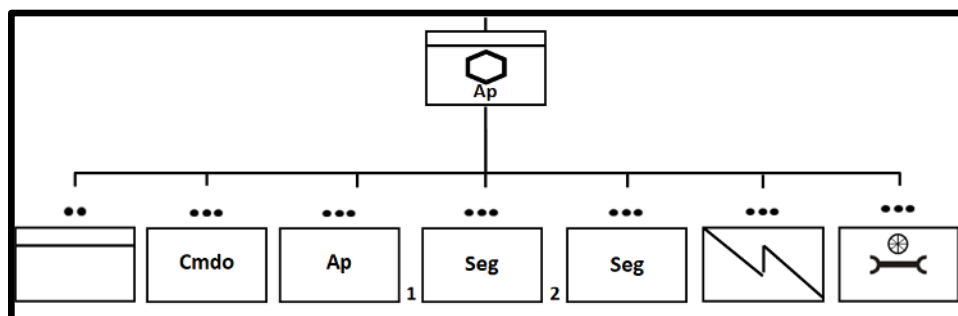


Fig 2-2 – Organização da CCAp

2.6.5.2 A CCAp tem a missão de apoiar o Cmdo da unidade com os meios necessários à condução das operações logísticas; prover o apoio logístico orgânico do batalhão; instalar o posto de comando e o sistema de comando e controle do B Log; desdobrar e operar a AT do B Log; e proporcionar segurança à BLB e aos deslocamentos dos comboios logísticos, abrangendo a área de influência do B Log.

2.6.5.3 Comando (Cmdo)

2.6.5.3.1 O comandante da CCAp tem as mesmas atribuições de qualquer Cmt de SU incorporada, com as peculiaridades decorrentes da missão e organização de sua companhia.

2.6.5.3.2 Para planejar, coordenar e executar seus encargos, deverá manter estreito contato com o EM da unidade. Por exemplo, com o S-1 e o S-4, coordenará as missões de apoio logístico no âmbito do B Log e, com o S-2 e o S-3, a condução do sistema de comando e controle do batalhão.

2.6.5.3.3 Devido à própria natureza dos seus encargos, permanece a maior parte do tempo no posto de comando (PC) do B Log.

2.6.5.4 Seção de Comando (Seç Cmdo)

2.6.5.4.1 A Seç Cmdo reúne o efetivo e os meios necessários para apoiar o Cmdo da SU, realizar o controle dos efetivos e do material, supervisionar a distribuição de suprimento às frações e coordenar a manutenção do material, armamento (Armt) e viaturas da companhia. Desdobra e opera o PC da CCAp.

2.6.5.4.2 A Seç Cmdo tem, ainda, a missão de prover os recursos necessários para o desdobramento e funcionamento do PC do batalhão.

2.6.5.4.3 Organiza-se em: Grupo de Comando (Gp Cmdo), Grupo de Material (encarregado de material), Grupo de Pessoal (sargenteante), Grupo de Suprimento (furriel).

2.6.5.5 Pelotão de Comando (Pel Cmdo)

2.6.5.5.1 O Pel Cmdo enquadra o efetivo e os meios de todas as frações que apoiam diretamente o Cmt, o SCmt, as seções do EM da unidade e o COL.

2.6.5.5.2 O Pel Cmdo é constituído pelo Grupo de Comando (Gp Cmdo), pela Seção do Estado-Maior Pessoal (Seç EMP), Seção de Estado-Maior Geral (Seç EMG), Seção do Estado-Maior Especial (Seç EM Esp) e pela Seção do Centro de Operações Logísticas (Seç COL).

2.6.5.5.3 O emprego funcional das praças é responsabilidade dos respectivos chefes de seção do EM do batalhão.

2.6.5.6 Pelotão de Apoio (Pel Ap)

2.6.5.6.1 O Pel Ap tem a missão de prover pessoal e material para o funcionamento do apoio logístico orgânico ao batalhão. Estrutura-se em: Grupo de Comando (Gp Cmdo); Seção de Suprimento (Seç Sup); Seção de Aprovisionamento (Seç Aprv) e Seção de Saúde (Seç Sau).

2.6.5.6.2 O comandante de pelotão (Cmt Pel) é o mais apto a desempenhar a função de oficial de suprimento do batalhão.

2.6.5.6.3 A Seç Sup realiza o suprimento interno da unidade.

2.6.5.6.4 A Seç Aprv confecciona a alimentação para todo o efetivo do B Log.

2.6.5.6.5 A Seç Sau instala e opera o posto de socorro (PS) da unidade, sob supervisão do S-4 e a comando do oficial de saúde do B Log.

2.6.5.6.6 O oficial médico é responsável por assessorar o S-1 no controle de baixas, o S-2 nas questões de inteligência médica e o S-4 na logística interna de saúde.

2.6.5.6.7 O oficial de saúde do B Log tem as seguintes atribuições específicas:

- a) propor a localização (Loc) do PS do B Log e supervisionar o seu funcionamento;
- b) manter o Cmt do batalhão (Btl) informado sobre a situação sanitária da tropa;
- c) coordenar a evacuação dos feridos até o posto de atendimento avançado (PAA) da BLB;
- d) assessorar o comandante em relação aos efeitos dos agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares (QBRN);
- e) propor a localização do posto de socorro (PS) no interior da AT do B Log; e
- f) fazer executar as normas relativas aos primeiros socorros, para a coleta, a triagem e a evacuação dos feridos e para a prevenção de doenças.

2.6.5.7 Pelotão de Comunicações (Pel Com)

2.6.5.7.1 O Pel Com tem a missão de instalar, explorar e manter o sistema de comando e controle do batalhão. Estrutura-se em: Comando; Grupo de Comando; e 2 (duas) Seções de Comunicações.

2.6.5.7.2 O comandante do pelotão é o oficial de comunicações e eletrônica (O Com Elt) da unidade.

2.6.5.7.3 O comandante do Pel Com é o oficial de comunicações da unidade. Suas principais atribuições são:

- a) assessorar o comandante do batalhão e seu estado-maior sobre assuntos relacionados com as comunicações e localização do PC;
- b) auxiliar na preparação de diretrizes de instrução relativas às comunicações e na fiscalização da instrução técnica de todo o pessoal de comunicações do batalhão;
- c) planejar e supervisionar a instalação e exploração do material de comunicações distribuído ao seu pelotão;
- d) providenciar para que a documentação de comunicações seja mantida em dia e em ordem; e
- e) fiscalizar a manutenção de primeiro escalão do material orgânico do B Log.

2.6.5.7.4 A seção de comunicação do Pel Com é composta por turmas que podem destacar elementos para apoiar o comando dos destacamentos logísticos ou outras situações que exijam cerrar o apoio.

2.6.5.8 1ª Pelotão de Segurança (1ª Pel Seg)

2.6.5.8.1 O 1ª Pel Seg, baseado na estrutura de um pelotão de fuzileiros de um BI Mtz, planeja e executa a segurança das instalações do PC do batalhão e operacionaliza o combate a incêndio do B Log.

2.6.5.8.2 O Pel Seg é constituído pelo Gp Cmdo, 3 (três) Grupos de Combate (GC) e um Grupo de Combate a Incêndio (Gp Cmb Incd).

2.6.5.8.3 O GC é responsável por proporcionar a segurança, realizar reconhecimento, patrulhamento e ações de combate relacionadas com a defesa aproximada da área do PC/B Log.

2.6.5.9 2º Pelotão de Segurança (2º Pel Seg)

2.6.5.9.1 O 2º Pel Seg, baseado na estrutura do pelotão de exploradores da Cavalaria, planeja e executa a segurança dos comboios em deslocamento. Pode ainda ser empregado no reconhecimento de itinerários em prol da atividade logística e na segurança de reconhecimentos das áreas de desdobramento da base logística de brigada.

2.6.5.9.2 O 2º Pel Seg é constituído pelo Gp Cmdo e 3 (três) Grupos de Exploradores (G Exp).

2.6.5.9.3 O G Exp é o elemento básico responsável por proporcionar a segurança, realizar reconhecimento, patrulhamento e ações de combate relacionadas com a segurança dos comboios em deslocamento.

2.6.5.9.4 De acordo com a natureza da missão a ser cumprida e das condições de segurança da área de operações, esse pelotão poderá ser dotado com meios blindados leves, a fim de proporcionar as melhores condições de proteção dos comboios militares.

2.6.5.10 Pelotão de Manutenção e Transporte (Pel Mnt Trnp)

2.6.5.10.1 O Pel Mnt Trnp realiza a manutenção das viaturas, dos armamentos e equipamentos do B Log, bem como realiza o transporte de pessoal e material orgânico do batalhão.

2.6.5.10.2 É constituído pelo Gp Cmdo, Seção de Transporte (Seç Trnp) e Seção de Manutenção (Seç Mnt).

2.6.6 COMPANHIA DE MANUTENÇÃO

2.6.6.1 A Companhia de Manutenção (Cia Mnt) é a SU orgânica do B Log com a missão de proporcionar o apoio de manutenção de 2º escalão; complementar a manutenção de 1º escalão dos elementos apoiados; e realizar o salvamento do material salvado e capturado.

2.6.6.2 Em complemento às suas atividades, a Cia Mnt transporta as peças e conjuntos de reparação de material das classes II, III (óleos e lubrificantes), V (Armt), VI, VII, IX e X utilizados na manutenção dos materiais de emprego militar (MEM) de sua responsabilidade. Pode ainda realizar inspeções técnicas e

elaborar pareceres sobre combustíveis, óleos lubrificantes, munições, armamentos, motomecanizados e salvamento.

2.6.6.3 O B Log não realiza a manutenção dos equipamentos e materiais de aviação, da artilharia de mísseis e foguetes, de DQBRN, de engenharia das OM de Engenharia e de comunicações e guerra eletrônica das OM de Comunicações. Tal logística especializada é realizada pelas próprias OM detentoras do material ou por OM Mnt do escalão superior.

2.6.6.4 A Cia Mnt tem a seguinte estrutura:

- a) Comando (Cmdo);
- b) Seção de Comando (Seç Cmdo);
- c) Pelotão de Apoio de Material Bélico (Pel Ap MB);
- d) Pelotão Leve de Manutenção (Pel L Mnt);
- e) 1º Pelotão Pesado de Manutenção (1º Pel P Mnt); e
- f) 2º Pelotão Pesado de Manutenção (2º Pel P Mnt).

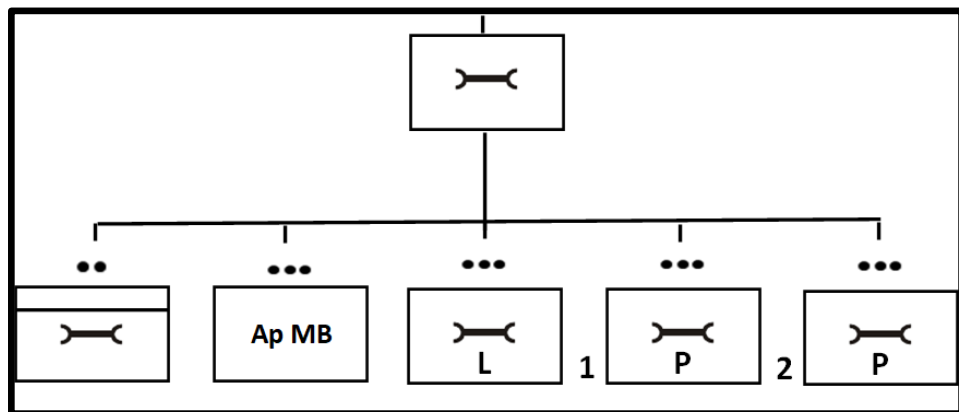


Fig 2-3 – Organização da Cia Mnt

2.6.6.5 A Cia Mnt tem constituição modular e se adequa às capacidades requeridas ao B Log.

2.6.6.6 Nenhum elemento da companhia fica em reserva. Quando não há a necessidade de emprego junto às AT das OM, os meios leves de manutenção são centralizados na companhia, atuando em apoio ao conjunto.

2.6.6.7 Comando (Cmdo)

2.6.6.7.1 O Cmt Cia Mnt é o assessor do comandante do batalhão logístico (Cmt B Log) nos assuntos relacionados à manutenção e salvamento, bem como é o responsável pela administração, preparo e emprego da SU.

2.6.6.7.2 O SCmt da SU é o principal auxiliar do Cmt e seu substituto eventual. Ele coordena as medidas administrativas internas.

2.6.6.8 Seção de Comando (Seç Cmdo)

2.6.6.8.1 A Seç Cmdo reúne o efetivo e os meios necessários para apoiar o comando da SU, realizar o controle dos efetivos e do material, supervisionar a distribuição de suprimento às frações e realizar o controle da manutenção.

2.6.6.9 Pelotão de Apoio de Material Bélico (Pel Ap MB)

2.6.6.9.1 O Pel Ap MB é a fração orgânica da Cia Mnt responsável por instalar e operar o Posto de Distribuição de Material Bélico (P Distr MB) por meio do qual recebe, armazena, distribui e controla o estoque de lubrificantes, peças e conjuntos de reparação e outros itens empregados nas atividades da SU. Incluem-se, nesse suprimento, as peças de reposição do material das classes CI II (intendência), III (óleos, lubrificantes e afins), V (armamento), VI (engenharia), VII (comunicações), IX (motomecanização) e X (outras classes); e realiza o apoio de salvamento aos elementos apoiados, instalando e operando o Posto de Coleta de Salvados (P Col Slv) da GU.

2.6.6.9.2 É ainda responsável por prestar os serviços necessários para viabilizar a manutenção executada pelos demais pelotões tais como solda, usinagem, lanternagem, pintura, carpintaria e borracharia.

2.6.6.10 Pelotão Leve de Manutenção (Pel L Mnt)

2.6.6.10.1 O Pel L Mnt é a fração orgânica da Cia Mnt responsável por: proporcionar o apoio cerrado de manutenção de 2ª escalão; complementar a manutenção de 1ª escalão dos elementos apoiados; prestar assistência técnica; e realizar inspeções técnicas quando solicitado.

2.6.6.11 Pelotões Pesados de Manutenção (Pel P Mnt)

2.6.6.11.1 Os Pel P Mnt são frações orgânicas da Cia Mnt responsáveis por proporcionar o apoio de manutenção de 2ª escalão dos elementos apoiados. Podem, eventualmente, reforçar o Pel L Mnt com equipes de manutenção especializadas. Os Pel P Mnt instalam e operam as oficinas de manutenção.

2.6.6.11.2 O 1º Pel P Mnt, de acordo com sua organização e com os recursos que o dotam, é vocacionado para a manutenção de armamento leve, armamento pesado e instrumentos de observação e controle do tiro (IODCT); de material de intenção; de equipamentos de saúde; de equipamentos de Engenharia; e equipamentos de comunicações e eletrônica.

2.6.6.11.3 O 2º Pel P Mnt, pelos mesmos critérios, é vocacionado para a manutenção de viaturas não blindadas, de viaturas blindadas sobre rodas e de viaturas blindadas sobre lagartas.

2.6.7 COMPANHIA DE SUPRIMENTO

2.6.7.1 A Companhia de Suprimento (Cia Sup) tem a missão de suprir a brigada nos itens das classes I (inclusive água), III, V (Mun) e produtos acabados das classes II, IV, V(Armt), VI, VII, VIII, IX e X, bem como manter a RO da GU em condições de ser distribuída.

2.6.7.2 A Cia Sup tem a seguinte estrutura:

- a) Comando (Cmdo);
- b) Seção de Comando (Seç Cmdo);
- c) Pelotão de Suprimento Classe I (Pel Sup CI I);
- d) Pelotão de Suprimento Classe III (Pel Sup CI III);
- e) Pelotão de Suprimento Classe V (Pel Sup CI V);
- f) Pelotão de Suprimento Outras Classes (Pel Sup O CI); e
- g) Pelotão de Suprimento de Material Bélico (Pel Sup MB).

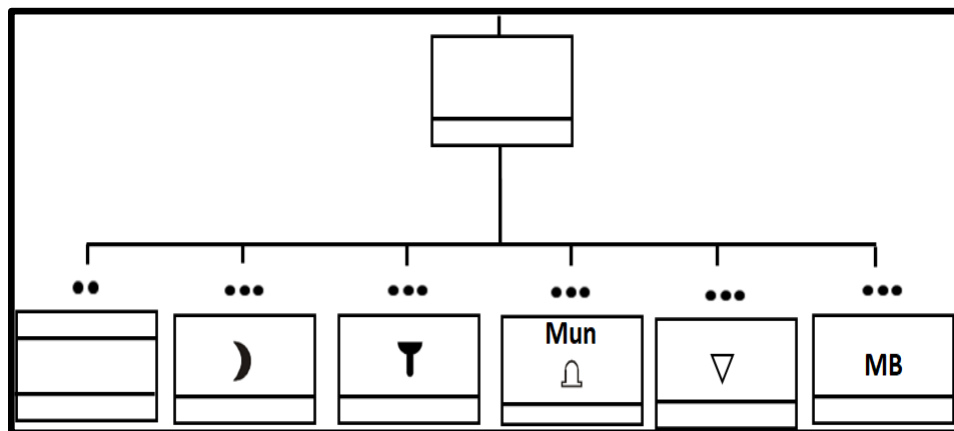


Fig 2-4 – Organização da Cia Sup

2.6.7.3 A Cia Sup tem constituição modular e adequada às capacidades requeridas ao B Log.

2.6.7.4 Os pelotões dessa SU possuem os meios necessários para a armazenagem e o transporte da RO da brigada, especialmente as classes de suprimento I, III e V (Mun).

2.6.7.5 Comando (Cmdo)

2.6.7.5.1 O comandante da Cia Sup é o assessor do comandante do B Log nos assuntos relacionados ao suprimento e o responsável pela administração, preparo e emprego da SU. Para tanto, deve:

- a) assessorar o comando do batalhão nos assuntos relacionados ao suprimento das classes de responsabilidade da SU;
- b) propor medidas para o recebimento, estocagem, movimentação de cargas, unitização, distribuição e registro de suprimentos;
- c) exercer a supervisão sobre a instrução técnica dos integrantes das SU; e
- d) planejar e supervisionar as ações de suprimento das classes de competência da SU.

2.6.7.5.2 O SCmt da SU é o principal auxiliar do Cmt e seu substituto eventual. Ele coordena as medidas administrativas internas.

2.6.7.6 Seção de Comando (Seç Cmdo)

2.6.7.6.1 A Seç Cmdo reúne o efetivo e os meios necessários para apoiar o comando da subunidade, realizar o controle dos efetivos e do material, supervisionar a distribuição de suprimento às frações e coordenar a manutenção do material, do armamento e das viaturas da companhia. É responsável ainda pelo planejamento e controle dos fluxos de materiais, gestão de estoque e controle contábil do suprimento sob guarda dos pelotões de suprimento da SU e pela preparação das cargas a serem transportadas para as OM apoiadas.

2.6.7.7 Pelotão de Suprimento Classe I (Pel Sup CI I)

2.6.7.7.1 Responsável pelo apoio de classe I (suprimento de subsistência e água), o pelotão instala e opera 1 (um) posto de distribuição classe I (P Distr CI I) e 1 (um) posto de distribuição de água (P Distr Agu). Desdobra-se, normalmente, na BLB, buscando a máxima utilização de instalações existentes e pontos para a captação de água, em local de fácil acesso para as viaturas e de fácil ligação com a estrada principal de suprimento (EPS).

2.6.7.8 Pelotão de Suprimento Classe III (Pel Sup CI III)

2.6.7.8.1 O Pel Sup CI III é responsável pelo apoio de suprimento classe III (combustíveis, óleos e lubrificantes). Tem a missão de instalar e operar o P Distr CI III conforme a necessidade do combate. Desdobra-se, normalmente, na BLB, buscando a máxima utilização de instalações existentes, em local de fácil acesso para as viaturas e de fácil ligação com a EPS para o escalão superior e para os elementos apoiados.

2.6.7.9 Pelotão de Suprimento Classe V (Munição) (Pel Sup CI V (Mun))

2.6.7.9.1 O Pel Sup CI V (munição) é responsável pelo apoio de suprimento classe V (munição, explosivos e artefactos pirotécnicos). Tem a missão de instalar e operar o posto de distribuição classe V (P Distr CI V (Mun)), de acordo com a situação tática e logística. Desdobra-se, normalmente, na BLB, buscando a máxima utilização de instalações existentes, em local de fácil acesso para as viaturas e de fácil ligação com a EPS.

2.6.7.10 Pelotão de Suprimento Outras Classes (Pel Sup O CI)

2.6.7.10.1 O Pel Sup O CI é responsável pelo apoio de material das classes II, IV, VI, VII, VIII e X. Tem a missão de instalar e operar 1 (um) posto de distribuição de outras classes (P Distr O CI), conforme a necessidade do combate. Desdobra-se, normalmente, na BLB, buscando a máxima utilização de instalações existentes.

2.6.7.10.2 Quando a situação tática e logística exigir, poderá instalar os postos de distribuição das classes que opera (II, IV, VI, VII, VIII e X), empregando os meios disponíveis nos grupos de suprimento que compõem a fração.

2.6.7.11 Pelotão de Suprimento de Material Bélico (Pel Sup MB)

2.6.7.11.1 O Pel Sup MB é responsável pelo apoio de suprimento das classes V (armamento) e IX (motomecanizados). Tem a missão de instalar e operar 1 (um) posto de distribuição de material bélico (P Distr MB), conforme as necessidades operacionais. Desdobra-se, na BLB, buscando máxima utilização de instalações existentes.

2.6.7.11.2 Quando a situação tática e logística exigir, poderá instalar os postos de distribuição das classes que opera (V (Armt) e IX), empregando os meios disponíveis nos grupos de suprimento que compõem a fração.

2.6.8 COMPANHIA DE TRANSPORTE

2.6.8.1 A Companhia de Transporte (Cia Trnp) tem a missão de transportar todo o material das classes de suprimento I (inclusive os artigos refrigerados e refrigerados) e água, III e V (Mun) e produtos acabados das classes II, IV, V (Armt), VI, VII, VIII, IX e X para a distribuição deles às OM desdobradas na área de responsabilidade da brigada. Pode, eventualmente, complementar o transporte de pessoal das unidades da GU.

2.6.8.2 O grupo de transporte é o elemento básico de apoio de transporte. Cada grupo possui uma natureza de apoio distinta, podendo ser apto ao transporte de carga geral, pessoal ou carga especializada. A junção dos grupos de transporte performam as seções de transporte, que, por sua vez, organizam-se nos pelotões de transporte. Dessa organização decorre a modularidade da Cia Trnp/B Log.

2.6.8.3 A Cia Trnp tem a seguinte estrutura:

- a) Comando (Cmndo);
- b) Seção de Comando (Seç Cmndo);
- c) Pelotão de Transporte Geral (Pel Trnp Ge); e
- d) Pelotão de Transporte Especializado (Pel Trnp Esp).

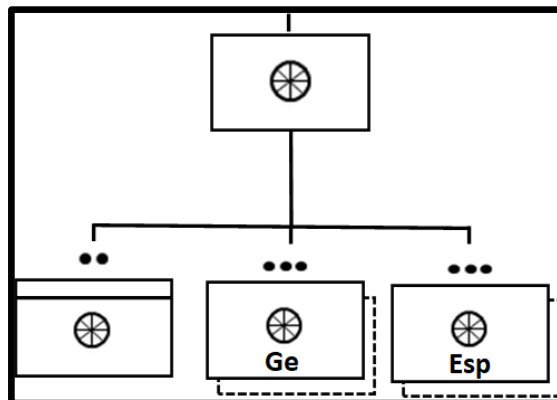


Fig 2-5 – Organização da Cia Trnp

2.6.8.4 Os pelotões da Cia Trnp possuem constituição modular e móvel, a fim de destacar seções ou grupos de transporte para o desdobramento do Dst Log, Posto de Suprimento Móvel, Reserva Móvel, ou serem destacados em reforço à Cia Sup para fins de transporte da RO da brigada.

2.6.8.5 O comandante da Cia Trnp é o responsável pela supervisão das instalações, da segurança, do deslocamento e do funcionamento da companhia.

2.6.8.6 Quando a situação tática exigir, a Cia Trnp pode receber pelotões de transporte adicionais, de modo a se adequar às necessidades logísticas da GU apoiada.

2.6.8.7 Seção de Comando (Seç Cmndo)

2.6.8.7.1 A Seç Cmndo reúne o efetivo e os meios necessários para apoiar o comando da SU, realizar o controle do efetivo e do material, supervisionar a distribuição de suprimento às frações e coordenar a manutenção do material, armamento e viaturas da companhia. É responsável, ainda, pelo planejamento e controle dos fluxos de viaturas e comboios da subunidade.

2.6.8.8 Pelotão de Transporte Geral (Pel Trnp Ge)

2.6.8.8.1 O Pel Trnp Ge é a fração encarregada de proporcionar o transporte de cargas de suprimento que não necessitem de meios especializados. Estão incluídos nessas cargas os itens de suprimento das classes I (carga seca) e água

envasada; classe II; classe III (óleos e lubrificantes); classe IV; classe V (munição); classe VI (exceto equipamentos pesados de Engenharia); classe VII; classe VIII (exceto sangue e hemoderivados); classe IX; e classe X.

2.6.8.8.2 Complementarmente, o pelotão de transporte geral poderá ser empregado no transporte de pessoal, de acordo com o estudo de situação do comando enquadrante.

2.6.8.9 Pelotão de Transporte Especializado (Pel Trnp Esp)

2.6.8.9.1 O Pel Trnp Esp é a fração encarregada de proporcionar o transporte de cargas de suprimento que necessitam de técnicas e procedimentos especializados, seja durante o embarque ou carregamento, seja durante o deslocamento, empregando meios de transporte dotados de equipamentos e características especiais. Estão incluídos nessas cargas os itens de suprimento da classe I (frigorificados e refrigerados); água; classe III (combustíveis); classe V (munições que necessitam de temperatura controlada); classe VI (equipamentos pesados de engenharia); classe VIII (sangue e hemoderivados); e classe IX (blindados e viaturas pesadas).

2.6.9 COMPANHIA DE SAÚDE

2.6.9.1 A Companhia de Saúde (Cia Sau) tem a missão de prestar a assistência médica de urgência, inclusive tratamento odontológico de emergência, instalar e operar o posto de atendimento avançado (PAA) e realizar, com seus próprios meios, a evacuação de feridos, doentes e acidentados de todos os elementos da GU.

2.6.9.2 De acordo com a situação tática, a Cia Sau deve ter a capacidade de desdobrar 2 (dois) postos de atendimento leve, com base no emprego seletivo dos meios do PAA. Para tal, as frações que a compõem são estruturadas de maneira modular.

2.6.9.3 A Cia Sau tem a seguinte estrutura:

- a) Comando (Cmdo);
- b) Seção de Comando (Seç Cmdo);
- c) Pelotão de Apoio (Pel Ap);
- d) Pelotão de Apoio de Saúde (Pel Ap Sau); e
- e) Pelotão de Atendimento Avançado (Pel Atd A); e
- f) Pelotão de Evacuação (Pel Ev).

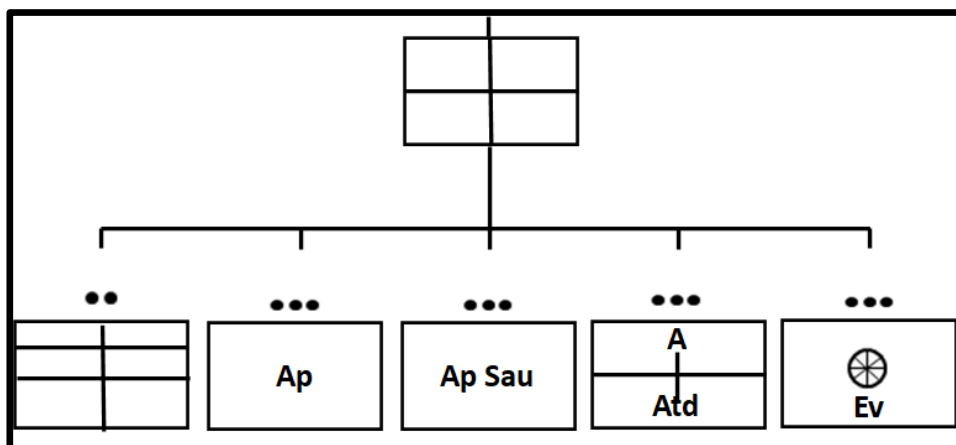


Fig 2-6 – Organização da Cia Sau

2.6.9.4 O comandante da companhia de saúde (Cmt Cia Sau) é o responsável pela supervisão das instalações, da segurança, do deslocamento e do funcionamento da companhia.

2.6.9.5 Seção de Comando (Seç Cmdo)

2.6.9.5.1 A Seç Cmdo reúne o efetivo e os meios necessários para apoiar o comando da SU, realizar o controle do efetivo e do material, supervisionar a distribuição de suprimento às frações e coordenar a manutenção do material, armamento e viaturas da companhia. É responsável, ainda, pelo planejamento e controle dos fluxos de viaturas e comboios da subunidade.

2.6.9.6 Pelotão de Apoio (Pel Ap)

2.6.9.6.1 O Pel Ap tem a missão de prover pessoal e material para a montagem e manutenção do posto de atendimento avançado (PAA).

2.6.9.7 Pelotão de Apoio de Saúde (Pel Ap Sau)

2.6.9.7.1 O Pel Ap Sau é o responsável pelo suporte técnico às atividades realizadas pelo Pel Atd A, nas áreas de diagnóstico por imagem, exames laboratoriais, suprimento classe VIII e enfermagem.

2.6.9.8 Pelotão de Atendimento Avançado (Pel Atd A)

2.6.9.8.1 O Pel Atd A mobilia o PAA com as especialidades médicas de maior complexidade, sendo responsável por fornecer profissionais para equipes cirúrgicas (cirurgia de controle de danos), suporte pós-cirúrgico (terapia intensiva) e equipe de saúde operacional em condições de oferecer suporte às missões desenvolvidas pelas OM apoiadas.

2.6.9.9 Pelotão de Evacuação (Pel Ev)

2.6.9.9.1 O Pel Ev é responsável pela evacuação de doentes e feridos desde os PS até o PAA. Em casos excepcionais, poderá ir até as instalações de Saúde do escalão superior.

CAPÍTULO III

COMANDO E CONTROLE

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 O sistema de comando e controle (C²) possibilita ao comandante do B Log e seu EM emitir suas ordens aos elementos subordinados e acompanhar a eficácia das decisões tomadas.

3.1.2 O sistema de C² emprega meios de TIC e cumpre o papel de transmitir as informações necessárias ao exercício do controle, em especial à gestão da cadeia logística e à identificação dos pontos de decisão e tarefas críticas ao apoio.

3.1.3 O sistema de C² deve possuir alto grau de flexibilidade, que permita adaptar-se à evolução das operações e às consequentes flutuações do fluxo logístico.

3.2 RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS DE COMANDO E CONTROLE

3.2.1 O chefe da 3ª Seção é o responsável pelo planejamento do sistema de comunicações, contando, para tal, com o assessoramento do Cmt Pel Com/CCAp.

3.2.2 O Cmt Pel Com é o Oficial de Comunicações do B Log. Como elemento especializado, assessora o Cmt e o EM acerca de todos os aspectos relativos às comunicações. Além disso, é o encarregado da instalação, exploração, manutenção e proteção das ligações internas da OM, assim como do planejamento, da coordenação e supervisão das atividades de comunicações de todos os elementos da OM.

3.2.3 A responsabilidade pela ligação do B Log com o escalão superior é do Cmt Pel Com, a não ser que existam ordens específicas para que essa responsabilidade seja modificada.

3.3 POSTOS DE COMANDO

3.3.1 Os PC compreendem as instalações e os meios necessários para que o comandante do B Log e seus órgãos auxiliares possam exercer o C² das operações a seu encargo.

3.3.2 A escolha do local para a instalação do PC do batalhão é uma decisão do comandante. Cabe ao S-3, assessorado pelo oficial de comunicações, propor a localização dessa instalação, considerando os fatores de decisão previstos para escolha do local mais adequado.

3.3.3 O PCP do B Log é constituído, normalmente, pelo Cmt, pelo Subcomandante, pelo Estado-Maior, pelo Centro de Operações de Logísticas e por outros elementos especializados, a critério do comandante.

3.3.4 O posto de comando alternativo é a instalação de C² que deve estar em condições de assumir as funções do PCP em situações de emergência, em que sua funcionalidade pode vir a ser comprometida.

3.4 MEIOS DE COMUNICAÇÕES

3.4.1 O sistema de TIC do batalhão deve ser planejado de forma a integrar todos os sistemas de enlace (por satélite, por micro-ondas em visada direta, por rádio, por físico ou por mensageiro) disponíveis no B Log com os sistemas de apoio à decisão e demais sistemas informatizados de rede, a fim de permitir ao comando as ligações necessárias com seus elementos subordinados e elementos apoiados.

3.4.2 O planejamento minucioso para o emprego de cada meio é imprescindível, de forma a priorizar o mais adequado a cada momento da operação, proporcionando maior confiabilidade, flexibilidade, sigilo e rapidez, com o mínimo de esforço e material ao sistema C².

3.5 LIGAÇÕES NECESSÁRIAS

3.5.1 As ligações necessárias são constituídas pelos contatos diretos ou indiretos que devem ser estabelecidos entre o B Log e outros escalões envolvidos em uma operação militar. Tais ligações são indispensáveis para o exercício do C².

3.5.2 Para cada ligação, haverá um elemento responsável por estabelecê-la e por fornecer, quando necessário, equipamentos de comunicações aos outros elementos envolvidos nessa ligação.

3.5.3 A responsabilidade pelas ligações necessárias, em um determinado escalão, obedece aos seguintes princípios:

a) o escalão superior tem a responsabilidade pela ligação com seus escalões diretamente subordinados, incluindo-se os recebidos em reforço ou em integração;

b) o elemento que apoia é responsável pela ligação com o apoiado; e
 c) entre elementos vizinhos, caso não haja instruções específicas, a responsabilidade é do elemento da esquerda, considerando-se o observador com sua frente voltada para o inimigo.

3.5.4 As necessidades externas de ligação incluem aquelas em que o B Log necessita manter contato com o escalão superior (Esc Sup), com as organizações apoiadas, vizinhas e com as organizações que apoiam ou reforçam o batalhão.

3.5.5 As necessidades de ligações internas incluem aquelas indispensáveis ao controle e coordenação das atividades desenvolvidas pelo comando e de suas peças de manobra.

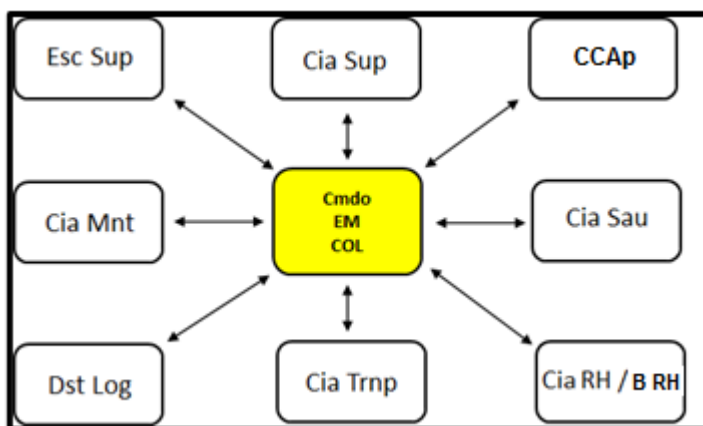


Fig 3-1 – Ligações necessárias

3.5.6 Nas situações em que o Cmt B Log tiver que empregar suas subunidades ou frações subordinadas sem poder exercer conveniente controle sobre elas, haverá necessidade de descentralizar o comando sob uma das seguintes situações: reforço, integração ou controle operativo.

3.5.7 A responsabilidade pelas ligações pode ser modificada por diretrizes específicas do escalão superior ou pelo comandante do batalhão logístico, a qualquer tempo, conforme o estudo de situação julgar mais adequado para o momento da operação.

CAPÍTULO IV

DESDOBRAMENTO LOGÍSTICO

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 Considera-se o B Log desdobrado quando as seguintes condições forem atingidas: o comando, as comunicações e as ligações estiverem estabelecidas; as instalações logísticas estiverem funcionando; e a segurança orgânica tiver sido estabelecida. O tempo médio para o desdobramento total é de 6 (seis) horas, a partir da chegada na posição de desdobramento.

4.1.2 O desdobramento é parcial quando parte das instalações que integram o B Log estiverem funcionando sobre rodas, havendo interesse em estabelecer em uma determinada localidade, de maneira temporária, uma BLB. O tempo médio para o desdobramento parcial é de 2 (duas) horas.

4.1.3 O Cmt B Log é o responsável pelo desdobramento da unidade. O desdobramento adequado exige uma série de requisitos, dentre os quais se destacam: o conhecimento dos planos da GU apoiada e das necessidades de apoio logístico; o conhecimento da situação logística existente; os reconhecimentos contínuos e a seleção adequada das EPS, áreas de desdobramento, locais para as instalações logísticas e outras imposições; o planejamento para a realização de mudanças de BLB, visando a atender à continuidade de apoio às missões futuras; as medidas de segurança; e o planejamento para a ultrapassagem de outros elementos logísticos.

4.1.4 A ocupação da área compreende várias tarefas que são executadas simultânea ou sucessivamente. A execução das tarefas varia conforme a missão imposta e o tipo de B Log.

4.1.5 A ocupação da BLB e seu desdobramento devem atender às seguintes tarefas: trabalhos preparatórios para o reconhecimento e mudança de posição; a execução do reconhecimento, no escalão unidade; a apresentação dos relatórios ao comandante do batalhão; a decisão do comandante do batalhão; e a ocupação da área e desdobramento do B Log.

4.2 BASE LOGÍSTICA DE BRIGADA

4.2.1 A base logística de brigada é uma área definida e destinada ao desdobramento das instalações do B Log para o apoio à GU. Ela compreende a área onde são desdobrados os meios orgânicos do B Log e outros recursos específicos necessários ao apoio a uma GU.

4.2.2 Em princípio, na BLB, são executadas as tarefas das funções logísticas suprimento, manutenção, transporte, saúde e salvamento com meios do B Log. A função logística recursos humanos somente poderá ser realizada se forem recebidos os meios do Gpt Log.

4.2.3 Em determinadas situações, na BLB, o batalhão poderá receber, temporariamente, meios em apoio suplementar e/ou recursos logísticos para prestação do apoio a outras forças, a agências civis ou à população local.

4.2.4 A BLB é localizada, normalmente, na área de retaguarda da Brigada ou da Divisão de Exército (DE), por proposta do E-4 e considerando os fatores de escolha para sua localização.

4.2.5 FATORES PARA LOCALIZAÇÃO DA BASE LOGÍSTICA DE BRIGADA

4.2.5.1 Fator Manobra

4.2.5.1.1 Aspecto apoio cerrado – traduz-se na avaliação da distância, medida por estrada, até os elementos a apoiar. O apoio será tanto mais cerrado quanto menor for aquela distância. Em relação à BLB, deverá ser considerada como prioritária a Z Aç do elemento que realiza o esforço principal e/ou a ação decisiva.

4.2.5.1.2 Aspecto favorecimento do esforço da ação tática – é caracterizado pela posição relativa da base em face ao esforço principal e/ou à ação decisiva, considerada a malha viária existente. O esforço será tanto mais favorecido quanto mais bem eixada, por estrada, estiver a base em relação ao esforço principal e/ou à ação decisiva.

4.2.5.1.3 Aspecto distância máxima de apoio (DMA) – é a maior distância, medida por estrada, admitida entre a BLB e as ATE das unidades de combate ou AT das unidades de apoio ao combate. Essa distância, expressa em quilômetros, define o intervalo de tempo de que dispõem as viaturas para realizar o percurso de ida e volta entre as instalações de suprimento do escalão apoiador e os trens dos elementos apoiados. A DMA é variável em função de fatores como:

- a) características da região de operações;
- b) possibilidades do inimigo;
- c) condicionantes dos transportes (meios disponíveis); e
- d) grau de segurança desejado.

4.2.5.1.4 Aspecto continuidade do apoio – traduz-se pela capacidade de apoiar a todos os elementos empregados até o fim da operação prevista com o mínimo de mudanças de posição. Assim, quando uma única base pode apoiar toda a manobra, diz-se que ela apresenta as melhores condições quanto a este aspecto.

4.2.5.1.5 Aspecto interferência com a manobra – diz respeito à possibilidade de dificultar ou impedir os deslocamentos das unidades em reserva e das unidades de apoio ao combate, ou, ainda, restringir o espaço necessário ao desdobramento, principalmente, das demais frações. Na análise do presente aspecto, deve-se considerar o espaço físico a ocupar e os reflexos sobre a malha viária adjacente, tanto em relação ao escalão considerado como aos escalões superiores.

4.2.5.1.6 Mudanças de posição acarretam fechamento e reabertura de instalações, mudanças de itinerários, comprometimento de meios de transporte e outras restrições que retardam ou interrompem o fluxo de apoio.

4.2.5.2 Fator Terreno

4.2.5.2.1 Aspecto rede rodoviária compatível – trata-se do estudo da trafegabilidade das vias que assegurem ligações com o escalão apoiador e com os elementos apoiados, e da disposição da malha viária, quando se refere à circulação no interior da base. Daí sua abordagem em três enfoques:

a) ligação com o escalão apoiador – trata-se de verificar se a(s) via(s) que assegura(m) ligação com o elemento apoiador suporta(m) o apoio logístico, principalmente de suprimento, que passará por ela(s) sem prejudicar as necessidades de todos os escalões para fins operacionais e de atendimento da população civil, entre outras;

b) ligação com os elementos apoiados – trata-se de verificar se a(s) via(s) que assegura(m) ligação com os elementos apoiados suporta(m) o apoio logístico, principalmente de suprimento, que passará por ela(s) sem prejudicar as necessidades de todos os escalões para fins operacionais e de atendimento da população civil, entre outras; e

c) circulação interna – a análise de uma região, sob o presente aspecto, tem por objetivo definir as possibilidades de aproveitamento da malha viária nela existente para a circulação em seu interior. Uma vez que o fácil acesso em todas as direções é a condição desejável, a disposição das estradas torna-se mais importante do que a sua quantidade ou qualidade.

4.2.5.2.2 Aspecto existência de construções – refere-se à quantidade, ao tipo e à disposição no terreno das construções existentes e passíveis de serem aproveitadas para melhorar a prestação do apoio, tais como sítios, fazendas, instalações industriais, habitações isoladas, hospitais, escolas, localidades e outras.

4.2.5.2.3 Aspecto cobertas e abrigos – refere-se à existência de cobertas e abrigos naturais capazes de proporcionar ocultação e/ou proteção às instalações. A configuração do terreno e a cobertura vegetal são os parâmetros que, normalmente, definem esse aspecto.

4.2.5.2.4 Aspecto obstáculos no interior da base – consideram-se aqueles, naturais ou artificiais, capazes de restringir ou impedir o movimento sobre uma via de circulação interna ou periférica, de dissociar uma parte do restante da base ou de reduzir seu espaço aproveitável. Podem configurar tais situações: rios, regiões alagadiças, terreno de formação rochosa, ferrovias e outros.

4.2.5.2.5 Aspecto consistência do solo e existência de água – a baixa consistência do solo pode prejudicar a execução do apoio a ser prestado, bem como dificultar a adoção de medidas passivas de proteção (marcação, por afundamento do solo, das trilhas utilizadas). Deve-se verificar a quantidade e a localização das fontes de água disponíveis, suas condições de exploração e a qualidade da água.

4.2.5.2.6 A utilização parcial ou total de localidades demanda a consideração de aspectos como: circulação interna, situação da população, preceitos do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) e disponibilidade de recursos locais.

4.2.5.2.7 A decisão sobre a utilização de localidade para desdobramento da BLB deve considerar os aspectos positivos (facilidade de desdobramento, rapidez na execução do apoio e outros) e negativos (a utilização de qualquer instalação para desdobramento de instalação logística a transformará em alvo militar) que dela advirão.

4.2.5.3 Fator Segurança

4.2.5.3.1 Aspecto Segurança do Fluxo

a) Distância de apoio x possibilidades do inimigo – quanto maior for a distância a percorrer para proporcionar o apoio, maior será a possibilidade de intervenção do inimigo (como guerrilheiros e Elm infiltrados) sobre o fluxo. Isto equivale a dizer que viaturas isoladas ou comboios estarão, por maiores períodos de tempo, expostos à ação inimiga.

b) Pontos críticos x possibilidades do inimigo – um ponto crítico situado ao longo de uma via utilizada como EPS oferece ao inimigo a possibilidade de, atuando sobre ele, interferir no fluxo, levando à sua restrição ou interrupção. A ocorrência desses pontos críticos deve ser observada na ligação com os elementos apoiador e apoiados. Como pontos críticos, podem ser considerados, entre outros: viadutos, pontes, passagens de nível, desfiladeiros e, em determinadas situações, localidades. Torna-se indispensável o reconhecimento no terreno ou o conhecimento das possibilidades do inimigo.

c) EPS x possibilidades do inimigo – a posição relativa das prováveis EPS que estabelecerão a ligação entre uma base e os elementos apoiador e apoiados, em face de regiões adequadas ao homizio de guerrilheiros ou elementos infiltrados. A proximidade ou o afastamento em relação a essas regiões produzirão reflexos variados sobre a segurança dos comboios e o patrulhamento das estradas. Esse estudo deve fundamentar-se no conhecimento específico das possibilidades do inimigo.

d) EPS x flancos expostos – quanto mais próximas as EPS estiverem de flancos expostos às frações inimigas, maior ameaça existe à continuidade do fluxo de apoio. Esse estudo deve fundamentar-se em informações do oficial de operações (E-3).

4.2.5.3.2 Aspecto Segurança das Instalações

a) Dispersão e apoio mútuo – verificar se a área proporciona uma adequada dispersão das instalações sem prejuízo ao apoio mútuo requerido entre as frações que irão se desdobrar no interior na BLB. Essa dimensão varia, principalmente, em função do terreno, dos meios a desdobrar e do grau de risco assumido pelo Cmt. Trata-se, portanto, de avaliar as possibilidades da região escolhida à luz do espaço físico que ela abrange, nele visualizado o desdobramento dos meios.

b) Facilidade em defesa – a defesa das instalações e do pessoal situados na BLB está intimamente relacionada com as características do terreno na região em que se desdobra. A existência de elevações que permitam a instalação de adequados postos de vigilância, a possibilidade de apoiar os limites sobre rio(s) obstáculo(s) ou a inexistência de faixas ou pontos favoráveis à infiltração inimiga são características que valorizam uma região.

c) Proximidade de tropa amiga – verificar se a região analisada tem ou não possibilidade de se beneficiar, da existência de tropa em suas proximidades. Para que se configure essa possibilidade, é necessário que a tropa esteja justaposta à região considerada, ou dela tão próxima que permita incluí-la, total ou parcialmente, no seu dispositivo de segurança. É necessário, ainda, que essa tropa seja de valor e natureza compatíveis com a segurança desejada.

d) Flancos expostos ou protegidos – são analisados em função da localização de uma base em relação a flancos expostos à penetração do inimigo e a flancos seguramente protegidos por tropas ou obstáculos de vulto.

e) Distância de segurança – em princípio, é a distância mínima que a BLB deve estar da artilharia de mísseis e foguetes do inimigo a fim de proteger as instalações logísticas dos fogos desta. Este aspecto pode ser relativizado em razão do risco admitido pelo comandante. Em razão disso, a BLB poderá estar ao alcance da artilharia de foguete do inimigo com a finalidade de se realizar um apoio mais cerrado. A artilharia de tubo poderá também ser considerada caso haja informações de que o inimigo possua um eficiente sistema de busca de alvos (ameaças). A análise sob o presente aspecto consiste em verificar se a região selecionada se encontra ou não dentro do alcance inimigo.

f) Segurança contra aeronaves – verificar se a área proporciona distância adequada de prováveis eixos de aproximação de qualquer tipo de aeronave inimiga (avião, helicóptero, aeronave remotamente pilotada etc.) com base nas suas características técnicas e operacionais.

4.2.5.3.3 Os meios logísticos funcionais constituintes de uma BLB poderão estar desdobrados em um mesmo local ou em áreas não contíguas, desde que seja possível assegurar o efetivo comando e controle e a devida proteção dos recursos logísticos.

4.2.5.4 Fator Situação Logística

4.2.5.4.1 Aspecto localização atual das instalações de apoio logístico do escalão apoiador – caracterizado pela posição da BLB em face da localização das instalações logísticas do escalão apoiador, considerada a orientação da(s) ligação(ões) rodoviária(s) existente(s).

4.2.5.4.2 Aspecto localização das instalações de apoio logístico dos elementos apoiados – caracterizado pela posição da BLB em face das AT ou ATE dos elementos apoiados, considerada a orientação da(s) ligação(ões) rodoviária(s) existente(s).

4.2.5.4.3 Aspecto EPS em uso ou previstas – a escolha de uma região para desdobramento da BLB implica na proposta de uma EPS adequada, que normalmente se constitui no prolongamento de (ou na ligação a) uma via já em uso ou para qual o escalão apoiador já planejou as atividades de transporte. Assim, ao se analisar a localização de uma base sob esse aspecto, deve-se ter em mente que ela será tanto mais adequada se não aumentar os encargos do escalão apoiador, principalmente em relação aos cuidados em relação à EPS, tais como aumento da distância a ser percorrida, melhorias nas condições de trafegabilidade e necessidade de reconhecimentos mais detalhados.

4.2.5.5 Outros Fatores

4.2.5.5.1 No decorrer da análise de uma ou mais regiões, visando ao desdobramento na BLB, outros aspectos não enquadrados pelos fatores já estudados poderão ser considerados. A inclusão desses aspectos na análise das regiões selecionadas é fruto da situação. Dentre os aspectos possíveis de serem estudados, seguem-se os exemplos de descrições mais comuns:

a) preceitos do DICA – as instalações existentes nas localidades habitadas somente poderão ser utilizadas se isso for imprescindível ao sucesso das operações militares, devendo ser observados os limites impostos pelo artigo 58 do Protocolo Adicional I às Convenções de Genebra. A fração de saúde seria a única com possibilidade de se desdobrar em uma localidade sem qualquer questionamento quanto à observância ou não dos preceitos do DICA, tendo em vista que as unidades e os meios de transporte sanitário serão sempre respeitados e protegidos e não serão objeto de ataques, quer estejam ou não identificadas com o sinal distintivo (luz vermelha, crescente vermelho ou cristal vermelho);

b) aspecto sigilo das operações – há situações em que o deslocamento de um B Log e o consequente desdobramento de uma BLB poderão, se detectados pelo inimigo, fornecerem claros indícios da manobra planejada numa determinada frente. Na análise de uma ou mais regiões, deve-se, pois, considerar a possibilidade de se evitar esses deslocamentos, reduzi-los ou realizá-los sob as condições restritas;

c) aspecto atitude da população – quando uma região estiver sujeita às influências da população local, a atitude dessa população (favorável, indiferente, ou hostil à presença de tropa amiga) torna-se um parâmetro importante, capaz de beneficiar ou prejudicar a instalação de uma BLB;

d) aspecto otimização dos transportes – trata-se de evitar o transporte para a retaguarda, situação que ocorre quando o suprimento percorre mais de uma vez um mesmo trecho de estrada. Constitui aspecto desvantajoso, mas não impeditivo, uma vez que traduz o subaproveitamento da via e dos meios de transporte; e

e) podem, ainda, ser considerados outros aspectos, de acordo com a situação – limitações dos meios de transporte, prazos, duração das operações, necessidade de abertura de destacamento logístico *etc.*

4.2.6 Elementos de apoio logístico do Esc Sup, como postos de suprimento avançados, e das unidades orgânicas da GU, como AT/SU, podem desdobrar-se justapostos à BLB. Tal desdobramento deve ser fruto de necessidade específica, coordenada e planejada de forma antecipada, para não interferir na manobra das unidades.

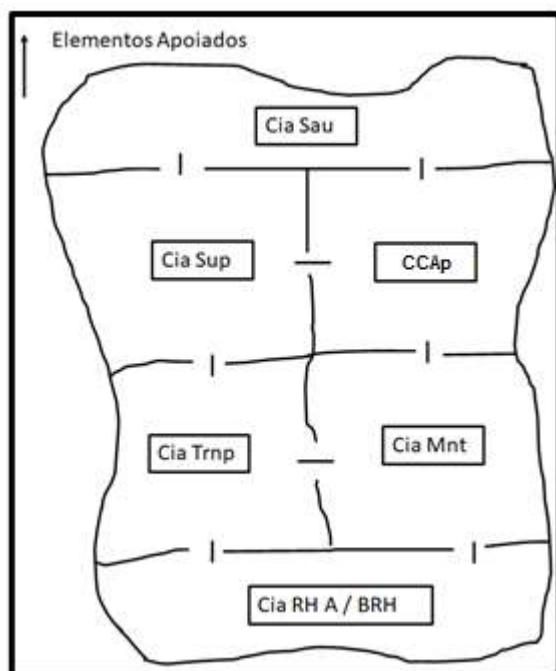


Fig 4-1 – Divisão de áreas da BLB

4.3 RECONHECIMENTO, ESCOLHA E OCUPAÇÃO DA BASE LOGÍSTICA DE BRIGADA

4.3.1 NECESSIDADES DE RECONHECIMENTO

4.3.1.1 Os reconhecimentos devem ser contínuos, mesmo quando o batalhão estiver empenhado no apoio ao combate. Normalmente, um B Log empenhado no apoio à GU em operação tem alguns elementos destacados, executando reconhecimentos, buscando posições futuras para prosseguimento da missão.

4.3.1.2 Os B Log executam, com mais frequência, os reconhecimentos de itinerários das EPS e de áreas para desdobramento do apoio logístico de uma BLB.

4.3.1.3 O reconhecimento de itinerários é realizado bem à frente, com as seguintes finalidades:

- a) estudar a rede de estradas para selecionar o melhor itinerário a ser utilizado;
- b) estudar as estradas que permitam roçadas, o dobramento da coluna e as áreas para manobra de viaturas;
- c) levantamento e mapeamento de pontos críticos ao longo dos itinerários;
- d) verificar o estado e a capacidade das estradas e obras de arte;
- e) localização e, se possível, remoção de obstáculos, particularmente campos minados levantados;
- f) prever medidas de segurança e controle do movimento;
- g) escolher locais para altos, zonas de reunião e estacionamento; e
- h) prever o balizamento dos itinerários.

4.3.1.4 O emprego da observação aérea no reconhecimento de itinerário é importante, pois possibilita colher dados gerais com rapidez, deixando os pormenores para os outros elementos de reconhecimento.

4.3.1.5 O reconhecimento de área visa a identificar a BLB e os demais locais onde se desdobrarão os elementos do batalhão logístico. Como o reconhecimento da base logística de brigada está intimamente ligado à sua escolha e ocupação, o B Log realiza, sucessivamente, o reconhecimento, a escolha e a ocupação da BLB.

4.3.2 TRABALHOS PREPARATÓRIOS

4.3.2.1 Exame de Situação na Carta

4.3.2.1.1 Tem por finalidade selecionar possíveis locais de BLB, localizar a EPS, ou fazer um estudo preliminar da(s) área(s) já imposta(s) pelo escalão superior. Nessa ocasião, fazem-se, também, os estudos quanto à provável localização das instalações logísticas no interior da(s) área(s), do PC, das instalações de comunicações e levantamento das medidas de segurança necessárias.

4.3.2.2 Plano de Reconhecimento

4.3.2.2.1 Após o exame de situação na carta, o comandante dá a decisão preliminar, cujas ações decorrentes são consubstanciadas no plano de reconhecimento, que é elaborado pelo S-2. Neste, ficam especificadas a constituição dos escalões de reconhecimento, as missões aos elementos subordinados, a hora e local para apresentação dos relatórios, a hora e local em que deve estar pronto o segundo escalão de reconhecimento, bem como medidas administrativas necessárias.

4.3.2.3 Organização do Reconhecimento

4.3.2.3.1 O reconhecimento do batalhão é, normalmente, dividido em escalões, sendo que o primeiro escalão acompanha o comandante e é constituído pelos elementos necessários à execução dos trabalhos no nível unidade. O segundo escalão compreende os elementos das companhias que completam o reconhecimento do terreno e iniciam os reconhecimentos de comunicações e de segurança.

4.3.2.4 Constituição dos Escalões de Reconhecimento

4.3.2.4.1 Cada batalhão deve regular a execução de seus reconhecimentos.

4.3.2.4.2 A constituição dos escalões de reconhecimento é variável. Cabe ao comandante do batalhão fixá-la, considerando todos os fatores que afetam a situação.

4.3.2.4.3 Seguidamente, uma sugestão de constituição dos escalões:

a) Primeiro Escalão de Reconhecimento:

- 1) Cmt;
- 2) S-3;
- 3) Chefe do COL;
- 4) Cmt CCAp;
- 5) Oficial de Comunicações; e
- 6) Oficial Médico da Unidade.

b) Segundo Escalão de Reconhecimento:

- 1) S-3;
- 2) Cmt CCAp e guias da SU;
- 3) Cmt Cia Sup e guias da SU;
- 4) Cmt Cia Mnt e guias da SU;
- 5) Cmt Cia Trnp e guias da SU;
- 6) Cmt Cia Sau e guias da SU; e
- 7) Cmt das frações recebidas, como Cia RH A, e guias dessa SU.

4.3.3 EXECUÇÃO DO RECONHECIMENTO

4.3.3.1 No terreno, cada elemento designado pelo comandante realiza um reconhecimento minucioso, levando em consideração as condições necessárias à ocupação da BLB pelas diferentes frações do batalhão.

4.3.3.2 Normalmente, os integrantes do 1º escalão de reconhecimento, obedecendo às prioridades impostas no plano de reconhecimento, executam as tarefas a seguir.

4.3.3.2.1 Comandante, S-3 e chefe do COL:

- a) reconhecem a área selecionada para o desdobramento do batalhão;
- b) dividem a área escolhida pelas subunidades e pelos elementos logísticos em reforço;
- c) selecionam os acessos à área; e
- d) escolhem os pontos de liberação (P Lib).

4.3.3.2.2 O comandante da CCAp e oficial de comunicações:

- a) reconhecem as áreas selecionadas para a instalação do PC do B Log;
- b) reconhecem, escolhem e propõem a localização da AT do B Log;
- c) verificam a viabilidade de execução do plano de comunicações previamente preparado;
- d) após a decisão do comandante, designam as equipes responsáveis pelo estabelecimento das instalações (inclusive do sistema de segurança), dando ciência aos Cmt de subunidades, posteriormente;
- e) reconhece a área com vistas à segurança; e
- f) após a decisão do comandante, apresentam uma proposta para o emprego dos elementos de segurança, quer orgânicos, quer em reforço.

4.3.3.2.3 Oficial Médico

- Reconhece a área e faz sugestões quanto à localização das cozinhas, dos sanitários e das instalações logísticas de saúde.

4.3.3.3 A apresentação dos relatórios de reconhecimento deve ser feita em local próximo e de fácil ligação com as regiões reconhecidas, de fácil acesso e identificação, que ofereça segurança e proporcione dispersão para as viaturas.

4.3.3.4 No caso de o B Log ter sob a sua responsabilidade uma área de Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR), o S-2 participará do reconhecimento a fim de iniciar o planejamento das operações de SEGAR, de acordo com as diretrizes do Cmdo GU.

4.3.4 ESCOLHA DA ÁREA

4.3.4.1 Decisão do Cmt B Log

4.3.4.1.1 Em face dos relatórios apresentados, o comandante decide, aprovando ou modificando sua decisão preliminar, quanto às áreas a ocupar, à segurança, às comunicações, aos itinerários, aos PC e outros aspectos julgados necessários. Essa decisão é tomada no local onde os relatórios forem apresentados, sendo baixadas as diretrizes referentes à mudança da BLB, nas quais deverão constar, entre outras medidas, a constituição dos escalões para a mudança de área, as prioridades de deslocamentos e as providências a serem tomadas junto aos escalões apoiados e apoiadores.

4.3.4.2 Reconhecimento das Companhias

4.3.4.2.1 Após a escolha da área pelo comandante, os elementos do primeiro escalão de reconhecimento são liberados, engajando-se na execução das suas missões. Com a decisão do comandante, são definidos os limites entre as SU, sendo, também, indicada a área do PC do batalhão.

4.3.4.2.2 Todos os elementos do segundo escalão realizam o reconhecimento pormenorizado do local a ser ocupado pelos seus órgãos integrantes, escolhendo as áreas mais favoráveis e os melhores acessos. É dado início à execução dos planos de comunicações, de segurança da BLB e de Defesa de Área de Retaguarda (DEFAR), quando for o caso.

4.3.5 OCUPAÇÃO DA ÁREA

4.3.5.1 Baseado na decisão e nas diretrizes do Cmt do batalhão, o S-3 elabora o plano para a ocupação de área e o apresenta ao comandante.

4.3.5.2 O S-3 elabora o quadro de movimento, regulando o deslocamento do batalhão para a ocupação da BLB.

4.3.5.3 De acordo com esse quadro de movimento, o batalhão, sob a responsabilidade do subcomandante, desloca-se até o P Lib, ponto a partir do qual as subunidades orientadas pelos seus guias, seguem até as suas respectivas áreas de desdobramento.

4.4 MUDANÇA DE LOCALIZAÇÃO DA BASE LOGÍSTICA DE BRIGADA

4.4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

4.4.1.1 A manobra logística do B Log caracteriza-se pelas mudanças de BLB de uma posição inicial para outras, de onde possa continuar apoiando a manobra

tática da GU. Dessa forma, a zona de reunião onde se encontra a brigada pronta para emprego, pode, normalmente, vir a ser a BLB inicial, posicionada, preferencialmente, na região central da Z Reu, até que a distância máxima de apoio esteja prestes a ser ultrapassada. Ao se aproximar desse limite, o batalhão deve mudar para uma nova região, previamente selecionada e reconhecida, que atenda às condições mínimas de segurança. Nessa nova posição, o batalhão deverá ser desdobrado de acordo com a análise logística da situação (desdobramento total ou parcial).

4.4.1.2 Nas operações de movimento que exijam deslocamentos rápidos e contínuos, é normal a permanência da maioria dos meios do batalhão sobre rodas, com um desdobramento parcial no terreno. Dessa posição, o apoio é prestado até que, novamente, a distância de apoio esteja na iminência de se tornar inadequada, em face da operação em curso, quando, então, procedimento idêntico ao descrito anteriormente é realizado.

4.4.1.3 Em princípio, deve ser priorizado o deslocamento do batalhão logístico por escalões. Em caso de atuação inimiga ou imprevistos, o escalonamento impede a interrupção da continuidade do fluxo logístico para as unidades apoiadas. Busca-se evitar a concentração de elementos logísticos de mesma natureza em um mesmo escalão. Caso a situação tática permita, o batalhão poderá deslocar-se com um todo.

4.4.1.4 Para a execução da manobra logística, os seguintes aspectos devem ser considerados: as missões atuais e futuras da brigada; a intenção do comandante do escalão superior; a localização da BLB; a composição de meios; a previsão e a oportunidade dos deslocamentos; o alcance de apoio; os limites da área de responsabilidade; a oportunidade das mudanças; a seleção dos eixos de suprimento; as condições do terreno; as possibilidades do inimigo; as soluções alternativas; a SEGAR; a segurança dos eixos de suprimento; e a necessidade de sincronização com as demais funções de combate.

4.4.2 PLANEJAMENTO

4.4.2.1 A necessidade de mudança de BLB provém de um trabalho de planejamento prévio executado com base na manobra tática do escalão enquadrante ou em decorrência da evolução dos acontecimentos.

4.4.2.2 Em geral, a mudança da BLB, durante o combate, torna-se necessária nas operações de movimento, tais como marcha para o combate, o aproveitamento do êxito, a perseguição e nos movimentos retrógrados.

4.4.2.3 Tendo em vista o alongamento das distâncias de apoio no decorrer das ações e a necessidade de manter a continuidade do apoio logístico, o tempo passa a ser um fator primordial a ser considerado para a tomada de decisão.

4.4.2.4 O planejamento da mudança de BLB deve ser de tal forma que permita manter a continuidade do apoio por ocasião da ocupação de uma nova área. Deve ser evitada a interrupção das atividades das instalações logísticas.

4.4.2.5 Antes do início da operação, é realizado um planejamento minucioso sobre as prováveis áreas onde o batalhão poderá se desdobrar, consubstanciado num calco sobre a carta utilizada na operação.

4.4.2.6 Baseado neste plano de desdobramento, os elementos de reconhecimento são lançados à frente. A execução do reconhecimento é sumária e os relatos enviados por mensagens.

4.4.2.7 Os planejamentos de mudança de BLB incluem as atividades de reconhecimento, deslocamento e desdobramento de meios e instalações logísticas. A responsabilidade por sua execução, coordenação e controle cabe ao S-3.

4.4.2.8 Os elementos de transportes da GU, elementos de manutenção e salvamento desdobrados à frente, motoristas e socorristas das ambulâncias, o pessoal de comunicações e a observação aérea são elementos que podem prestar informações sobre os itinerários das EPS que conduzem à frente ou à retaguarda.

4.4.2.9 Os documentos resultantes do planejamento da mudança de BLB são: plano de reconhecimento, ordem preparatória e plano de desdobramento.

4.4.2.10 O plano de reconhecimento é um documento elaborado sob responsabilidade do S-2 e S-3, com a finalidade de possibilitar a execução do reconhecimento de forma contínua e organizada.

4.4.2.11 A ordem preparatória é elaborada pelo chefe da 3ª seção com base no novo enunciado da missão. Visa a alertar a tropa e prepará-la para a marcha, antes da expedição da Ordem de Movimento.

4.4.2.12 A ordem de movimento é a decisão do comandante sobre a execução da marcha motorizada e consolida todas as etapas de seu planejamento. Deve ser expedida com tempo suficiente para permitir aos elementos subordinados decidir e expedir as ordens decorrentes e concluir os preparativos para o deslocamento.

4.4.3 PLANO DE DESDOBRAMENTO

4.4.3.1 O plano de desdobramento do B Log é um anexo à ordem de operações. É um documento gráfico, feito em calco sobre a carta utilizada na operação.

4.4.3.2 O plano é preparado pelo S-3, após a decisão para o emprego do batalhão. São premissas fundamentais para o seu preparo:

- a) manobra tática da GU;
- b) manobra logística da GU;
- c) situação logística do escalão superior;
- d) simplicidade;
- e) possibilidade de redução dos tempos normais para reconhecimento e ocupação da BLB; e
- f) continuidade do apoio.

4.4.3.3 Deve conter, além do cabeçalho e fecho, o seguinte:

- a) medidas de coordenação e controle – limites da Z Aç da GU, regiões de destino, eixos de progressão, linhas e pontos de controle impostos pela GU ou determinados pelo Cmt B Log;
- b) as sucessivas regiões de provável localização das AT e ATE das unidades da GU;
- c) as regiões de desdobramentos impostas pelo escalão superior ou sugeridos pelo Cmt B Log, repartidas pelas subunidades; e
- d) as EPS e os pontos críticos do terreno.

4.4.3.4 Os prováveis locais de desdobramento que constam do plano servem para orientar os reconhecimentos. Caso uma posição prevista seja inadequada, o elemento encarregado de reconhecê-la escolhe outras nas suas proximidades. A posição escolhida é comunicada ao comandante do batalhão assim que possível.

4.4.3.5 Para maior facilidade das comunicações, durante as operações de movimento, e para simplificar as mensagens e assegurar o sigilo, deve ser estabelecido um código para referenciar os pontos críticos, áreas de desdobramento e outros pontos característicos de interesse do comando. Tal código pode, inclusive, ser previsto nas Instruções para a Exploração das Comunicações e Eletrônica (IE Com Elt) do batalhão.

4.4.3.6 O plano de desdobramento é distribuído como anexo à ordem de operações.

4.4.4 DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES DE MUDANÇA DE ÁREA

4.4.4.1 As mudanças de área são impostas, na maioria das situações, pelo esquema de manobra da GU. O batalhão muda de área por ordem do comando da GU ou por sua iniciativa, quando autorizado.

4.4.4.2 Quando a mudança de área se tornar necessária, o comandante coordena o deslocamento com as ações da tropa apoiada, informando, aos escalões superiores e apoiados, a hora do início do movimento, tempo de duração do mesmo, hora de fechamento das instalações na área inicial, local e hora da nova BLB.

4.4.4.3 O batalhão logístico, prioritariamente, deve mudar de área por escalões para a manutenção da segurança logística e da continuidade do apoio. Caso a situação tática permita, o deslocamento do batalhão logístico como um todo, facilitará a coordenação e o controle, particularmente, se o movimento se realizar à noite.

4.4.4.4 Quando o batalhão tiver que se deslocar por subunidades ou por escalões (parte dos elementos permanecem em apoio na antiga BLB), torna-se imprescindível uma coordenação adequada entre o comandante e o subcomandante. O Cmt desloca-se para a área avançada a fim de supervisionar sua ocupação. O SCmt permanece com o segundo escalão, devendo orientar, dirigir e controlar a execução das atividades logísticas em andamento, bem como o seu deslocamento. Quando a nova BLB entra em operações, o Cmt, usando um código preestabelecido, faz avançar o segundo escalão. O SCmt fecha, então, a antiga BLB. Portanto, não deve haver interrupção no apoio.

4.4.4.5 Quando o batalhão se desloca como um todo, alguns guias devem ficar na antiga área, a fim de orientar os elementos apoiados para a nova BLB.

4.4.4.6 A escolha do processo de mudança da área e a decisão do comandante do batalhão dependem das diretrizes e ordens recebidas, do esquema de manobra da tropa apoiada, da situação tática e logística existente, do terreno e das condições e atividades do inimigo.

4.4.4.7 Durante as mudanças de área, devem ser mantidas as comunicações com os elementos apoiados e com o escalão logístico superior.

4.5 DESTACAMENTO LOGÍSTICO

4.5.1 O Dst Log da BLB é uma estrutura flexível, modular e adaptada às necessidades logísticas dos elementos apoiados. Será constituído a partir dos meios logísticos das SU do batalhão, podendo também utilizar-se dos meios recebidos. Seu emprego proporciona um apoio logístico cerrado e contínuo aos elementos de manobra e apoio ao combate da GU.

4.5.2 Os Dst Log são desdobrados, temporariamente, em posições mais avançadas na Z Aç da Brigada. São constituídos por elementos de C² e por um número variável de módulos logísticos adaptados à tarefa a cumprir. A sua organização depende, dentre outros fatores, da natureza e do valor da força a apoiar, do tipo de operação, da possibilidade de atuação do inimigo, do tempo disponível para o desdobramento e a operação dessa instalação e de outras considerações relacionadas aos fatores da decisão e da análise de logística.

4.5.3 Em operações, o emprego do Dst Log contribui para manter ou cerrar o apoio aos elementos em 1^o escalão. Esse emprego permite cumprir tarefas específicas,

particularmente as relacionadas ao suprimento, ao transporte, à manutenção, aos recursos humanos e à saúde, no momento, local e prazo oportuno, complementando as ações da BLB.

4.5.4 Para melhor atender ao apoio logístico, a análise da localização do destacamento logístico é semelhante à análise para a localização de uma BLB/ATE de uma unidade em 1º escalão e deve considerar os seguintes fatores: manobra, terreno, segurança (do fluxo e das instalações) e situação logística.

4.5.5 As condições que mais frequentemente impõem o desdobramento de um Dst Log em proveito de um B Log são: a dificuldade de prestar apoio cerrado às unidades; a existência de uma rede precária (baixa tonelagem e com poucas ligações transversais, as 'roçadas'); o apoio a frentes largas e grandes profundidades da Z Aç; a existência de obstáculos dissociantes; o recebimento de ordem expressa do escalão superior; a superioridade aérea do inimigo; e a necessidade de prestar apoio em profundidade.

4.5.6 Em princípio, caberá ao E-4 da GU propor a localização onde o Dst Log será desdobrado, podendo essa atribuição ser delegada ao comandante do batalhão logístico.

4.6 PROCESSOS ESPECIAIS DE DISTRIBUIÇÃO DE SUPRIMENTO

4.6.1 O B Log pode se valer de processos normais ou processos especiais de distribuição de suprimento, tais como Comboio Especial de Suprimento, Posto de Suprimento Móvel, Reserva Móvel e Suprimento Aéreo no cumprimento de suas missões de apoio de suprimento.

4.6.2 Os processos especiais de distribuição de suprimento são organizados pelo escalão que apoia em função de necessidades específicas das operações.

4.6.3 O Comboio Especial de Suprimento é organizado para distribuir suprimento em determinada região, proposta pela OM apoiada. É empregado quando a organização militar não está na direção-geral das operações e realiza uma operação de pequena profundidade e, provavelmente, de pequena duração. Pode ser utilizado para todas as classes de suprimento, principalmente para as classes I, III e V (Mun).

4.6.4 O Posto de Suprimento Móvel (P Sup Mv) consiste em um posto montado em viaturas, meios ferroviários ou embarcações fluviais, que se desloca por lanços, acompanhando a OM apoiada e ocupando locais por esta já propostos. É empregado quando há possibilidade de interrupção das vias de transporte, em operações de grande profundidade e grande duração. A segurança do P Sup Mv é responsabilidade do escalão que apoia. Pode ser utilizado para todas as classes de suprimento, principalmente para as classes I, III e V (Mun).

4.6.5 A Reserva Móvel é o processo em que a organização militar apoiada recebe um determinado número de viaturas ou embarcações fluviais com suprimento. É empregado nas operações profundas em que não há segurança nas vias de transporte. A segurança da Reserva Móvel é responsabilidade do escalão apoiado. Constitui-se em uma forma de cerrar o apoio de suprimento para a OM apoiada. É empregado principalmente para as classes III e V (Mun).

4.6.6 O Suprimento Aéreo é o processo em que se utiliza o transporte aéreo para a realização do suprimento. É indicado, principalmente, nas situações de transposição de obstáculos de vulto; operações profundas, que exijam deslocamentos longos e rápidos; em caso de inexistência de uma rede de estradas adequadas para suportar a tonelagem necessária; em caso de interdição ou redução da capacidade de tráfego das estradas; quando do isolamento de tropas amigas, principalmente por ação do inimigo; e no caso de urgência na realização do suprimento.

CAPÍTULO V

PLANEJAMENTO DO APOIO LOGÍSTICO

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 O planejamento logístico é parte indissociável do planejamento das operações militares. Analisa as opções disponíveis, selecionando a melhor para apoiar de forma oportuna, adequada e contínua as forças empregadas. Essa atividade é conduzida paralelamente ao Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres, de modo a atender às necessidades decorrentes desse processo e definir os meios a serem obtidos por intermédio da mobilização.

5.1.2 Quando as análises pormenorizadas da situação tática, das informações de inteligência e das possibilidades e limitações dos meios de comunicação permitirem concluir quanto às possibilidades de o B Log exercer o conveniente controle sobre suas subunidades ou frações, o apoio logístico será prestado sob as formas de apoio direto, apoio ao conjunto, apoio por área ou apoio específico, podendo prestar o apoio suplementar a outro B Log em ocasiões de excepcionalidade.

5.2 CENTRO DE OPERAÇÕES LOGÍSTICAS

5.2.1 O Centro de Operações Logísticas (COL) é o setor responsável, no âmbito do B Log, pelo planejamento, pela coordenação e pelo controle das atividades e tarefas relativas ao apoio logístico à brigada.

5.2.2 O COL é organizado em Chefia, Seção de Planejamento e Coordenação, Seção de Inteligência Logística e células das funções logísticas (suprimento, transporte, saúde, recursos humanos e manutenção). As atividades relativas à função logística salvamento são planejadas e coordenadas pela célula de manutenção.

5.2.3 Seguidamente, as missões do COL:

- a) planejamento, coordenação e controle das ações relativas às atividades logísticas de manutenção e salvamento, incluindo os meios para desdobrar e operar as áreas de oficinas, gerenciamento da distribuição de peças e conjuntos de reparação e condução de apoio direto de manutenção;
- b) em estreita ligação com o Centro de Operações de Recursos Humanos/Batalhão de Recursos Humanos, planejamento, coordenação e controle das ações relativas às atividades logísticas de recursos humanos para a realização de serviços (lavanderia, banho, correios e barbearia); repouso e

recreação; assistência religiosa, psicológica e social; e apoio em assuntos mortuários;

c) planejamento, coordenação e controle das ações relativas às atividades logísticas de saúde (operações correntes e futuras), incluindo os meios para desdobrar e operar o PAA e o gerenciamento da distribuição do suprimento classe VIII;

d) planejamento, coordenação e controle das ações relativas às atividades logísticas de suprimento (operações correntes e futuras), incluindo os meios para desdobrar e operar os P Distr e transportar a RO da brigada;

e) planejamento, coordenação e controle das ações relativas às atividades logísticas de transporte (operações correntes e futuras), incluindo os meios para desdobrar e operar os terminais de carga e os meios de transporte; e

f) Apoiar o escalão superior na realização do planejamento financeiro, calculando os recursos necessários à execução do apoio logístico no âmbito da GU.

5.3 SUPRIMENTO

5.3.1 SUPRIMENTO CLASSE I (RAÇÕES OPERACIONAIS E GÊNEROS SECOS/FRIGORIFICADOS)

5.3.1.1 Ração é a quantidade necessária de alimento a manter um homem durante um dia. A ração é constituída de quatro refeições. Ordinariamente, emprega-se o termo isolado para designar víveres. Emprega-se a expressão "ração de forragem" para designar a quantidade de forragem necessária para alimentar um animal durante um dia.

5.3.1.2 As rações utilizadas pelas Forças Armadas apresentam-se sob as seguintes formas de rações operacionais:

a) R1 (Ração Normal) – constituída de alimentos perecíveis e não perecíveis. Compreende gêneros em estado natural que devem ser preparados para o consumo. É consumida quando a situação tática permitir;

b) R2 (Ração Operacional de Combate) – é o conjunto de alimentos e acessórios fornecidos ao militar com a finalidade de enfrentar situações diversas por um período de 24 horas. Cada unidade da R2 é composta por quatro refeições: desjejum, almoço, jantar e ceia;

c) R3 (Ração Operacional de Emergência) – é o conjunto de alimentos e acessórios fornecidos ao militar com a finalidade de enfrentar situações diversas por um período de 12 horas. Cada unidade da R3 é composta por duas refeições, desjejum/almoço ou jantar/ceia; e

d) RA (Ração Operacional de Adestramento) – é o conjunto de alimentos e acessórios fornecidos ao militar com a finalidade de enfrentar situações diversas por um período de seis horas. Cada unidade da RA é composta por uma refeição: almoço ou jantar.

5.3.1.3 Ciclo de Ração – é o período de vinte e quatro horas durante o qual a ração será consumida. Em campanha, o ciclo começa pelo jantar, compreendendo quatro refeições (jantar, ceia, desjejum e almoço), pois apresenta a vantagem de permitir mais tempo para o loteamento das rações recebidas e para a entrega e preparo das refeições. Admite-se a utilização de tipos de ração diferentes dentro do mesmo ciclo de ração. A expressão "ciclo de ração" só diz respeito aos víveres.

5.3.1.4 Intervalo de Ração

5.3.1.4.1 É o período iniciado com o processamento, pelo escalão superior, do suprimento automático originado pelas informações constantes do sumário diário do pessoal (ou, se for o caso, pelo pedido eventual), remetido pela brigada e encerrado com o consumo final da ração pelas unidades. É expresso em dias e se refere às rações R1 e R2. No escalão brigada, é de interesse tanto das unidades quanto dos B Log, pois possibilita organizar os processos de fornecimento e de recebimento da ração.

5.3.1.4.2 Os intervalos de ração mais utilizados (ciclo iniciado no jantar) são os que se seguem:

- a) intervalo de ração quatro – utilizado quando a brigada estiver em Z Reu: 1º dia (suprimento automático ou pedido eventual); 2º dia (recebimento e distribuição na mesma noite); 3º dia (início do consumo pelas unidades); e 4º dia (término do consumo pelas unidades); e
- b) intervalo de ração cinco – utilizado quando a brigada não se encontrar em Z Reu: 1º dia (suprimento automático ou pedido eventual); 2º dia (recebimento do suprimento); 3º dia (distribuição da ração às unidades); 4º dia (início do consumo pelas unidades); e 5º dia (término do consumo pelas unidades).

5.3.1.4.3 O escalão superior pode determinar a utilização dos intervalos de ração seis e sete. Nesses intervalos, entre o suprimento automático (ou pedido eventual) e o recebimento, decorrem prazos de 48 e de 72 horas, respectivamente.

5.3.1.4.4 Nos intervalos maiores que o quatro, a brigada adquire maior flexibilidade pela existência de mais um dia de suprimento no batalhão logístico.

5.3.1.4.5 A mudança de intervalo de ração é caracterizada pelo recebimento da ração para o novo intervalo.

5.3.1.4.6 A ocasião da mudança de intervalo quatro para cinco e vice-versa é definida pelo comando logístico enquadrante, levando em consideração as necessidades operacionais e as possibilidades logísticas.

5.3.1.5 Escalonamento das Rações

5.3.1.5.1 A distribuição em profundidade das rações, no âmbito da brigada, permite assegurar a alimentação da tropa por determinados períodos quando, por qualquer eventualidade, for interrompido o fluxo de suprimento.

5.3.1.5.2 Escalonamento de rações adotado:

a) com o militar – cada militar transporta uma ração R3, apenas consumida mediante ordem. A alimentação de emergência não faz parte da RO da brigada e, quando houver necessidade de se fazer um pedido, o mesmo é considerado eventual e deve ser baseado no consumo efetivo;

b) com a subunidade (incorporada) das unidades apoiadas – cada subunidade transporta, em suas viaturas orgânicas, 1 (uma) ração R2 por homem, para o seu efetivo previsto. A Seq Cmdo da SU, ou equivalente, é a responsável pelo armazenamento e distribuição;

c) com a unidade apoiada – as SU de comando e apoio das unidades transportam junto às áreas de trens 1 (uma) ração R2 por homem, para todo o efetivo previsto da unidade. A fração de suprimento da CCAp, ou equivalente, é a responsável pelo armazenamento e distribuição dessa ração; e

d) com o B Log – o batalhão logístico transporta 2 (duas) rações R2 por homem, para todo o efetivo previsto da brigada à qual pertence. A Cia Sup é a responsável pelo armazenamento dessa ração.

5.3.1.6 Reserva Orgânica de Suprimento Classe I

5.3.1.6.1 É a quantidade de suprimento classe I existente e que não esteja destinada para o consumo imediato. O escalonamento indica a existência de 4 (quatro) rações R2, não destinadas ao consumo imediato e que constituem, portanto, a RO de suprimento classe I da GU.

5.3.1.6.2 A RO é consumida, quando necessário, sem que se peça autorização ao escalão superior. Logo após ser consumida, o elemento interessado participa tal fato ao escalão superior e pede a reposição do suprimento.

5.3.1.6.3 Nas SU independentes, o pelotão de comando e apoio, ou equivalente, é o responsável pelo armazenamento de duas rações R2 por homem para o efetivo previsto nesse tipo de SU.

5.3.1.7 Suprimento Automático e Pedido Eventual

5.3.1.7.1 Sempre que possível, não haverá pedido de classe I, pois o suprimento será automático entre o escalão superior e o escalão subordinado.

5.3.1.7.2 O suprimento automático compreende as rações necessárias para o consumo imediato. Baseia-se no efetivo existente, informado a partir do sumário diário de pessoal.

5.3.1.7.3 Como, na prática, não há coincidência do número de rações recebidas com o número das distribuídas pela Cia Sup, há necessidade de, periodicamente, haver um reajustamento de rações. A periodicidade será regulada nos planos e ordens de apoio logístico.

5.3.1.7.4 O B Log da brigada, as unidades e subunidades apoiadas farão um pedido eventual nas seguintes situações: necessidade de recomposição de sua RO, quando for atingido um nível mínimo previsto nos planos e ordens de apoio logístico; necessidade de recomposição do número de R3, com base no efetivo existente; quando o tipo de ração a ser consumida em cada uma das três refeições de um ciclo de ração não for a ração prevista; quando o excesso de rações comprometer a capacidade de transporte ou a mobilidade; e quando for julgado, por outras razões, estritamente necessário.

5.3.1.7.5 Além das situações previstas, a brigada remeterá um pedido eventual, por meio do B Log, quando das mudanças de intervalo de ração.

5.3.1.7.6 Os pedidos eventuais de todas as unidades são consolidados no batalhão logístico em um só pedido que é remetido ao escalão superior.

5.3.1.7.7 Por ocasião dos pedidos eventuais, serão feitos os reajustes necessários para a recomposição dos níveis previstos.

5.3.1.8 Distribuição

5.3.1.8.1 Se o intervalo de ração em vigor for quatro, a Cia Sup deve receber, lotear e distribuir esse suprimento às unidades no mesmo dia. Tal distribuição é feita nas ATE ou nas AT de unidade. Se o intervalo de ração for cinco, a companhia tem mais tempo para lotear o suprimento recebido, pois só deverá distribuí-lo no dia seguinte.

5.3.2 SUPRIMENTO CLASSE I (ÁGUA)

5.3.2.1 O suprimento de água é realizado automaticamente, baseado no sumário diário de pessoal (SUDIPE), por meio de comboio com caminhões pipa conduzidas pelo B Log. Pode ser realizada pela troca direta de viaturas, ou seja, a pipa plena fica na unidade apoiada e o B Log retrai com a vazia.

5.3.2.2 As unidades apoiadas também podem se abastecer no P Distr Agu usando camburões para água, viaturas com reboque especializado, tanques flexíveis ou, ainda, caminhões pipa.

5.3.2.3 As unidades podem abastecer-se de água a qualquer hora. Entretanto, se o suprimento é limitado ou a procura é excessiva, é necessário que as unidades se supram em horário previsto ou mediante racionamento.

5.3.2.4 Os elementos de suprimento de água da brigada podem instalar e operar até 2 (dois) postos de distribuição de água, sendo normal a instalação de apenas um posto. A instalação de mais de um posto de distribuição ocorrerá quando a brigada atuar em área extensa, com deficiência de fontes de água ou, ainda, quando a situação impuser a abertura de um destacamento logístico. Para tal, o Gp Sup Agu/Pel Sup Cl I e Agu destacará uma de suas equipes.

5.3.2.5 Esse tipo de suprimento também poderá ser realizado com água envasada.

5.3.3 SUPRIMENTO CLASSE III (COMBUSTÍVEIS)

5.3.3.1 O suprimento classe III é classificado como artigos de suprimento em grosso e produtos acondicionados. Os artigos de suprimento em grosso são aqueles fornecidos sob a forma líquida por oleodutos, veículos cisterna ou recipientes com capacidade superior a 200 (duzentos) litros. Os produtos acondicionados são os itens líquidos, óleos lubrificantes e hidráulicos transportáveis em recipientes de até 200 (duzentos) litros, além das graxas, sem levar em conta a capacidade do recipiente.

5.3.3.2 Considera-se como a DO de suprimento classe III, a quantidade de combustível necessária para completar os tanques de todas as viaturas da OM.

5.3.3.3 O suprimento classe III necessário resulta da proposta dos comandantes subordinados em face das estimativas para determinados períodos, com base em dados médios de planejamento.

5.3.3.4 Tendo em vista que, normalmente, as necessidades superam a disponibilidade, a brigada recebe do escalão superior um crédito de combustível para determinado período. À critério do comando da GU, esse crédito é repartido pelas unidades considerando as suas estimativas anteriores e as ações futuras.

5.3.3.5 Exceto em casos de emergência, é necessária a permissão do comando superior para que qualquer unidade consuma além do crédito estabelecido. O suprimento classe III não consumido no período não é acumulado para o período seguinte.

5.3.3.6 Cabe ao E-4/GU, em entendimento com o E-3/GU, centralizar as estimativas de consumo das unidades e propor ao comando da brigada os créditos a serem concedidos.

5.3.3.7 A brigada deve manter uma RO de suprimento classe III para atender às necessidades de emprego operativo imediato ou em caso de interrupção do fluxo de suprimento do escalão superior.

5.3.3.8 Especial atenção deve ser dada ao armazenamento e à gestão de óleos lubrificantes e graxas. O COL deve manter um controle atualizado do tipo de MEM das OM. Dessa forma, estará em condições de gerenciar o suprimento classe III para a correta manutenção e conservação.

5.3.3.9 Tipos de Consumo

5.3.3.9.1 Consumo normal é o consumo de suprimento classe III por viaturas que se desloquem em estradas de boas características técnicas.

5.3.3.9.2 Unidade Carburante (UC) é a quantidade estimada de combustível necessária, para a execução de um percurso de 100 quilômetros em estrada pavimentada pelas viaturas de determinada fração.

5.3.3.9.3 O cálculo da estimativa das necessidades de suprimento classe III é decomposto nas parcelas que se seguem:

a) Consumo no deslocamento:

- durante as marchas administrativas, as viaturas aproveitam integralmente a rede de estradas e consomem uma unidade de carburante a cada deslocamento de 100 quilômetros; e
- nas marchas, sob condições de combate, deve-se considerar que é necessário obter uma estimativa do número de viaturas que se deslocam sob condições desfavoráveis (através do campo ou em estradas com pavimentação precária, por exemplo). Essas viaturas que se deslocam sob condições desfavoráveis têm um consumo de combustíveis e lubrificantes estimado em 2,5 (duas e meia) vezes o consumo normal.

b) Consumo no suprimento:

- corresponde ao consumo das viaturas empregadas na execução do suprimento. A experiência indica que a demanda pode ser atendida considerando-se que 20% das viaturas do elemento considerado são empregadas percorrendo a distância média de suprimento. No caso da grande unidade não se deslocar, o consumo no suprimento se inclui no consumo geral e, por isso, não é calculado; e
- distância média de suprimento (DMS) é o dobro da média aritmética das distâncias entre as posições mais avançadas, onde cada elemento apoiado encontra-se desdobrado, e os locais onde o escalão considerado recebe o suprimento de cada classe do escalão superior.

c) Consumo adicional:

- corresponde à necessidade diária para diversos fins, tais como: movimentos de veículos no interior do estacionamento; reconhecimento; giros técnicos, aquecimento de motores; e consumo suplementar pelo funcionamento de alguns veículos em velocidade reduzida e por tempo excessivamente longo. O consumo adicional é muito influenciado pela natureza das operações, terreno e condições meteorológicas; e

- tomando por base as condições médias gerais, considera-se que as necessidades para aqueles fins equivalem ao consumo de todos os veículos do escalão considerado, em um deslocamento de 15 quilômetros, em estrada.

d) Consumo nas cozinhas:

- as necessidades de combustível para as cozinhas são calculadas com base nos consumos previstos no manual técnico do equipamento empregado, por conjunto de fogões (cozinha de subunidade).

e) Consumos diversos:

- incluem as necessidades de combustível para equipamentos mecânicos, geradores, bem como para a manutenção e verificação de motores.

f) Perdas:

- são consideradas perdas: evaporação, derramamento e pequenos acidentes de combate. Só é calculada em situações de deslocamentos na zona de combate (ZC). Seu valor é igual a 10% das necessidades de consumo de todas as demais parcelas, sem computar o consumo no deslocamento “sob condições desfavoráveis”;

- quando a OM ou fração considerada estiver em Z Reu ou quando não realizar movimento (sem estar em contato com o inimigo), as necessidades diárias de combustíveis serão computadas com base nas atividades que estarão sendo desempenhadas e para consumo geral diário (vida normal da organização); e

- o consumo de óleos lubrificantes, graxas e afins é proporcional ao consumo de combustível e segue as especificações técnicas dos fabricantes de cada material.

5.3.3.9.4 Convenções para Obtenção de Dados

a) Para se obter a distância para o cálculo do consumo no deslocamento, mede-se, conforme o caso, a distância do centro do dispositivo da grande unidade ao centro da Z Reu ou a distância do centro do dispositivo da GU ao ponto mais afastado do objetivo a conquistar.

b) Para simplicidade de cálculo, as distâncias, em frações de quilômetros, são aproximadas para a unidade imediatamente superior e a estimativa final de combustível para a operação ou período considerado, em litros, é aproximada para o milhar imediatamente superior.

c) Nas brigadas, é realizada uma estimativa de consumo para atender a um período determinado ou a uma operação em fase de planejamento.

5.3.3.9.5 Pedido

a) As unidades enviam ao batalhão logístico um relatório diário de situação. Esse documento indica a quantidade de suprimento existente em seus caminhões-cisterna/reservatórios portáteis e faz uma estimativa das necessidades para o período seguinte.

b) O batalhão logístico consolida as informações recebidas, considera o suprimento existente em suas instalações e envia o relatório diário de situação da brigada à instalação do escalão superior que o apoia.

5.3.3.9.6 Distribuição

- a) A distribuição desta classe de suprimento deve ser feita, ao máximo, sob a forma de suprimento em grosso, empregando as viaturas de transporte especializado. A distribuição de produtos acondicionados deve ser restrita ao essencial por meio do emprego de viaturas de transporte geral.
- b) O B Log recebe o suprimento do escalão superior que apoia a brigada no seu P Distr CI III, desdobrado pela companhia de suprimento na BLB. O escalão superior fornece esse suprimento à brigada, realizando a troca de caminhões-cisterna/reservatórios portáteis ou enchendo os caminhões cisterna/contêineres-tanque/reservatórios flexíveis disponíveis.
- c) Os caminhões cisterna, contêineres-tanque, reservatórios flexíveis e os reboques cisterna do 2º Gp Sup CI III/Cia Sup são empregados para transportar a RO de suprimento classe III da brigada.
- d) As viaturas do Pel Sup CI III e as instalações fixas existentes na área de operações podem constituir o posto de distribuição de suprimento classe III na BLB.
- e) O suprimento das unidades apoiadas poderá ser feito com o combustível da RO, tendo em vista permitir a renovação do combustível, sendo, então, as viaturas da Companhia de Suprimento recompletadas ou trocadas no P Distr CI III.
- f) A Cia Sup desdobra um P Distr CI III na BLB com a finalidade de armazenar o suprimento. A Cia Trnp executa o transporte do Sup CI III até as ATE dos Elm apoiados. A coordenação desse apoio logístico é encargo do Centro de Operações Logísticas do Batalhão Logístico.
- g) As unidades da brigada são supridas na ATE mediante troca de viaturas cisterna, contêineres-tanque/reservatórios flexíveis ou pelo enchimento deles.
- h) Nas unidades e nas subunidades é adotado o processo de troca de camburões (de 20 litros), de tambores (de 200 litros) e/ou reservatórios flexíveis nos respectivos postos de distribuição.

5.3.3.9.7 Reserva Orgânica de Suprimento Classe III

- a) É a quantidade de suprimento classe III mantido pelo B Log e que não esteja destinada para o consumo imediato. A RO é consumida, sob coordenação do comando da GU, sem que esta necessite pedir autorização ao escalão superior. Logo após ser consumida, o elemento interessado participa tal fato ao escalão superior e pede a reposição do suprimento.
- b) Normalmente, a RO é dimensionada para apoiar o deslocamento da brigada por uma distância de 200 (duzentos) quilômetros, ou seja, dotada com 2 (duas) unidades carburantes.

5.3.4 SUPRIMENTO CLASSE V (MUNIÇÕES E EXPLOSIVOS)

5.3.4.1 Dotação Orgânica

5.3.4.1.1 A dotação orgânica (DO) é a quantidade de munição que uma determinada organização militar deve manter em seu poder para atender às

necessidades de emprego operativo. É baseada na tabela de dotação específica para cada OM, de acordo com a sua natureza. Os meios de transporte orgânicos devem ser adequados à DO.

5.3.4.2 Munição Necessária

5.3.4.2.1 No escalão brigada, a munição necessária é a quantidade de munição, expressa pelo fator tiros por arma por dia ou por outra unidade de medida, estimada como indispensável para o consumo para uma determinada operação ou período.

5.3.4.3 Munição Disponível

5.3.4.3.1 É a quantidade de munição, expressa pelo fator tiros por arma por dia ou por outra unidade de medida, que uma organização ou força militar poderá receber como crédito para uma determinada operação ou período. A fixação da munição disponível não significa que ela deva ser obrigatoriamente consumida. Ao contrário, sempre que possível, deve ser feita economia de munição.

5.3.4.3.2 A Cia Sup desdobra um P Distr CI V (Mun) na BLB com a finalidade de armazenar o suprimento. A Cia Trnp executa o transporte do Sup CI V (Mun) até as ATE dos Elm apoiados.

5.3.4.4 Pedido para Consumo Imediato

5.3.4.4.1 O pedido para consumo imediato é o pedido da munição que será consumida nas 24 horas após o recebimento pela OM. Tal munição é recebida mesmo quando a DO estiver completa. Pode ultrapassar a capacidade de transporte do elemento que faz o pedido.

5.3.4.5 Levantamento das Necessidades

5.3.4.5.1 A dotação de munição de determinada unidade é fixada por meio de estimativas específicas para cada operação (básicas ou complementares), de acordo com seu tipo e organização.

5.3.4.5.2 A parcela dessa quantidade de munição a ser conduzida pelos homens ou nos meios de transporte é fixada pelo comandante da OM considerada, de acordo com a situação.

5.3.4.5.3 O reabastecimento de CI V (Mun), normalmente, é realizado diariamente à medida que a munição é consumida. A brigada estima a quantidade de munição necessária para cada operação e informa ao escalão de comando imediatamente superior.

5.3.4.5.4 O comando imediatamente superior, de posse das estimativas das GU subordinadas e da quantidade de munição colocada à sua disposição, estabelece o crédito de munição disponível para cada uma delas.

5.3.4.6 Distribuição

5.3.4.6.1 As unidades e subunidades independentes recebem o suprimento classe V (Mun) do B Log nas suas AT ou nos postos de remuniciamento. Em princípio, recebem a munição que necessitam para recompletar as suas DO e/ou para consumo imediato.

5.3.4.7 Reserva Orgânica de Suprimento Classe V (Mun)

5.3.4.7.1 É a quantidade de suprimento classe V (Mun), além da que constitui a DO das unidades apoiadas, transportada pelo B Log para fins de garantia da continuidade das operações para situações de emergência e na eventualidade de interrupções no fluxo.

5.3.4.7.2 O B Log possui a capacidade de transportar e armazenar 80 (oitenta) toneladas de suprimento classe V (Mun), por meio das viaturas de dotação do 2º Gp Sup Cl V (Mun).

5.3.4.7.3 De acordo com a situação tática, o B Log pode ser reforçado com meios do escalão que o apoia (grupamento logístico), por meio do emprego da reserva móvel.

5.3.4.7.4 A RO é distribuída e consumida, quando necessário, sob coordenação do comando da GU, sem que se peça autorização ao escalão superior. Logo após ser consumida, o elemento interessado participa tal fato ao escalão superior e pede a reposição do suprimento.

5.3.4.7.5 Os tipos e quantidades de munição que comporão essa RO serão estabelecidos pelo comando da GU, por meio do estudo de estado-maior, que deve considerar o perfil de combate, a natureza da operação a ser desencadeada e a disponibilidade de munição no escalão superior.

5.3.5 SUPRIMENTO CLASSES II, IV, V (Armt), VI, VII, VIII, IX E X (PRODUTOS ACABADOS)

5.3.5.1 Os suprimentos das classes II, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X são fornecidos pela Companhia de Suprimento. Nas brigadas, o consumo de suprimentos dessas classes em comparação com as classes I, III e V, em termos de tonelagem e frequência, é relativamente baixo, o que leva a reuni-los em apenas um grupo.

5.3.5.2 Pedido

5.3.5.2.1 As unidades enviam os seus pedidos de suprimento para o B Log que, por sua vez, remete-os para a instalação do escalão superior que presta o apoio.

5.3.5.3 Distribuição

5.3.5.3.1 O suprimento é enviado diretamente da instalação do escalão superior que apoia para o respectivo posto de distribuição de suprimento na BLB. Eventualmente, pode ser enviado diretamente do escalão superior para a unidade.

5.3.5.3.2 A brigada não possui reserva orgânica de suprimento dessas classes.

5.3.6 PEÇAS E CONJUNTOS DE REPARAÇÃO DAS CLASSES II, IV, V (Armt), VI, VII, VIII, IX E X

5.3.6.1 Pedido

5.3.6.1.1 Geralmente, os pedidos são eventuais e, por vezes, são substituídos pela troca direta de itens mediante apresentação do material danificado.

5.3.6.1.2 Os elementos de manutenção do B Log podem, complementarmente, apoiar as unidades com peças de seus estoques e, posteriormente, fazer um pedido ao posto de distribuição de material bélico da Cia Sup existente na BLB. Normalmente, as unidades fazem um pedido eventual diretamente ao B Log, que fornecerá por meio do fluxo de suprimento. Os itens de suprimento existentes no P Distr MB/Cia Mnt estão dimensionados para atender às necessidades da própria SU e das Seç L Mnt.

5.3.6.2 Entrega de Peças e Conjuntos de Reparação

5.3.6.2.1 O escalão superior que apoia a brigada entrega as peças e conjuntos de reparação (Pç e Cj Rep) à Cia Mnt. Normalmente, a distribuição e aplicação são realizadas pelos elementos de manutenção em apoio.

5.3.6.2.2 A Cia Mnt dispõe de certa quantidade de Pç e Cj Rep, que correspondem a, aproximadamente, 80% das necessidades para uso dos pelotões de manutenção da própria companhia e pelos pelotões ou seções de manutenção das U/SU apoiadas.

5.3.6.2.3 O Pel L Mnt dispõe de suprimento destinado às atividades de suas seções e conduz uma quantidade de peças de maior consumo para distribuir às unidades apoiadas. É normal o processo de troca direta para a obtenção desse material.

5.3.6.2.4 O Pel Ap/Cia Mnt instala e opera um P Distr MB para atendimento das necessidades da Cia Mnt, o qual mantém estoque adequado ao escalão de manutenção que realiza, de acordo com as listas de estoque autorizado do seu escalão. O estoque fica escalonado nas Seq L Mnt e no posto de distribuição de material bélico.

5.4 TRANSPORTE

5.4.1 PLANEJAMENTO

5.4.1.1 As responsabilidades em assuntos de transporte estão afetas ao E-4 da brigada assessorado pelo comandante do batalhão logístico.

5.4.2 EMPREGO DOS MEIOS

5.4.2.1 Os meios de transporte, para fins logísticos, são os existentes na Cia Trnp, os quais são empregados prioritariamente no fluxo de suprimento entre a BLB e as unidades apoiadas.

5.4.2.2 No que diz respeito ao fluxo de suprimento, a Cia Sup/B Log deve atuar em perfeita sincronia com a Cia Trnp/B Log. Enquanto a primeira é responsável pelo recebimento, pelo controle, pela armazenagem e pela unitização das cargas, a segunda é encarregada do deslocamento das cargas de suprimento das diversas classes até seu destino. A coordenação das missões é encargo do COL do B Log.

5.4.2.3 A GU pode dispor dos meios das U e SU subordinadas para empregá-los de acordo com as suas necessidades, incluindo o batalhão logístico. O transporte de pessoal configura uma atividade complementar que pode ser executada pela Cia Trnp/B Log, uma vez que as unidades apoiadas possuem capacidade de transporte orgânica.

5.4.2.4 O método de planejamento do emprego dos meios de transporte inclui os seguintes aspectos:

- a) levantamento das condicionantes, restrições ao movimento, medidas de controle e medidas de segurança estabelecidos pelo escalão superior; e
- b) coleta de dados, compreendendo, entre outros: quantidade e tipo de carga (pessoal, se for o caso) a ser transportada; finalidade ou prioridade da carga; capacidade de carga das viaturas; embarcações e aeronaves; indisponibilidade dos meios de transporte; distância de transporte; velocidade média do movimento; tempo médio de carga e descarga; tempo disponível para realizar o movimento; capacidade das rodovias; limitações das aerovias; restrições fluviais; cálculo das necessidades; cálculo das disponibilidades; e comparação das necessidades com as disponibilidades.

5.4.3 CIRCULAÇÃO E CONTROLE DE TRÂNSITO

5.4.3.1 A circulação na Z Aç da brigada é de sua responsabilidade e visa à utilização mais apropriada da rede de estradas disponível. Ao planejar a circulação, o E-4/GU deve considerar as necessidades em estradas para a brigada, a economia de meios de conservação, como, também, a flexibilidade na utilização da rede viária.

5.4.3.2 Nas operações estáticas, como a defesa em posição, é comum a utilização da área de retaguarda da brigada e da divisão de exército para o transporte de suprimento e evacuação de feridos. O E-4 é o responsável por coordenar a utilização das estradas entre os elementos de combate, apoio ao combate e apoio logístico.

5.4.3.3 Todas as estradas disponíveis são consideradas, conforme a capacidade da via e o escalão apoiado, a fim de que se disponha de um número adequado de variantes. A utilização da rede viária disponível deve considerar ainda a facilidade de controle de trânsito.

5.4.3.4 Cabe ao pelotão ou à companhia de polícia do exército o controle de trânsito, de acordo com o plano de circulação e controle de trânsito. Para tanto, dispõe de pessoal e equipamento necessários ao estabelecimento de um número limitado de postos de controle de trânsito.

5.4.3.5 Deveres e Responsabilidades

5.4.3.5.1 O E-4/GU, assessorado pelo Cmt B Log, é o responsável pela elaboração do plano de circulação e controle de trânsito. O E-3 coordena com o E-4 as medidas para os movimentos táticos, inclusive a elaboração das ordens de operações para a execução desses movimentos e, além disso, deve informar ao E-4 sobre as zonas restritas ao trânsito. O E-2 fornece as informações referentes às possibilidades de interferência do inimigo com as medidas de controle de trânsito. O E-1 trata e coordena os assuntos pertinentes aos movimentos de civis.

5.4.3.5.2 Por outro lado, o estado-maior especial tem as seguintes responsabilidades: o engenheiro da brigada assessora o comandante e o estado-maior sobre os assuntos relacionados com instalações permanentes, estradas e pontes; o comandante do pelotão de polícia do exército, na brigada, assessora o comandante e o estado-maior nos assuntos relativos ao controle de trânsito; o comandante do B Log participa do preparo do plano de circulação e controle de trânsito devido ao largo uso das vias pelos comboios; e os demais comandantes de unidades são responsáveis pelo fornecimento de guias e segurança dos pontos críticos em suas Z Aç.

5.4.3.6 Controle de Transporte

5.4.3.6.1 O transporte militar necessita de um sistema de controle altamente eficiente. Para tanto, devem ser considerados dois elementos básicos: controle do fluxo de carga/pessoal/animais e o controle do movimento ou do trânsito. É responsabilidade do COL estabelecer um sistema de controle do fluxo de suprimento, de modo a ter visibilidade logística de todos os comboios, viaturas e cargas em deslocamento.

5.4.3.6.2 O controle do fluxo de suprimento é aquele efetuado pelo comando do batalhão logístico por meio dos planos e ordens de transporte, de forma a atender com eficiência às suas necessidades.

5.4.3.6.3 À medida que diminui o escalão adentrando na ZC, o trânsito, embora de menor tonelagem, é mais intenso, vital, de menor flexibilidade e maior vulnerabilidade à ação inimiga. Em consequência, torna-se imprescindível um controle mais cerrado que atenda também à dinâmica do combate com suas flutuações, tanto nos aspectos de suprimento e reabastecimento quanto no deslocamento de unidades motorizadas.

5.4.3.6.4 Para viabilizar o controle da missão de transporte, devem ser amplamente utilizados sistemas gerenciadores de transporte, os quais aprimoram o processo de distribuição e garantem uma operação integrada, possibilitando o controle das atividades de movimentação de carga e efetivos. Dessa forma, haverá um controle maior das informações, rapidez na execução do apoio de transporte e eficiência do apoio realizado. Esses sistemas são capazes de fornecer, em tempo real, informações a respeito dos custos, roteiros, volumes, rastreamento de cargas, além de confeccionar a documentação de movimento.

5.4.3.6.5 Na falta de sistemas informatizados, podem ser desdobrados junto aos postos de controle de trânsito, elementos de controle de movimento, cujas localizações constam do plano de controle de trânsito.

5.4.3.6.6 Esses elementos de controle de movimento possuem a missão de: verificar a execução do movimento; informar sobre a localização dos meios de transporte ao Esc Sup, quando solicitado; e mandar parar ou desviar comboios, por intermédio dos P C Tran.

5.4.3.7 Medidas de Controle

5.4.3.7.1 Estradas Principais de Suprimento (EPS)

- a) São estradas selecionadas pela brigada com a finalidade de, por elas, atender ao grosso do apoio em suprimento aos elementos apoiados.
- b) Recebem maior prioridade nos trabalhos de engenharia e no estabelecimento do controle de trânsito, de modo a manter a continuidade da circulação

planejada, independentemente das condições atmosféricas, da atividade do inimigo e de qualquer outra dificuldade que possa surgir.

c) A seleção é encargo do E-4, de acordo com as considerações táticas e em coordenação com o Cmt B Log e o engenheiro da brigada.

d) Em função da rede rodoviária existente na Z Aç, deve haver a previsão de EPS alternativas, com a finalidade de tornar flexível o planejamento no caso de ocorrer impossibilidade de utilização da EPS escolhida.

e) Estendem-se desde a BLB até os trens de todos os elementos apoiados. Quando os trens de um determinado elemento forem divididos em trens de combate e de estacionamento, a EPS é estabelecida até a ATE. A localização ou limites para localização da ATE pode ser proposta pelo S-4 da unidade que a desdobra ou imposta pela brigada, quando as circunstâncias exigirem tal procedimento.

f) Os fatores considerados para a seleção de uma EPS são:

- missão – apoiar, nas melhores condições possíveis, a linha de ação escolhida, favorecendo a unidade encarregada da ação principal;
- rede de estradas – estradas com capacidade para atender às necessidades diárias de suprimento; distribuição das estradas secundárias na Z Aç; evitar os pontos críticos, sempre que possível; facilidade de movimentos através do campo; e facilidade de ligação com o escalão superior;
- situação – apoio de engenharia disponível; aproveitamento de instalações fixas ou de serviços de unidades substituídas ou a serem ultrapassadas; e coordenação com o Esc Sup e unidades vizinhas, quando for o caso; e
- possibilidades do inimigo – vulnerabilidade à ação do inimigo por meio de fogos diretos e indiretos e evitar regiões que facilitem a atuação de guerrilheiros e sabotadores.

5.4.3.7.2 Linhas de Escurecimento

a) Linha de Escurecimento Total (LET):

- é uma linha balizada nitidamente no terreno e, tanto quanto possível, paralela à linha de contato, que pode ser a linha de crista mais avançada que ofereça desenfiumento de vistas para a retaguarda, ou uma linha distante da linha de contato o suficiente para impedir a observação terrestre dos movimentos pelo inimigo; e
- o E-4 é o responsável pelo traçado da LET e, para tanto, coordena as propostas feitas pelas unidades em 1ª escalão e as informações obtidas via reconhecimento aéreo e terrestres.

b) Linha de Escurecimento Parcial (LEP):

- é a linha balizada no terreno, além da qual, durante a noite, as viaturas que se dirigem para frente são obrigadas a usar luzes de escurecimento. Seu traçado é responsabilidade do escalão superior que recebe propostas das DE. Pode, em princípio, coincidir com o limite de retaguarda das DE.

5.4.3.7.3 Graus de Controle das Rodovias

a) As rodovias são classificadas quanto ao grau de controle militar conforme especificado a seguir:

- estrada livre – aquela que, pelo seu tráfego, exige um mínimo de policiamento;
- estrada policiada – aquela que, sem ter um tráfego pesado, pode ser controlada por meio de patrulhas de trânsito;
- estrada guardada – aquela que, para assegurar as condições de tráfego prioritário a determinados elementos, exige um controle cerrado e executado com grande policiamento; e
- estrada reservada – aquela designada, especificamente, para o uso exclusivo de determinada unidade para certo tipo de tráfego ou determinado propósito.

5.4.3.8 Segurança de Comboios

5.4.3.8.1 Os militares do B Log que estiverem envolvidos nas atividades de transporte devem estar adestrados na segurança dos comboios.

5.4.3.8.2 Caso o escalão superior não possua peças de manobra suficientes para dedicar uma delas exclusivamente às ações de SEGAR e à proteção dos comboios de suprimento, o B Log realizará a sua própria segurança, visando à detecção de uma ameaça, para que os comboios logísticos possam evitar essa ameaça ou reagir à mesma, neutralizando-a ou destruindo-a.

5.4.3.8.3 A segurança de um comboio deve ser buscada realizando-se a cobertura, a proteção e a vigilância.

5.4.3.8.4 A cobertura proporciona segurança ao comboio por meio de elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, retardá-lo, desorganizá-lo, engajá-lo ou iludi-lo, antes que possa atuar sobre o comboio.

5.4.3.8.5 A proteção proporciona segurança ao comboio pela atuação de elementos nos flancos, frente ou retaguarda imediatos, com a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre o comboio.

5.4.3.8.6 A vigilância proporciona segurança ao comboio pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações que procuram detectar a presença do inimigo.

5.4.3.8.7 Os comboios logísticos devem adotar os procedimentos similares aos previstos para as patrulhas motorizadas. Ainda, devem ser exaustivamente ensaiados por todos os militares do comboio a fim de prevenir a ação inimiga sobre o comboio e preestabelecer a missão de cada integrante, no caso de uma ação inimiga.

5.4.3.8.8 Os militares em um comboio logístico devem estar treinados nas ações de contra emboscada.

5.5 SAÚDE

5.5.1 O 2º escalão de saúde é realizado pela companhia de saúde orgânica do batalhão logístico. A Cia Sau executa esse apoio por meio do PAA que instala e opera na BLB e também por meio do apoio de evacuação de feridos no trecho entre o PS dos elementos apoiados e o B Log.

5.5.2 As frações da Cia Sau possuem constituição modular e flexível, a fim de possibilitar o seu desdobramento nas áreas mais à frente da BLB ou, ainda, nos Dst Log a serem constituídos de acordo com a situação tática ou logística.

5.5.3 A Cia Sau/B Log, em apoio à brigada, instala e opera o PAA no interior da BLB. Essa SU provê a evacuação de feridos e assistência médico-odontológica e cirúrgica de emergência.

5.5.4 Devidamente assessorado pelo comandante do B Log e consoante ao planejamento do escalão superior, a GU deverá estabelecer o número máximo de dias que um militar pode permanecer retido para tratamento nas instalações do batalhão logístico, sem prejuízo do atendimento a novas baixas.

5.5.5 A norma de evacuação (NEv) é conhecida como a diretriz destinada ao controle da evacuação de pessoal, evitando-se que os pacientes sejam evacuados para instalações mais à retaguarda do que o indispensável e que ocorram perdas desnecessárias.

5.5.6 O tempo que o baixado pode permanecer nas instalações de saúde da BLB, os tipos de lesão ou doenças que obrigam a evacuação para áreas mais à retaguarda e a situação tática são os fatores normalmente considerados no estabelecimento de NEv particulares para a ZC.

5.5.7 Quanto menor a norma de evacuação, menor será o número de leitos a serem desdobrados pela Companhia de Saúde do B Log. Normalmente, a Cia Sau possui a capacidade de desdobrar 15 (quinze) leitos para atender às necessidades da GU.

5.5.8 O PAA tem como função principal a intervenção cirúrgica imediata, conhecida como “cirurgia de controle de danos”, que visa a salvar vidas de pacientes gravemente feridos que necessitem de tratamento cirúrgico de urgência. Após essa intervenção cirúrgica inicial, os pacientes devem ser evacuados para o escalão superior no menor período de tempo possível para complementação do tratamento.

5.5.9 As missões do PAA são: triagem, classificação e tratamento inicial dos feridos graves (incluindo tratamento cirúrgico para controle de danos, suporte avançado de vida e tratamento bucomaxilofacial de urgência), capacidade de retenção intermediária e preparo dos pacientes para evacuação para outra instalação de saúde do escalão superior, mais bem capacitada ou, ainda, para o retorno à frente de combate.

5.5.10 Dependendo das características da missão, o PAA também pode executar os serviços de exames laboratoriais e de imagem de emergência.

5.5.11 O PAA presta, ainda, atendimento inicial aos feridos em situações de acidentes QBRN, após a sua descontaminação pelo pessoal especializado.

5.5.12 O PAA deve ter características (flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade) que permitam o apoio de saúde continuado durante toda a operação militar e distintas configurações, podendo ser mobilado com as especialidades necessárias à situação tática vigente, às informações de inteligência em saúde e às demandas do escalão superior.

5.5.13 O desdobramento do PAA pode ser planejado para as situações de guerra e de não guerra (emprego dual), com a composição das equipes adaptadas para as diferentes operações.

5.5.14 Os meios necessários ao desdobramento são determinados em função da missão, do número previsto de baixas e da capacidade dos meios de evacuação disponíveis.

5.5.15 A configuração mínima do PAA consiste nas seguintes estruturas:

- a) sala de triagem/emergência (S Trg);
- b) centro cirúrgico (C Cir);
- c) unidade de terapia intensiva (UTI); e
- d) enfermaria (Enf).

5.5.16 A configuração ideal do PAA pode ser potencializada para que este aumente sua capacidade de internação ou agregue especialidades cirúrgicas, consistindo nas seguintes estruturas:

- a) sala de triagem/emergência (S Trg);
- b) centro cirúrgico (C Cir);
- c) unidade de terapia intensiva (UTI);
- d) enfermaria (Enf);
- e) administração e atendimento clínico; e
- f) unidade de apoio – laboratório, farmácia e diagnósticos por imagem.

5.5.17 PLANO DE EMPREGO DE AMBULÂNCIAS

5.5.17.1 O plano de emprego de ambulâncias consiste em uma rede ou sistema de postos de mudas (do posto de muda básica e de um ou mais postos de muda intermediária), de um ou mais postos de embarque e de postos de controle, ao longo dos eixos de evacuação, estabelecido tão logo as unidades se organizem para o combate.

5.5.17.2 Os postos de embarque atuam em concordância com o fundamento do apoio de saúde de proximidade do elemento apoiado. Têm como principal função a pronta oferta de uma viatura ambulância (Vtr Amb) para o embarque do militar ferido nas ambulâncias do pelotão de evacuação (Pel Ev), proporcionando rapidez na evacuação dos feridos existentes nos PS para que recebam tratamento de 2º Esc ou excepcionalmente de 3º Esc.

5.5.17.3 A localização do posto de embarque será na proximidade do PS da unidade e estará de acordo com o desdobramento tático da AT da unidade, podendo localizar-se tanto na área de trem de unidade (ATU), quanto na ATC.

5.5.17.4 Os postos de muda são locais onde são agrupadas as ambulâncias que aguardam utilização.

5.5.17.5 O posto de muda básica encontra amparo doutrinário no fator segurança, pois, dessa forma, nem todas as Vtr Amb estarão próximas à ação do inimigo. Tem como principal função o reacompletamento dos postos de muda intermediária de forma mais rápida possível, diminuindo a distância para o futuro reacompletamento dos postos de embarque. A localização será próxima ao PAA da GU. A proximidade do PC do Pel Ev Avç dependerá da situação tática em que este se encontre.

5.5.17.6 O posto de muda intermediária localiza-se entre o PS e o PAA e tem como principal função o reacompletamento dos postos de embarque de forma rápida, proporcionando o tempo de ausência de disponibilidade de Vtr no posto de embarque, o menor possível. Não possui localização ou quantidade definida, uma vez que dependerá da situação tática e de outros fatores como segurança, existência de áreas previamente ou futuramente ocupadas por instalações logísticas (ATU ou ATC), como nos casos de operações com grandes movimentos tais como: Marcha para o Combate, Aproveitamento do Êxito, Movimento Retrógrado e Reconhecimento e Segurança.

5.5.17.7 O posto de troca de ambulância é o local onde os militares feridos são passados de um tipo de Vtr Amb para outro.

5.5.17.8 A troca de modal ocorre em área previamente designada e a evacuação dos feridos poderá ocorrer através do modal rodoviário, aquático, aéreo e ferroviário. Poderá ocorrer em qualquer escalão do apoio de saúde.

5.5.17.9 A finalidade do Plano de Emprego de Ambulâncias é manter sempre uma ambulância pronta para utilização no posto de embarque; evitar o congestionamento do tráfego das estradas, permitindo o controle do fluxo; e, ao mesmo tempo, evitar grandes perdas decorrentes de ataques inimigos, o que é conseguido com a dispersão das ambulâncias no terreno.

5.5.17.10 Define-se “ambulância” como um veículo (terrestre, aéreo ou aquaviário) que se destine **exclusivamente** ao transporte de enfermos. Os veículos denominados ambulâncias não devem ser utilizados para transporte de qualquer outro objeto ou material que não sejam pacientes.

5.5.17.11 As ambulâncias são classificadas em:

- a) Tipo A – ambulância de transporte – veículo destinado ao transporte em decúbito horizontal de pacientes que não apresentam risco de vida, para remoções simples e de caráter eletivo;
- b) Tipo B – ambulância de suporte básico – veículo destinado ao transporte inter-hospitalar de pacientes com risco de vida conhecido e ao atendimento pré-hospitalar de pacientes com risco de vida desconhecido, não classificado com potencial de necessitar de intervenção médica no local e/ou durante transporte até o serviço de destino. Pode ser tripulada por oficial enfermeiro ou praça técnico de enfermagem;
- c) Tipo C – ambulância de resgate – veículo de atendimento de urgências pré-hospitalares de pacientes vítimas de acidentes ou pacientes em locais de difícil acesso, com equipamentos de salvamento (terrestre, aquático e em alturas). A sua tripulação é organizada de acordo com a necessidade da missão, preferencialmente com elementos capacitados em saúde operacional;
- d) Tipo D – ambulância de suporte avançado – veículo destinado ao atendimento e transporte de pacientes de alto risco em emergências pré-hospitalares e/ou de transporte inter-hospitalar que necessitam de cuidados médicos intensivos. Deve contar com os equipamentos médicos necessários para esta função e possuir um oficial médico em sua tripulação;
- e) Tipo E – aeronave de transporte médico – aeronave de asa fixa ou rotativa utilizada para transporte inter-hospitalar de pacientes e aeronave de asa rotativa para ações de resgate, dotada de equipamentos médicos homologados pelo Departamento de Aviação Civil - DAC. A sua tripulação é organizada de acordo com a necessidade da missão, preferencialmente com médico capacitado em saúde operacional; e
- f) Tipo F – embarcação de transporte médico – veículo motorizado aquaviário, destinado ao transporte por via marítima ou fluvial. Deve possuir os equipamentos médicos necessários ao atendimento de pacientes conforme sua gravidade. A sua tripulação é organizada de acordo com a necessidade da missão.

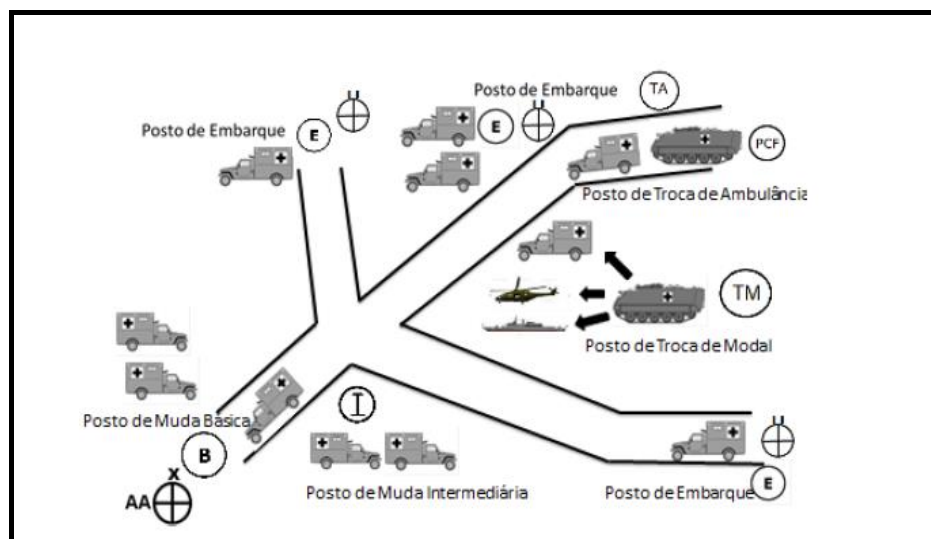


Fig 5-1 – Plano de Emprego de Ambulâncias

5.6 MANUTENÇÃO

5.6.1 O Batalhão Logístico, por intermédio da Cia Mnt, realiza a manutenção de 2º escalão e complementa a manutenção de 1º escalão dos elementos apoiados; proporciona o apoio de reboque e remoção; executa inspeções técnicas; e presta informações técnicas aos elementos apoiados.

5.6.2 A manutenção de 2º escalão compreende as ações que ultrapassam a capacidade dos meios orgânicos da OM detentora do material, englobando tarefas das atividades de manutenção preventiva e corretiva, com ênfase na reparação do MEM que apresente ou esteja por apresentar falhas de média complexidade. Requer, para sua solução, ações realizadas por pessoal especializado com o emprego de ferramental especializado portátil.

5.6.3 A manutenção realizada pela Cia Mnt/B Log é classificada como manutenção de campanha e compreende as atividades de manutenção corretiva levadas a cabo por elementos móveis, em proveito das OM de uma GU. Visa à reparação dos MEM indisponíveis ou parcialmente disponíveis, restituindo-lhes a plena capacidade operativa.

5.6.4 A Cia Mnt não realiza a manutenção dos equipamentos e materiais de saúde; de aviação; de mísseis e foguetes das OM da Artilharia de Exército; de engenharia das OM de Engenharia; de comunicações, eletrônica e guerra eletrônica das OM de Comunicações.

5.6.5 A Cia Mnt tem possibilidade de destacar Seç L Mnt, do Pel L Mnt, nas áreas de trens das unidades de combate, para proporcionar apoio cerrado a essas unidades e a outras que se situem nas proximidades, particularmente as de apoio ao combate.

5.6.6 As Seç L Mnt, quando destacadas, realizam a manutenção na área de trens das unidades, ou quando for conveniente, em outros locais, como no caso das unidades de artilharia em posição ou de viaturas sobre lagartas indisponíveis.

5.6.7 As Seç L Mnt, quando empregadas sob a forma de apoio direto, devem:

- a) ser dispostas em largura e profundidade, de modo a oferecer o melhor atendimento de manutenção às OM apoiadas;
- b) sempre que a situação tática permitir, cerrar o apoio para o mais próximo possível dos elementos apoiados, visando a reduzir a exposição e o tempo de transporte;
- c) sempre que possível, apoiar o mesmo elemento do início ao fim da operação, de modo a haver continuidade do apoio e manutenção dos laços táticos;
- d) levar o apoio até o equipamento em pane, dando ênfase à manutenção no local em que a pane ocorrer; e
- e) quando autorizado, recolher para a sua área de oficinas todos os equipamentos cuja extensão dos danos não seja compatível com a capacidade de atendimento dos elementos destacados em apoio direto.

5.6.8 A Cia Mnt (menos os elementos destacados) desdobra-se na BLB, prestando o apoio ao conjunto à brigada. Deve aproveitar, sempre que possível e autorizado, as instalações civis existentes. Apenas quando isso não for possível, desdobrará uma área de oficinas no interior da BLB, empregando toldos, barracas e as viaturas oficinas.

5.6.9 As oficinas e instalações de manutenção, uma vez estabelecidas, devem permanecer em atividade no mesmo local o maior espaço de tempo possível, desde que não prejudiquem as operações táticas e a segurança.

5.6.10 O batalhão logístico, quando em operações, deve dispor de um nível de estoque de conjuntos e peças de reposição para aplicação imediata ou para fornecimento por troca direta aos elementos apoiados.

5.7 SALVAMENTO

5.7.1 Essa função logística se refere ao conjunto de atividades que são executadas, visando a preservar e resgatar os recursos materiais, suas cargas ou itens específicos por diversos meios, no momento oportuno e para locais predeterminados, a fim de atender às necessidades da F Ter. Podem se referir ao material salvado e ao material capturado do inimigo.

5.7.2 No âmbito da F Ter, as atividades da Função Logística Salvamento referentes ao material são executadas por frações de manutenção, que poderão ser reforçadas por meios de engenharia.

5.7.3 MATERIAL SALVADO

5.7.3.1 O material salvado é aquele utilizado pelas nossas próprias Forças ou por forças aliadas, encontrado em situação de abandono no campo de batalha, suscetível de ser utilizado para suas finalidades (com ou sem reparação prévia), como matéria-prima, ou ser aproveitado como sucata.

5.7.3.2 Tendo em vista o princípio da economia de meios, a cadeia de salvamento fica intimamente associada à cadeia de manutenção. O material deve ser reaproveitado a partir dos menores escalões.

5.7.3.3 O batalhão logístico é responsável pela execução das atividades da Função Logística Salvamento relacionadas ao material (remoção e reboque), devendo possuir os meios e a capacitação necessária à execução dessas atividades.

5.7.3.4 Remoção é um conjunto de ações voltadas para a movimentação de meios materiais, impossibilitados de fazê-lo por seus próprios recursos, para um local predeterminado e visando a um fim específico.

5.7.3.5 Reboque consiste na movimentação de um meio que está impossibilitado de fazê-lo por seus próprios recursos, tracionando-o ou empurrando-o, utilizando equipamento especializado para tal.

5.7.3.6 Em casos excepcionais e em função das especificidades da tropa apoiada, o desencalhe, emersão ou reflutuação de meios poderão ser realizados pela fração orgânica do B Log, com apoio de meios de engenharia. Possui aplicação direta por batalhões que apoiam tropas que operam em ambiente fluvial.

5.7.3.7 O desencalhe, emersão ou reflutuação de meios são medidas desenvolvidas para tornar livre um equipamento que se encontra impossibilitado de locomoção, por encalhe ou afundamento.

5.7.3.8 As atividades de salvamento constituem em procedimentos de apoio eficientes para que as atividades de manutenção possam se desenvolver da melhor maneira possível. Para o material salvado, compreendem a movimentação física do material indisponível ou abandonado para um ponto onde será reparado ou recuperado, ou de onde retornará à cadeia de suprimento ou, ainda, será reduzido à sucata, por comprovada inservibilidade.

5.7.3.9 O material salvado passível de recuperação deve ser recolhido à instalação de triagem da companhia de manutenção (Posto Técnico de Material Bélico), local a partir do qual será enviado para a área de oficinas. Os demais itens salvados devem ser recolhidos para o P Col Slv.

5.7.3.10 No P Col Slv, é realizada a triagem do material para fins de aproveitamento. Caso seja de interesse, o material é recolhido para manutenção e retorna para a cadeia de suprimento. Caso não, o material é recolhido para o escalão superior.

5.7.3.11 Nos P Col Slv, o material é inspecionado e submetido à triagem:

- a) os artigos em bom estado são enviados às instalações de suprimento para nova distribuição. Os que precisam ser mantidos são encaminhados para as instalações de manutenção. Depois de reparados seguem para estocagem em instalações de suprimento e posterior distribuição;
- b) os principais componentes dos equipamentos não suscetíveis de manutenção para o uso específico são inspecionados, declarados imprestáveis e demonstrados, aproveitando-se as peças e os conjuntos reparáveis ou em bom estado; e
- c) os artigos e conjuntos que não possam ser mantidos com os recursos do escalão considerado, mas que sejam suscetíveis de manutenção pelos escalões superiores, devem ser recolhidos para esse fim.

5.7.3.12 O material salvado será recolhido para as ATE ou para próximo da EPS, sendo coletado pela Cia Mnt e movimentado para o P Col Slv da BLB.

5.7.3.13 Todo o material salvado e capturado que necessitar de apoio de manutenção é atendido, inicialmente, por elementos de manutenção do B Log desdobrados nas ATE.

5.7.4 MATERIAL CAPTURADO

5.7.4.1 O material capturado é aquele utilizado pelas forças armadas inimigas capturadas ou encontrado no campo de batalha. Deve ser recolhido para o P Col Slv.

5.7.4.2 No P Col Slv, é realizada a triagem do material para fins de aproveitamento. Caso seja de interesse, o material é recolhido para manutenção e retorna para a cadeia de suprimento. Caso não, o material é recolhido para o escalão superior.

5.7.4.3 O material capturado do inimigo é evacuado para o posto de coleta de salvados mais próximo, seja para o posto de coleta de salvados da brigada, seja para os postos de coleta de salvados das unidades.

5.7.4.4 No recebimento de material capturado em um posto de coleta de salvados, deve-se manter a cadeia de inteligência informada e aguardar instruções quanto ao destino a ser dado ao referido material.

5.7.4.5 Tanto a munição quanto outros artigos, cujo manuseio por pessoal não habilitado possa oferecer perigo, não devem ser deslocados. Nesse caso, uma equipe especializada em remoção e destruição de artefatos explosivos da Cia Sup/B Log deve ser acionada. Estão enquadrados nessa classe as munições e os explosivos capturados ou apreendidos durante uma operação e aqueles abandonados pelo inimigo, conhecidos como restos de guerra.

5.7.4.6 Combustíveis e lubrificantes devem ser examinados e aprovados antes de serem aproveitados pela cadeia de suprimento. O suprimento de saúde capturado deverá ser entregue às instalações de saúde para inspeção antes de sua redistribuição ou uso.

5.7.4.7 Os principais objetivos visados pelo manuseio e pela exploração do material capturado são:

- a) adoção imediata de contramedidas;
- b) análise da capacitação tecnológica do material;
- c) determinação das possibilidades do inimigo; e
- d) utilização do material e dos recursos inimigos pelas nossas forças.

5.7.4.8 A fim de assegurar sua máxima utilização, o comandante do B Log deve assessorar o Cmt GU no sentido de baixar instruções claras, objetivas e completas às unidades captoras, para a comunicação imediata e a salvaguarda do material capturado.

5.7.4.9 Quando a quantidade e a natureza do material capturado assim o exigirem, elementos de apoio logístico devem ser imediatamente enviados à frente, para aliviar as unidades de combate da guarda e do controle do referido material.

5.7.4.10 Os procedimentos referentes ao material capturado são semelhantes aos adotados para o material salvado, exceto quanto às amostras dos equipamentos novos, que devem ser imediatamente encaminhadas aos órgãos de informações técnicas interessados.

5.7.4.11 Para as atividades relativas ao combate a incêndios e controle de danos, não há fração específica no batalhão logístico. Os principais meios disponíveis para essas atividades na área de retaguarda são o pessoal e os equipamentos das organizações logísticas funcionais e de engenharia, a exemplo das cisternas de águas, viaturas socorro, retroescavadeiras e caçambas. O emprego desses meios, no entanto, deve ser bem avaliado, a fim de não comprometer o funcionamento do apoio logístico aos elementos apoiados.

5.8 RECURSOS HUMANOS

5.8.1 Em virtude dos B Log não serem constituídos por companhias de recursos humanos, as frações da Cia RH A/B RH possuem constituição modular e flexível, a fim de possibilitar o seu desdobramento nas áreas mais à retaguarda da BLB ou, ainda, nos Dst Log a serem constituídos de acordo com a situação tática ou logística.

CAPÍTULO VI

O BATALHÃO LOGÍSTICO EM APOIO ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS

6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 O combate moderno se desenvolve em um ritmo intenso e com alta mobilidade, exigindo do apoio logístico maior flexibilidade, sincronização e coordenação no planejamento e na execução.

6.1.2 A modularidade no emprego do batalhão logístico deve permitir a descentralização dos meios, empregando-os para apoiar situações específicas das operações.

6.2 NAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

6.2.1 Na ofensiva, o apoio logístico deve ser um fator primordial para a manutenção da força, da impulsão e da concentração do poder de combate de uma tropa, proporcionando de forma eficaz os meios necessários.

6.2.2 São cinco os tipos de operações ofensivas: a marcha para o combate, o reconhecimento em força, o ataque coordenado, o aproveitamento do êxito e a perseguição.

6.2.3 MARCHA PARA O COMBATE

6.2.3.1 A marcha para o combate é normalmente caracterizada por um alto consumo de suprimento classe III, aumento das necessidades de manutenção de viaturas, reduzido consumo de munição e pequeno número de baixas.

6.2.3.2 O apoio logístico é dificultado pela natureza dispersa da operação, pela rapidez do movimento para frente e pelas variações apresentadas pelo terreno e pelo inimigo.

6.2.3.3 As características táticas da marcha para o combate recomendam, de imediato, a descentralização inicial dos meios.

6.2.3.4 A velocidade da operação e o alto consumo de suprimento classe III exigem cuidadoso planejamento. O apoio logístico deve ser suficiente para capacitar a grande unidade se deslocar sem perda de tempo e ininterruptamente. O reforço de meios de apoio logístico pode ser solicitado aos escalões superiores, quando for necessário.

6.2.3.5 A necessidade de controle de trânsito nos itinerários de marcha é importante para o apoio logístico. Tal controle pode conflitar com as necessidades das unidades de combate, dos elementos de engenharia e da própria polícia do exército. Assim, cabe ao batalhão logístico apresentar as suas necessidades e prioridades por ocasião dos planejamentos da brigada.

6.2.3.6 Planejamento e Organização do Batalhão Logístico para o Apoio à Marcha para o Combate

6.2.3.6.1 Precedendo a operação, deve ser realizado um planejamento minucioso, tendo em vista a coordenação e o controle dos deslocamentos para que a ação seja desencadeada com segurança e com grande possibilidade de êxito.

6.2.3.6.2 O comandante inicia o exame de situação tão logo tome conhecimento de sua missão.

6.2.3.6.3 No exame de situação realizado antes do início da marcha, o comandante, visando prestar apoio logístico a todos os elementos de manobra, organiza o batalhão estabelecendo as suas diretrizes sobre o modo de prestação do apoio. São fatores básicos para a organização: a possibilidade da rede viária; a largura da Z Aq; o afastamento entre eixos; a segurança para a manutenção do fluxo de suprimento; e os dispositivo e efetivo previstos para a realização da marcha.

6.2.3.6.4 A centralização dos meios do batalhão em uma única BLB é um fator de eficiência e uma preocupação constante do seu comandante.

6.2.3.6.5 Com frequência, nesse tipo de operação, o batalhão necessita descentralizar os seus meios, de modo a proporcionar apoio cerrado aos elementos de manobra da GU, podendo, até mesmo, utilizar-se de desdobramento de destacamento logístico para realizar um apoio limitado que garanta a continuidade do apoio em momentos críticos em que a BLB realiza sua mudança de posição, mesmo perdendo as vantagens da centralização.

6.2.3.6.6 A utilização de mais de um eixo para o deslocamento da GU acarreta uma descentralização maior dos meios, particularmente, de manutenção, salvamento do material e evacuação de feridos.

6.2.3.7 Reflexos para as Funções Logísticas

6.2.3.7.1 Como decorrência das características próprias das marchas, as necessidades logísticas apresentam reflexos nas funções logísticas que condicionam o planejamento do apoio, conforme especificado a seguir.

6.2.3.7.2 Suprimento

- a) Sup CI I – no consumo diário, a ração de combate tem preponderância, tendo em vista as condições de movimento e segurança e a facilidade de preparação.
- b) Sup CI III – o reabastecimento das viaturas pode ser realizado durante os altos, em final de jornada, em momentos de reajustes ou na região de destino. O suprimento para atender a outros consumos, normalmente, é realizado em final de jornada.
- c) Sup CI V (Mun) – baixo consumo de munição. Deve ser dada atenção especial à munição para atender à defesa antiaérea e à defesa contra ações de guerrilheiros e elementos infiltrados.
- d) Demais Classes – o repletamento é realizado no final de jornada ou na região de destino, conforme a estimativa logística para a marcha e o combate.

6.2.3.7.3 Transporte

- a) O movimento motorizado é realizado com as viaturas orgânicas de cada unidade da GU.
- b) A necessidade de reforço de viaturas para o transporte de pessoal pode ser atendida em coordenação do escalão superior.
- c) Para o transporte em geral (material e pessoal), devem ser previstas viaturas reservas a fim de que seja mantida a continuidade do movimento de todas as frações.

6.2.3.7.4 Manutenção

- a) O apoio de manutenção é caracterizado por uma acentuada redução nos trabalhos em oficina. Prioridade para a manutenção no local e no serviço de manutenção de emergência ao longo dos eixos de progressão. O material que não puder ser reparado por exigir manutenção mais complexa e demorada deve ser retirado da estrada para não atrapalhar o movimento ou ser rebocado no sentido do movimento.
- b) A companhia de manutenção descentraliza, normalmente, os seus elementos do Pel L Mnt a fim de prestar o apoio de manutenção durante toda a marcha. Uma Seç L Mnt deve acompanhar cada unidade de combate e, em princípio, se desloca com os trens da unidade apoiada.
- c) A manutenção deve ser executada tão à frente quanto permitir a situação tática e a disponibilidade de tempo e recursos. É preferível a ida do pessoal de manutenção ao encontro do material a proceder o reboque em sentido inverso.

6.2.3.7.5 Saúde

- a) Na marcha para o combate, a estimativa é de não haver elevado número de baixas. Devem ser lançados postos de recolhimento de indisponíveis de marcha ao longo dos eixos de progressão, para onde são evacuadas as baixas das unidades. Esses postos devem possibilitar o transporte aéreo de feridos ou a evacuação aeromédica, que será largamente empregada, caso haja disponibilidade de meios especializados.
- b) A descentralização dos meios de saúde pela Cia Sau será a mínima compatível com as necessidades. As ambulâncias, em princípio, são centralizadas no PAA. Os

meios são desdobrados na medida em que o inimigo, oferecendo maior resistência, cause baixas em maior número.

6.2.3.7.6 Recursos Humanos

- A estimativa de reduzido número de baixas e a curta duração do tipo de operação trazem poucos reflexos nessa função logística.

6.2.3.7.7 Salvamento

- a) Os itens indisponíveis representam fonte importante de suprimento, exigindo um controle tão cuidadoso quanto o fluxo de suprimento.
- b) Para a realização da coleta e a evacuação do material salvado e capturado, a Cia Mnt instala e opera um P Col Slv. Sob coordenação do E-4/GU, o batalhão logístico pode ser instado a desdobrar elementos de salvamento ao longo do eixo de progressão da marcha a fim de instalar P Col Slv.
- c) A estimativa de maior ou menor densidade do material a ser evacuado, as prioridades para artigos críticos, bem como as disponibilidades de meios devem ser levadas em conta no planejamento.

6.2.3.8 Desdobramento e Segurança

6.2.3.8.1 Durante a marcha para o combate, é possível o desdobramento do batalhão em sucessivas regiões sobre o eixo de marcha. Para a localização das BLB, além dos fatores já conhecidos (manobra, terreno, segurança e situação logística) devem ser considerados, no planejamento, as linhas de provável encontro, as linhas de controle, os objetivos, bem como as regiões de destino.

6.2.3.8.2 Sempre que possível, o batalhão deve prestar o apoio logístico a partir da mesma área até o final da operação. Não sendo viável, deve buscar realizar o menor número de mudanças de BLB possível, ou ainda, empregar Dst Log composto por módulos de diferentes funções logísticas para manter o apoio cerrado ao longo do itinerário.

6.2.3.8.3 A preocupação de prestar apoio cerrado ou as possibilidades do inimigo terrestre podem exigir frequentes deslocamentos dos elementos de apoio, bem como a possibilidade de desdobramento de BLB em quase todas as posições selecionadas. O Cmt deve procurar, entretanto, evitar o desdobramento prematuro do batalhão, mantendo-o sobre rodas, em condições de rápido deslocamento, se a situação exigir. O desdobramento do Dst Log deve ser considerado, a fim de que se tenha o apoio cerrado sem que haja necessidade de mudança de BLB.

6.2.3.8.4 Quanto ao desdobramento do batalhão, deve ser observado: desdobramento dos meios conforme as necessidades, evitando-se o desdobramento prematuro que possa prejudicar o prosseguimento das operações; descentralização inicial, tendendo para uma centralização progressiva; e planejamento flexível, com desdobramento mínimo de meios, permitindo sempre a mudança de órgãos e instalações visando ao apoio rápido e eficiente às tropas em progressão.

6.2.3.8.5 O Cmt B Log deve manter estreita ligação com o Cmdo GU, tendo em vista os problemas de segurança do fluxo e das instalações do batalhão, criados devido ao alongamento das vias de transporte.

6.2.3.8.6 Como norma geral, para o desdobramento do batalhão, deve-se procurar áreas afastadas dos flancos expostos e, se possível, localizadas nas proximidades das regiões de destino do segundo escalão da tropa que realiza a marcha.

6.2.3.8.7 A localização da BLB, durante a marcha para o combate descoberta, é condicionada à distância máxima de apoio e à distância de segurança medida até a linha da pior hipótese (LPH).

6.2.4 RECONHECIMENTO EM FORÇA

6.2.4.1 Sob o ponto de vista do apoio logístico, as seguintes características táticas são consideradas mais importantes: situação indefinida, pois a ação se dá sobre uma determinada área a respeito da qual o comando deseja informações rápidas e precisas; e frente variável quando o comando realizar uma série de ataques ao longo de toda a frente.

6.2.4.2 A conquista do objetivo no terreno não é fundamental e sim a obtenção do máximo de informes relativos ao inimigo.

6.2.4.3 Após a obtenção dos informes, outras missões serão dadas à força de reconhecimento ou será determinado o seu retraimento.

6.2.4.4 Planejamento e Organização do Batalhão Logístico para o Apoio ao Reconhecimento em Força

6.2.4.4.1 O planejamento do apoio para o reconhecimento em força ocorre semelhante ao conduzido para um ataque coordenado com objetivo limitado ou como uma incursão.

6.2.4.4.2 O B Log é organizado de modo a assegurar, simultaneamente: economia de meios, eficácia do apoio logístico e controle adequado. Nesse tipo de operação, isso é conseguido com a centralização dos meios numa única BLB.

6.2.4.5 Reflexos para as Funções Logísticas

6.2.4.5.1 Suprimento

a) Sup CI I – o consumo diário normal, com preponderância das rações operacionais de combate e de emergência.

b) Sup CI III – o consumo elevado, devido ao dinamismo da operação, ocorrendo o reabastecimento das viaturas e da reserva orgânica após o final da missão.

c) Sup CI V (Mun) – o suprimento é realizado em função do consumo decorrente das operações. O B Log deve apoiar o transporte da munição até as Áreas de Trens de Estacionamento (ATE) e Área de Trens (AT).

6.2.4.5.2 Manutenção

- A Cia Mnt presta o apoio de manutenção de forma centralizada e, normalmente, emprega as Seç L Mnt em apoio direto (Ap Dto). A descentralização do apoio ocorre à medida que for necessário.

6.2.4.5.3 Saúde

- Estimam-se poucas baixas nesse tipo de operação.

6.2.4.5.4 Recursos humanos

- Não se estimam reflexos significativos para a função logística recursos humanos.

6.2.4.5.5 Salvamento

- Não são visualizados reflexos significativos na função logística salvamento.

6.2.4.6 Desdobramento e Segurança

6.2.4.6.1 Como não se visualiza uma operação de grande profundidade ou largas frentes, o B Log se desdobra, em princípio, de forma centralizada e o mais à frente possível, tendo em vista as ações futuras.

6.2.5 ATAQUE

6.2.5.1 No ataque, as prioridades para o apoio logístico, normalmente, são:

- a) ataque principal – ao qual se atribui a maior prioridade na distribuição dos meios;
- b) ataques secundários – que receberão meios adequados ao cumprimento de suas missões; e
- c) reserva – mantida em condições de ser empregada em ocasião e local decisivos.

6.2.5.2 As seguintes características táticas são consideradas as mais importantes sob o ponto de vista do apoio logístico:

- a) situação indefinida, devido aos intensos reconhecimentos;
- b) esforços coordenados no tempo e no espaço;
- c) concentração máxima de meios na direção decisiva;
- d) conquista de objetivos sucessivos, com progressão em profundidade; e
- e) tipo e missão da tropa empenhada.

6.2.5.3 Planejamento e Organização do B Log para o Apoio ao Ataque

6.2.5.3.1 No ataque, todos os esforços devem ser envidados para que o batalhão logístico se desdobre o mais à frente possível. Fatores adversos, como insuficiência de meios de transporte, deficiência da rede rodoviária e segurança da

área, podem desaconselhar, em determinado momento, a mudança da BLB para uma região mais próxima da linha de contato.

6.2.5.3.2 O ataque é, normalmente, caracterizado por: grande consumo de Sup Cl III e V (Mun); aumento das necessidades de manutenção, remoção, reboque ou resgate de material salvado e capturado; grande número de baixas; e acentuado aumento das necessidades de transporte de suprimento.

6.2.5.3.3 A ação ofensiva exige a concentração do poder de combate em pontos e ocasiões decisivos, pela judiciosa aplicação do fogo e do movimento. A rapidez é essencial ao êxito e todo o esforço deve ser feito para manter a sua impulsão e agressividade. Para o apoio logístico, implica no equacionamento de diversos problemas logísticos, exigindo-se as seguintes condicionantes:

- a) necessidades mais bem definidas, uma vez que se pode deduzir as consequências sobre o desenrolar do ataque e fazer uma estimativa mais precisa das necessidades logísticas, facilitando o equacionamento do apoio;
- b) desdobramento amplo da unidade, com o máximo de apoio na direção decisiva;
- c) centralização das atividades logísticas, tendo em vista a coordenação de esforços;
- d) conservação de meios para o apoio em todas as fases do ataque; e
- e) grande concentração de meios.

6.2.5.3.4 Os exames de situação para o emprego dos meios do batalhão são conduzidos em fases, de acordo com o planejamento para as operações. Ele deve ser coordenado com o planejamento logístico do escalão superior.

6.2.5.3.5 Os planejamentos iniciais devem prever meios para apoiar as reservas táticas quando empregadas.

6.2.5.3.6 O apoio logístico é ininterrupto, sendo prestado desde as zonas de reunião e posições de ataque até a conquista dos objetivos finais. Os trabalhos têm que ser judiciosamente considerados de modo a serem realizados dentro de uma sequência que atenda às prioridades estabelecidas pela manobra.

6.2.5.3.7 O êxito da missão de apoio logístico depende de um eficiente sistema de comunicações e de um permanente contato com os elementos de apoio do escalão superior.

6.2.5.4 Reflexos para as Funções Logísticas

6.2.5.4.1 As necessidades de rapidez para o ataque variam conforme a maior ou menor intensidade da ação projetada, exigindo fluxo constante de meios e implicando no transporte de toneladas elevadas de suprimento, particularmente de Cl V (Mun) e Cl III. A reunião dos recursos e a realização dos trabalhos indispensáveis ao desembocar do ataque exigem tempo e são condicionados pelas vias e pelos meios de transporte, pessoal e equipamentos disponíveis.

6.2.5.4.2 Suprimento

- a) Sup CI III – o ataque, sendo uma operação dinâmica, impõe a movimentação dos meios motorizados em larga escala. Neste contexto, o consumo de classe III é bastante elevado, a fim de atender à montagem do ataque, ao suprimento, à evacuação e à manutenção.
- b) Sup CI V (Mun) – o consumo é bastante elevado, particularmente quando houver fogos de preparação. Neste caso, é normal a estocagem temporária da munição na unidade para atender ao consumo imediato.
- c) Sup CI VI – há um grande consumo, particularmente, de itens de suprimento específicos para os trabalhos de estradas e pontes.
- d) Sup CI VIII – ocorre grande consumo, em face do aumento do número de baixas em menor espaço de tempo. Os elementos de saúde de todas as unidades devem obter a dotação máxima possível de material de saúde antes do início do ataque.
- e) Peças e conjuntos de reparação – há grande consumo, principalmente antes e após o ataque, a fim de aumentar a disponibilidade do material da GU.

6.2.5.4.3 Transporte

- As grandes toneladas de suprimento a serem transportadas antes do desembarcar e para a sustentação do ataque, o salvamento de material e prazos exíguos exigem a elaboração de um plano minucioso de emprego dos meios de transporte, bem como uma eficiente coordenação e fiscalização da circulação na área da GU.

6.2.5.4.4 Manutenção

- a) No ataque, cresce de importância a interdependência da manutenção e do suprimento (peças e conjuntos de reparação), tendo em vista o maior desgaste do material, a premência de tempo para os trabalhos e a necessidade de manter o material das unidades na maior disponibilidade possível.
- b) Os elementos de manutenção de todas as unidades conjugarão o máximo dos seus esforços na realização dos trabalhos e no suprimento antes do ataque.
- c) Os elementos leves de manutenção, destacados para atuar junto aos elementos em primeiro escalão, deslocam-se por lanços à retaguarda deles, prestando o apoio em manutenção e realizando o suprimento mediante o sistema de troca direta. Para tanto, aproveitam as paradas nos objetivos, as pausas do combate e os períodos de pouca visibilidade, realizando a manutenção no local, quando possível.

6.2.5.4.5 Saúde

- Há estimativa de grande quantidade de baixas, estando, possivelmente, concentradas num período muito próximo. Assim, a evacuação pode ser dificultada por: maior quantidade de feridos de maior gravidade; maior fluxo de baixas na mesma unidade de tempo; necessidade de colocar todas as baixas em condições de evacuação no mais curto prazo.
- Os meios devem ser concentrados de acordo com o ataque principal, onde há estimativa maior do número de baixas. Durante a manobra pode haver realocação de recursos e de equipes para se atender ao aumento do fluxo de feridos.

6.2.5.4.6 Recursos Humanos

- Há um acréscimo das necessidades de serviços em campanha, apoio em assuntos mortuários e manutenção do moral da tropa, o que deverá ocorrer nas pausas do combate. Após o ataque pode necessitar o repletamento de efetivos.

6.2.5.4.7 Salvamento

- Devido à necessidade dos materiais se tornarem disponíveis no mais curto prazo, os itens indisponíveis podem representar fonte importante de suprimento, exigindo um controle tão cuidadoso quanto o fluxo de suprimento.

6.2.5.5 Desdobramento e Segurança

6.2.5.5.1 No ataque, o batalhão logístico se desdobra o mais à frente possível, a fim de evitar o deslocamento da BLB durante as operações. Os elementos que apoiam as unidades devem se organizar e receber os meios necessários antes do início da operação.

6.2.5.5.2 A missão e a intenção do Cmt GU deve ser analisada e compreendida a fim de, na condução da manobra, se for o caso, cerrar os elementos de apoio logístico logo após a conquista dos últimos objetivos impostos, considerando-se a missão futura.

6.2.5.5.3 Fatores adversos, tais como insuficiência de prazos, insuficiência de meios, sigilo da operação, deficiência da rede rodoviária e segurança, podem desaconselhar, em determinado momento, a mudança da BLB para uma região mais próxima da tropa apoiada. Em consequência, o deslocamento, a localização e o desdobramento da BLB devem levar em consideração o seguinte:

- a) dispositivo cerrado à frente, evitando grandes deslocamentos;
- b) desdobramento dos meios eixados no ataque principal;
- c) conservação dos elementos sobre rodas nos casos mais dinâmicos do ataque; e
- d) necessidade do desdobramento de Dst Log.

6.2.5.5.4 O desdobramento dos elementos de apoio logístico deve procurar o flanco menos exposto na zona de ação da GU e a proximidade de elementos de combate e de outras tropas amigas.

6.2.5.5.5 Para o desdobramento, na BLB, no ataque coordenado, deve-se verificar se, após a conquista do(s) objetivo(s), o apoio será cerrado para a manutenção dele(s).

6.2.5.5.6 Partindo da posição final de marcha para o combate, o B Log estará desdobrado na zona de ação da brigada que a enquadra. Observa-se o posicionamento da linha de partida (LP) e da linha de contato (LC). Caso ambas estejam em regiões distintas, considera-se, como pior hipótese, a linha de partida como possível posição inimiga. A partir da LP, mede-se a distância de segurança

com base na artilharia inimiga, encontrando-se uma área propícia ao desdobramento da BLB para apoiar o ataque.

6.2.5.5.7 Caso a LP e a LC sejam coincidentes, deve-se considerar a LP/LC como possível posição inimiga. Assim, dessa linha, mede-se a distância de segurança, tomando como base o tipo de munição das peças de artilharia inimiga.

6.2.5.5.8 Quando a BLB cerrar o apoio para a manutenção dos objetivos do ataque, mede-se a distância de segurança do limite anterior dos objetivos e marca-se o novo local para desdobramento. Essa mudança de posição da BLB deve ser realizada somente se for estritamente necessária. Assim, o comandante poderá utilizar o destacamento logístico para aproximar esse apoio sem, contudo, deslocar sua BLB.

6.2.6 APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO

6.2.6.1 Nesse tipo de operação, há um aumento considerável na velocidade de progressão, trazendo reflexos para os elementos de apoio que realizam um maior esforço para manter o fluxo de suprimento e salvamento de material.

6.2.6.2 O planejamento e a Organização do Batalhão Logístico para o Apoio ao Aproveitamento do Êxito e à Perseguição

6.2.6.2.1 Os planos de apoio devem ser flexíveis e as atividades logísticas são conduzidas, normalmente, de modo descentralizado.

6.2.6.2.2 Elementos do B Log, particularmente, de manutenção e suprimento podem acompanhar as peças de manobra valor unidade.

6.2.6.2.3 O consumo de itens de reposição de material bélico é elevado, exigindo um planejamento cuidadoso e uma previsão precisa. A segurança do pessoal de suprimento e de salvamento cresce de importância, uma vez que elementos avançados podem estar operando atrás de forças inimigas ultrapassadas.

6.2.6.2.4 Na perseguição, as forças de pressão direta e de cerco recebem o apoio de maneira descentralizada, de modo a permitir uma completa mobilidade.

6.2.6.2.5 A situação de comando reforço ou integração, normalmente, é adotada para os elementos destacados, podendo ser empregado um processo especial de distribuição de suprimento.

6.2.6.3 Reflexos para as Funções Logísticas

6.2.6.3.1 O consumo de suprimento Cl III é alto e, em consequência, a previsão para o suprimento é fundamental. O transporte de suprimento Cl III e V (Mun),

particularmente, pode ser o fator limitativo na determinação da distância até aonde a GU pode ir no aproveitamento do êxito.

6.2.6.3.2 Durante o aproveitamento do êxito e perseguição, os trabalhos de manutenção são realizados nos postos de manutenção de emergência estabelecidos nos itinerários.

6.2.6.4 O Desdobramento e a Segurança

6.2.6.4.1 O desdobramento será parcial para atender à alta mobilidade.

6.2.6.4.2 A presença do inimigo nas proximidades dificulta ou impede o apoio logístico. Uma vez procedida a limpeza do terreno pela força de acompanhamento e apoio, o B Log passa a ter condições de segurança para cerrar a BLB.

6.2.6.4.3 No aproveitamento do êxito e perseguição, deve-se evitar desdobramentos e deslocamentos desnecessários do B Log, devendo-se realizar o apoio com o mínimo de mudanças.

6.2.6.4.4 Inicialmente, o B Log se desdobrará na Z Reu e, dessa região, prestará o apoio logístico. A partir daí, serão verificadas quantas linhas de controle o B Log conseguirá apoiar até atingir a sua distância máxima de apoio.

6.2.6.4.5 Quando os elementos de primeiro escalão atingirem a última linha de controle antes do limite da DMA, o B Log inicia o deslocamento para sua próxima posição, para que não haja descontinuidade do apoio logístico.

6.2.6.4.6 No caso de necessidade de cerrar o apoio, poderá, ainda, ser lançado o destacamento logístico com os elementos necessários.

6.3 NAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

6.3.1 As operações defensivas apoiam-se sobre os seguintes fundamentos: apropriada utilização do terreno; segurança; apoio mútuo; defesa em todas as direções; defesa em profundidade; flexibilidade; máximo emprego de ações ofensivas; dispersão; utilização do tempo disponível; e integração e coordenação das medidas de defesa.

6.3.2 Há dois tipos de operações defensivas: defesa em posição e movimento retrógrado.

6.3.3 DEFESA EM POSIÇÃO

6.3.3.1 O tipo de operação defensiva adotado e a capacidade ofensiva do inimigo influirão no desdobramento e na execução do apoio logístico prestado pelo B Log.

6.3.3.2 Considerando que a iniciativa é do inimigo, será difícil prever a(s) área(s) de maior densidade de problemas logísticos. A probabilidade de penetração inimiga na área de defesa requer uma organização e localização dos meios de modo a não interferir com a manobra tática. Isso é mais verdadeiro quando se leva em conta, ainda, a importância da missão atribuída à reserva.

6.3.3.3 As necessidades de segurança e continuidade de apoio apresentam grande importância, condicionando a localização dos órgãos de apoio logístico o mais afastado possível do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA).

6.3.3.4 As operações defensivas apresentam as seguintes características táticas, particularmente importantes para o apoio logístico:

- a) manobra definida em linhas gerais;
- b) dispositivo em largas frentes e em profundidade;
- c) situação de relativa estabilidade;
- d) aspectos dinâmicos nas ações de defesa; e
- e) possibilidades de passar à ofensiva.

6.3.3.5 Essas características táticas da defesa determinam os seguintes reflexos para o batalhão logístico:

- a) máxima centralização do apoio, devido aos problemas de segurança e para facilitar as ações dinâmicas da defesa;
- b) amplo desdobramento dos meios em largura e em profundidade, possível pela estabilidade das operações e pelos amplos espaços em largura e profundidade;
- c) maior necessidade de segurança contra a artilharia, força aérea e elementos inimigos infiltrados;
- d) flexibilidade que permita atender às mudanças de atitude e às flutuações do combate;
- e) maior rendimento dos meios em função da estabilidade da situação; e
- f) necessidade de apoiar os elementos à frente do LAADA (força de segurança).

6.3.3.6 Planejamento do Emprego do Batalhão Logístico na Defesa em Posição

6.3.3.6.1 O Cmt B Log prepara prescrições específicas para o apoio logístico e estabelece prioridades para a prestação do apoio às forças de segurança, às forças da área de defesa avançada (ADA) e à reserva, na execução de contra-ataques.

6.3.3.6.2 Normalmente, o batalhão logístico é desdobrado no interior da posição defensiva de modo a apoiar, de uma única posição e de forma centralizada, toda a manobra da GU.

6.3.3.6.3 Quando do apoio aos elementos de segurança, tais como o posto avançado geral (PAG) e posto avançado de combate (PAC), o batalhão destaca elementos em apoio direto às unidades.

6.3.3.6.4 Na conduta do combate, o batalhão mantém os seus meios centralizados podendo, no entanto, ter elementos em apoio direto às forças de primeiro escalão. De qualquer modo, deve ficar em condições de apoiar os contra-ataques.

6.3.3.7 Reflexos para as Funções Logísticas

6.3.3.7.1 Em relação à função logística suprimento: há um menor consumo de Sup CI III; grande consumo de Sup CI IV, necessário à organização da posição defensiva; consumo de Sup CI V bastante elevado, exigindo a estocagem de grandes quantidades para atender aos elementos de segurança à frente da posição, aos elementos dispostos na ADA e ao apoio às ações dinâmicas de defesa; estima-se menor consumo de Sup CI VIII. No caso da defesa móvel, pode haver um consumo maior de Sup CI III e Pç e Cj Rep.

6.3.3.7.2 A grande demanda de materiais de construção (Sup CI IV), para organização do terreno, exige maior controle do movimento nas EPS e disponibilização de meios de transporte.

6.3.3.7.3 Módulos de saúde podem ser desdobrados em áreas mais avançadas a fim de ganhar eficiência nas atividades de triagem, tratamento e evacuação.

6.3.3.7.4 Na defesa em posição, ocorre grande demanda de materiais de construção, estreita coordenação da atividade de distribuição de Sup CI IV e aumento das necessidades de transporte. Normalmente, em virtude da grande quantidade, os materiais deverão ser distribuídos às posições mais avançadas para sua preparação.

6.3.3.7.5 Há um aumento nas necessidades de transporte, sobretudo para o atendimento das demandas de Sup CI V (Mun) de grosso calibre e CI IV, o que exige maior controle do movimento nas EPS e de meios para movimentação de carga, inclusive nas posições mais avançadas.

6.3.3.7.6 O percentual de perdas pode ser menor, mas o recolhimento e a evacuação das baixas nas áreas avançadas são dificultados em consequência dos movimentos para a retaguarda (flutuação do combate).

6.3.3.8 Desdobramento e Segurança

6.3.3.8.1 Para o desdobramento da BLB, deve-se considerar o seguinte:

- a) as necessidades de segurança e a continuidade do apoio têm particular influência na localização da área da BLB;
- b) o desdobramento e a instalação dos órgãos de apoio são feitos ao longo das vias de transporte, desde que satisfeitas as imposições de segurança, sigilo e disfarce. Assim, o batalhão logístico deve ser desdobrado e afastado do LAADA a fim de diminuir a concentração de meios nas áreas avançadas da posição e de evitar mudanças para a retaguarda durante a conduta da defesa;

- c) o desdobramento deve permitir o funcionamento centralizado dos meios de apoio logístico, mantendo-se a flexibilidade indispensável aos contra-ataques ou a passagem à ofensiva;
- d) a localização da BLB leva em conta as seguintes considerações: localização mais à retaguarda do que na ofensiva e em relação aos núcleos de aprofundamento; não interferir nos movimentos da reserva; fora do alcance da artilharia do inimigo; e a salvo das flutuações do combate;
- e) na organização da defesa das instalações contra o inimigo terrestre infiltrado (blindados, guerrilheiros ou forças especiais), devem ser exploradas, ao máximo, as características do terreno (cobertas e abrigos, observação, campos de tiro e transitabilidade), a fim de colocar o inimigo em situação desvantajosa. As vias de acesso favoráveis ao inimigo devem ser constantemente vigiadas por patrulhas ou postos de guardas; e
- f) os planos de defesa da BLB devem prever a defesa em todas as direções, o apoio mútuo entre as instalações e a existência de uma força de reação para ações ofensivas. A organização da defesa deve sofrer um aperfeiçoamento progressivo e continuado, sendo bem coordenada e integrada ao plano de defesa da GU.

6.3.3.9 Peculiaridade do Apoio

6.3.3.9.1 Apoio às Forças de Segurança

- a) O desdobramento e a localização dos elementos em apoio logístico às forças de segurança são função dos seguintes fatores: valor e tipo da tropa a apoiar; profundidade da área de segurança; duração da missão; e terreno.
- b) O apoio logístico aos PAG e PAC deve ser prestado, tanto quanto possível, de modo centralizado.
- c) Se necessário, podem ser desdobrados à frente elementos de saúde, manutenção e salvamento. O apoio de manutenção e salvamento de material é feito por meio de reforço (ou apoio direto) de Seq L Mnt.
- d) Caso necessário, o batalhão pode ocupar uma área no interior da área de segurança (entre os PAG e o LAADA). Entretanto, quando isso ocorrer, a área ocupada não deve interferir nos preparativos e na manobra dos elementos em primeiro escalão na ADA. Quando no interior da ADA, a BLB pode cerrar à frente até à altura das reservas das Bda em primeiro escalão.

6.3.3.9.2 Apoio à Área de Defesa Avançada

- Deve ser centralizado numa única BLB, observando-se, ainda, a flexibilidade de apoiar as ações dinâmicas de defesa. Para tanto, a BLB deve localizar-se à retaguarda, guardando a distância de segurança a partir dos últimos núcleos de aprofundamento e evitando mudanças decorrentes das condutas da defesa.

6.3.3.9.3 Apoio na Defesa Móvel

- a) O apoio logístico deve ser organizado dando prioridade de apoio aos elementos móveis e aos apoios de fogo. Para tanto, devem ser mantidos elementos de apoio logístico disponíveis, capazes de apoiar a reserva, quando empregada, em função de seu efetivo e de sua mobilidade. A localização da BLB deve apoiar tanto a(s)

força(s) de fixação como a(s) de choque, mantendo uma distância de segurança, contada a partir da penetração máxima admitida.

b) A(s) brigada(s) reserva(s) devem localizar as suas BLB à retaguarda dos últimos núcleos de aprofundamento divisionários, mantendo a distância de segurança mínima, contada da orla anterior dos referidos núcleos.

6.3.4 MOVIMENTO RETRÓGRADO

6.3.4.1 Planejamento e Organização do B Log para o Movimento Retrógado

6.3.4.1.1 O movimento retrógado apresenta características táticas que afetam o planejamento logístico:

- a) frentes e profundidades, normalmente amplas;
- b) natureza dispersa das ações;
- c) movimento sob condições de reduzida visibilidade;
- d) formação linear;
- e) rápidas mudanças de situação; e
- f) possibilidade de interdição das vias de retraimento por parte do inimigo.

6.3.4.1.2 Nos movimentos retrógados, os fatores tempo e espaço assumem características preponderantes.

6.3.4.1.3 O sigilo é uma das imposições da operação. Os deslocamentos das instalações logísticas para a retaguarda devem ser realizados sem que o inimigo os perceba.

6.3.4.1.4 A execução de um movimento retrógado, embora precedido de um planejamento cuidadoso, pode apresentar sérios problemas devido à intervenção do inimigo que mantém a iniciativa.

6.3.4.1.5 As características táticas dos movimentos retrógados trazem as seguintes consequências para o batalhão logístico:

- a) deve-se planejar um dispositivo que assegure o apoio eficiente às tropas, durante o movimento e nas novas posições, e aos elementos destacados em missão de segurança;
- b) retraimento de instalações e meios de apoio logístico desdobrados parcialmente;
- c) planejamento flexível, com o desdobramento mínimo de meios e permitindo a mudança rápida de instalações; e
- d) alongamento inicial das distâncias de apoio, descentralização inicial dos meios, tendendo para uma centralização progressiva.

6.3.4.1.6 O planejamento deve levar em consideração:

- a) evacuação rápida, coordenada e progressiva da maior parte das instalações de modo a não interferir com os movimentos das tropas;
- b) previsão e planejamento do retraimento para a nova BLB;

- c) redução dos movimentos de suprimento para a frente;
- d) entrega de suprimento em quantidades mínimas;
- e) previsão de processos especiais de distribuição de suprimento, como pequenos depósitos ao longo dos itinerários de retraimento ou de retirada, utilizando-se das localizações das ATE futuras dos elementos de manobra, de cobertas e abrigos ou de instalações fixas;
- f) redução da quantidade de instalações, permanecendo na posição que será abandonada apenas os elementos que possam ser rapidamente deslocados por estradas;
- g) destruição/inutilização dos itens de suprimento e de equipamentos que tiverem que ser abandonados (exceto Sup CI VIII – saúde); e
- h) existência de feridos intransportáveis.

6.3.4.1.7 O batalhão deve manter a continuidade do apoio antes, durante e após o retraimento, com base num planejamento cuidadoso e execução coordenada, evitando ocasionar atraso ou des controle.

6.3.4.1.8 Devido às largas frentes nas quais, normalmente, são realizados os movimentos retrógrados, as comunicações e o controle podem ter sua eficiência reduzida.

6.3.4.1.9 Apesar de o planejamento ser pormenorizado e centralizado, a execução é bastante descentralizada.

6.3.4.1.10 O comandante de cada fração é o responsável pela execução do plano de destruição/inutilização de instalações, naquilo que lhe couber, inclusive da destruição/inutilização do equipamento orgânico, quando for necessário.

6.3.4.1.11 Nos movimentos retrógrados, a organização do B Log para o apoio ao combate depende do grau de centralização dos meios previstos para a manobra concebida pelo comandante da GU. Poderão ser utilizados destacamentos logísticos e processos especiais de suprimento para cerrar o apoio.

6.3.4.1.12 Os meios devem ser desdobrados de tal maneira que permitam a economia, o rendimento na execução dos trabalhos e a eficiência no apoio prestado sob as condições desvantajosas que caracterizam os movimentos retrógrados.

6.3.4.1.13 Nos movimentos retrógrados, fatores como as possibilidades da rede rodoviária, largura e profundidade da zona de ação, afastamento entre os eixos, a segurança do fluxo de suprimento e das instalações, os núcleos de aprofundamento dos diversos escalões, o dispositivo e o efetivo previsto para a sua realização podem interferir na organização do apoio logístico. Muitas vezes, a descentralização de meios de manutenção e salvamento se faz necessária, assim como o desdobramento de um destacamento logístico.

6.3.4.1.14 As unidades da GU são preparadas para o pronto retraimento e o movimento é feito com as unidades transportando itens de suprimento suficientes para atingir as posições preparadas mais à retaguarda.

6.3.4.1.15 Antes do início do retraimento, o suprimento deve ser recompletado e a manutenção dos equipamentos realizada.

6.3.4.2 Reflexos para as Funções Logísticas

6.3.4.2.1 Suprimento

a) As necessidades nos movimentos retrógrados são restritas às quantidades de suprimento a serem mantidas nas áreas avançadas.

b) É normal a estocagem prévia de suprimento nas posições de retardamento, de acordo com as necessidades exigidas. O planejamento cuidadoso evita o transporte desnecessário, a destruição e a perda de suprimento.

c) O salvamento de suprimento é difícil, em face da rapidez das ações. Assim, na perspectiva de um movimento retrógrado, os elementos de primeiro escalão, ao retraírem, podem transferir suprimento para os destacamentos de contato de outras brigadas ou para a força de segurança ao serem acolhidos por esta. Os itens de suprimento que não possam ser salvos devem ser destruídos/inutilizados (exceto classe VIII).

d) Sup CI I – deve ser consumida a ração normal de campanha, pelo menos em uma das refeições. Nas fases mais dinâmicas das operações, há preponderância do consumo da ração operacional de combate. A fim de minimizar a circulação de viaturas durante o movimento para a retaguarda, o Sup CI I para consumo imediato pode ser estocado ao longo dos itinerários.

e) Sup CI III – é previsto um alto consumo desse suprimento antes do retraimento. A reserva orgânica deve estar completa antes do início do retraimento. O reabastecimento das viaturas é realizado antes do início do movimento, nos altos e em final de jornada ou nas novas posições.

f) Sup CI IV – há necessidade de regular a quantidade, particularmente, de material destinado à construção de obstáculos.

g) Sup CI V (Mun) – estima-se um alto consumo dessa classe de suprimento, tendo em vista que o fogo é preponderante nas ações retrógradas, por se constituir no meio mais eficaz de atuar à distância contra o inimigo durante toda a operação. É normal o consumo progressivo da DO, só havendo previsão de recompletamento nas novas posições.

h) Sup CI II, V (Armt), VI, VII, IX e X (produtos acabados) – o consumo dessas classes é maior antes do início da operação. Em final de missão, as necessidades de reposição são maiores do que nas outras operações, devido à destruição pelo inimigo ou pela tropa, para evitar a sua captura.

i) Sup CI VIII – normalmente, não é estimado um elevado número de baixas e o consumo do suprimento de saúde tende a ser baixo.

6.3.4.2.2 Manutenção e Salvamento

- a) A manutenção deve ser intensificada antes da execução de um movimento retrógrado. Deve ser centralizada a fim de aumentar o rendimento dos meios e facilitar o controle das frações da Cia Mnt, com vistas ao retraimento delas.
- b) Durante o movimento, os trabalhos restringem-se aos serviços de manutenção de emergência que visam a complementar a manutenção executada pelas próprias unidades, evitando qualquer embaraço no fluxo do trânsito de viaturas nas estradas que conduzem à retaguarda. Esse serviço atende não somente às viaturas e material orgânicos da GU, mas também a todas as viaturas que passam pelos postos de manutenção estabelecidos pela Cia Mnt.
- c) Os postos de manutenção estabelecidos ao longo dos eixos, normalmente operados por elementos do Pel L Mnt, são reforçados por equipes de salvamento (remoção e reboque) e estão situados nas imediações dos postos de controle de trânsito. Constituem-se de elementos de manutenção móveis, realizando a manutenção de viaturas e armamento onde for necessário.
- d) O restante da Cia Mnt, desdobrada com a maioria de meios sobre rodas na BLB, realiza o apoio sob a forma de apoio ao conjunto.
- e) As atividades de salvamento do material podem ser dificultadas pela maior rapidez de deslocamentos, largura e profundidade das zonas de ação e interferência do inimigo. O tempo disponível para a manutenção é um fator altamente limitante, exigindo expressiva quantidade de meios de salvamento, os quais podem ser reforçados com elementos da Seq Slv/Pel Ap MB. Esses elementos devem trabalhar em íntima ligação com as equipes e seções de manutenção nos postos de manutenção de emergência, ao longo dos itinerários de retraimento ou retirada, e com as Seq L Mnt destacadas adjacentes aos elementos de primeiro escalão.

6.3.4.2.3 Transporte

- Os problemas relativos ao transporte nos movimentos retrógrados têm maior destaque devido ao acréscimo das necessidades ao movimento para a retaguarda e à maior influência das ações do inimigo na operação.

6.3.4.2.4 Saúde

- a) As instalações de saúde, em princípio, desdobram-se em locais sucessivos, da frente para a retaguarda, a fim de manter a continuidade do apoio. O desdobramento inicial deve processar-se mais à retaguarda que em outros tipos de operações. Elementos de saúde podem reforçar os elementos em primeiro escalão.
- b) Quanto à triagem, devem ser tomados cuidados especiais para que não haja retenção de baixas.
- c) Em caso de pacientes intransportáveis deve-se destacar uma guarnição mínima para se manter com esses pacientes, obedecendo os preceitos do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA).

6.3.4.3 Desdobramento e Segurança

6.3.4.3.1 O planejamento visa ao atendimento do conjunto de toda a operação. Nesse aspecto, tem acentuada influência o prazo a ganhar em cada posição de retardamento.

6.3.4.3.2 É conveniente que a localização da BLB permita, se possível, o apoio a pelo menos duas posições de retardamento sucessivas a partir da posição inicial de retardamento (PIR).

6.3.4.3.3 Por essa razão, é comum o desdobramento da BLB em locais que facilitem os deslocamentos para a retaguarda.

6.3.4.3.4 A maioria dos meios deve ser desdobrada sobre rodas (desdobramento parcial), com a finalidade de se obter maior mobilidade.

6.3.4.3.5 A maior parte das instalações e frações do batalhão logístico se desloca para a retaguarda antes dos elementos das unidades de combate, para evitar o congestionamento do trânsito nas estradas. Para isso, tanto quanto permita a situação, o comandante deve centralizar o apoio prestado pelas suas subunidades a fim de facilitar o retraimento, o controle e a segurança delas.

6.3.4.3.6 O controle do movimento para a retaguarda é mantido/regulado pela designação do ponto inicial (PI), do P Lib, pela liberação/desocupação de locais a ocupar na nova posição, hora de início, sequência para cada elemento, itinerários de retirada ou retraimento, linhas ou pontos de controle.

6.3.4.3.7 Mediante a execução do planejamento previsto em um quadro de movimento, as companhias e o comando do batalhão retraem para as posições já escolhidas e reconhecidas previamente, liberando, nos locais previstos ao longo dos itinerários, os elementos destinados ao apoio do movimento da GU.

6.3.4.3.8 Na escolha da região para o desdobramento, deve ser considerada a necessidade de apoio em todos os eixos de retraimento ou retirada. O controle completo dos itinerários é essencial para a eficiência dos movimentos retrógrados. Nesse sentido, as prioridades, horários e condições de utilização das estradas devem ser planejados, a fim de assegurar um deslocamento ordenado, levando-se em consideração as missões e as possibilidades das subunidades.

6.3.4.3.9 As probabilidades de interdição das estradas por ação do inimigo, por modificação das condições meteorológicas ou por congestionamento dos itinerários, exigem a previsão de itinerários alternativos e/ou meios para permitir a trafegabilidade/transitabilidade.

6.3.4.3.10 Uma vez que uma operação retrógrada pode ser realizada com a população civil, o controle e a evacuação de civis devem ser considerados, a fim

de se evitar a desordem e o congestionamento do trânsito. Preferencialmente, devem ser direcionados para uma via específica que não interfira na manobra.

6.3.4.3.11 Especial atenção deve ser dada à segurança da área de retaguarda, uma vez que o inimigo pode tentar superar os obstáculos e as forças de segurança.

6.4 NAS OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

6.4.1 GARANTIA DOS PODERES CONSTITUCIONAIS

6.4.1.1 A condução das operações de apoio logístico sofre os seguintes reflexos: flexibilidade na adoção de processos e métodos de apoio não convencionais, podendo utilizar organismos civis locais e mão de obra disponível para diversos trabalhos; planejamento, execução e controle centralizados; utilização centralizada dos meios, visando a aumentar o rendimento; ampla utilização de recursos locais; complementação do apoio por outras forças locais e por elementos civis; maior permanência da instalação logística em um mesmo local; apoio cerrado; ampla utilização de módulos logísticos; e necessidade de concentração de tropa em áreas públicas ou propriedades civis desativadas.

6.4.2 GARANTIA DA LEI E DA ORDEM

6.4.2.1 As operações realizadas no contexto das operações de garantia da lei e da ordem apresentam, como principais demandas logísticas, dentre outras: aumento da necessidade de Sup CI II (equipamentos para controle de distúrbios), IV e V (munição não letal); reduzido consumo de munição de artilharia; e necessidade de acurada estimativa logística, face à diversidade de missões que podem ser atribuídas à Força Terrestre.

6.4.3 PREVENÇÃO E COMBATE AO TERRORISMO

6.4.3.1 As operações realizadas nesse contexto apresentam, como principais demandas logísticas, dentre outras:

- a) aumento da necessidade de Sup CI II, VII e X;
- b) a Cia Sau deve estar em condições de realizar o atendimento à população em caso de ataque terrorista, após a liberação da área pela equipe de segurança e DQBRN;
- c) redução da necessidade de Sup CI V; e
- d) necessidade de continuada análise da estimativa logística, diante da diversidade de missões que podem ser atribuídas à Força Terrestre no contexto desse tipo de operação.

6.4.4 AÇÕES SOB A ÉGIDE DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS

6.4.4.1 Nesse tipo de operação, a segurança das instalações e de comboios contra ações terroristas devem receber especial atenção. Todos os integrantes do B Log devem estar aptos a identificar ameaças terroristas e realizar a autodefesa da BLB, além de estarem adestrados para as ações de contra emboscada.

6.4.4.2 O apoio logístico às operações realizadas nesse contexto deve priorizar a utilização de recursos existentes na área de operações (A Op), desde que não cause risco de desabastecimento ou interrupção da prestação de serviços para a economia local.

6.4.4.3 A análise logística é de extrema importância, devido à diversidade de missões atribuídas à força terrestre (F Ter), abarcando: arranjos internacionais de defesa coletiva; operações de paz; ações de caráter humanitário; e estabilização.

6.4.4.4 O apoio de saúde deve seguir as normativas das Nações Unidas, considerando as particularidades socioculturais e religiosas.

6.4.5 EMPREGO EM APOIO À POLÍTICA EXTERNA EM TEMPO DE PAZ OU CRISE

6.4.5.1 O emprego em apoio à política externa constitui o uso controlado do poder militar, restrito ao nível aquém da violência, em reforço às ações de caráter político, diplomático, econômico e psicossocial, como: concentração de forças terrestres nas fronteiras com países vizinhos; realização de exercícios de adestramento; movimento de forças militares; e mobilização de meios de combate.

6.4.5.2 A análise de logística cresce de importância diante das peculiaridades de missões que podem ser atribuídas ao componente terrestre no contexto dessas operações.

6.4.6 OUTRAS AÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

6.4.6.1 O Exército Brasileiro também poderá cooperar com outras atividades, nomeadamente: segurança de grandes eventos e de chefes de Estado; garantia da votação e apuração; apoio relativo a acordos sobre controle de armas e produtos controlados; salvaguarda de pessoas, dos bens, dos recursos brasileiros ou sob a jurisdição brasileira, fora do território nacional; e patrulha fluvial.

6.4.6.2 Pela diversidade das missões, uma análise logística específica e detalhada para cada uma delas permitirá atingir o estado final desejado sem carência ou desperdício de meios e recursos.

CAPÍTULO VII

O BATALHÃO LOGÍSTICO EM APOIO ÀS DEMAIS OPERAÇÕES

7.1 NAS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

7.1.1 OPERAÇÕES AEROMÓVEIS

7.1.1.1 A operação aeromóvel é caracterizada por um aumento das necessidades de manutenção e evacuação de material salvo e capturado, grande número de baixas e acentuado aumento nas necessidades de transporte de feridos.

7.1.1.2 A natureza dispersa das operações em sua fase inicial, a dificuldade de definição do inimigo e a atuação em terreno desconhecido, longe da base de partida, trazem os seguintes reflexos: necessidade de apoiar todos os grupamentos de forças; descentralização inicial do apoio logístico; necessidade de conservar meios disponíveis para o apoio em todas as fases da operação; dificuldade na determinação exata dos meios necessários, implicando em equacionar o apoio logístico com base em estimativas.

7.1.1.3 A quantidade e o tipo dos itens de suprimento e equipamentos transportados pelas forças aeromóveis de assalto são indicados pelas necessidades iniciais de combate. São influenciados pelas possibilidades de manuseio da unidade aeromóvel, pela disponibilidade e capacidade de carga das aeronaves, pela data prevista para a junção ou o retraimento, pelas condições meteorológicas previstas e pelas possibilidades do inimigo.

7.1.1.4 As fases de suprimento empregadas nas operações são:

- a) suprimento de assalto – conduzido pela força-tarefa aeromóvel (FT Amv) por ocasião do assalto aeromóvel na cabeça de ponte aeromóvel. Os itens de suprimento são distribuídos às unidades antes do aprestamento, a fim de permitir a preparação para o movimento aéreo e o desembarque;
- b) suprimento de acompanhamento – enviado na manutenção do objetivo a fim de suprir as unidades até que os procedimentos normais de suprimento possam ser estabelecidos. A remessa é feita por carga interna, externa ou pelo lançamento em queda livre; e
- c) suprimento normal – aquele realizado após a junção ou o retraimento.

7.1.1.5 Na atividade de suprimento, as rações de combate são normalmente empregadas para o suprimento do escalão de acompanhamento das forças. Inicialmente, o Sup Cl III é enviado em pequenos recipientes; o Sup Cl V de acompanhamento inclui os tipos de munição necessária e permitem a continuidade das operações de combate.

7.1.1.6 Nas operações de duração limitada, os elementos de saúde em apoio devem estar preparados para reter os pacientes até 48 horas, se a evacuação da cabeça de ponte aeromóvel tornar-se retardada.

7.1.1.7 Os meios de transporte na cabeça de ponte aeromóvel são limitados. Do exposto, é maior a dependência dos meios da aviação do exército para a entrega do suprimento diretamente aos usuários. Deve ser feita a máxima utilização dos veículos inimigos capturados, a fim de complementar os recursos de transporte.

7.1.1.8 O problema da manutenção é ampliado pelo limitado número de tropas de material bélico na área do objetivo. A fim de reduzir ao mínimo as necessidades, deve ser realizada antes da partida uma manutenção intensiva para assegurar o mais elevado grau de prontidão operacional de todo o equipamento que deve ser encaminhado à área do objetivo. A manutenção durante o assalto inicial é normalmente executada pelo pessoal orgânico das unidades apoiadas, complementada por elementos do Pel L Mnt.

7.1.1.9 O apoio logístico nas operações aeromóveis é detalhado em manual específico.

7.1.2 OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

7.1.2.1 O planejamento logístico do componente terrestre deve atender a todas as funções logísticas: transporte, suprimento, manutenção, recursos humanos, saúde, engenharia e salvamento em todas as fases da operação, desde a concentração e aprestamento até as ações táticas subsequentes.

7.1.2.2 O componente aéreo da força aeroterrestre terá seu apoio logístico prestado pela força aérea componente.

7.1.2.3 Uma operação aeroterrestre, em termos gerais de demandas logísticas, é caracterizada por: grande necessidade de manutenção e de evacuação de material salvo e/ou capturado; e elevado número de baixas e grandes necessidades de evacuação de feridos.

7.1.2.4 O apoio à operação aeroterrestre possui as seguintes peculiaridades: apoio logístico descentralizado; elevado número de baixas; elevada necessidade de evacuação aeromédica; dificuldade de realizar evacuações terrestres antes da junção; alta dependência da força aérea para execução do apoio logístico; grande consumo de suprimento da classe III (querosene de aviação) e grande consumo de Sup CI VIII.

7.1.2.5 Os detalhes sobre o apoio logístico às operações aeroterrestres são abordados em manual específico.

7.1.3 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

7.1.3.1 Nas operações de segurança, pode-se privilegiar o apoio cerrado ou a continuidade do apoio, dependendo da situação.

7.1.3.2 É comum a abertura de um destacamento logístico para apoio à defesa das posições de bloqueio.

7.1.3.3 Devido à grande possibilidade de serem necessárias mudanças de locais da BLB em curto espaço de tempo, o desdobramento parcial das instalações sobre rodas é recomendado, o que permitirá a celeridade na mudança de localização das bases.

7.1.3.4 Uma manutenção preventiva e criteriosa deve ser realizada antes da operação, visando a reduzir a demanda por serviços de manutenção de viatura durante o movimento.

7.1.3.5 Devido à previsão de elevado consumo de Sup CI III, as viaturas deverão iniciar a operação com os tanques cheios, reduzindo a necessidade de reabastecimentos durante a operação.

7.1.4 OPERAÇÕES CONTRA FORÇAS IRREGULARES

7.1.4.1 A segurança no fluxo de suprimento e nas instalações logísticas recebe uma especial importância nesse tipo de operação.

7.1.4.2 Um comboio de suprimento não pode ser categorizado como um movimento administrativo. Os procedimentos de todos os integrantes do comboio são similares aos de uma patrulha motorizada.

7.1.5 OPERAÇÕES DE DISSIMULAÇÃO

7.1.5.1 Diversas ações podem ser planejadas para iludir o inimigo, sendo que muitos itens de suprimento podem ser empregados nesse tipo de operação. Assim, a análise logística deve ser levada a efeito e o escalão superior deve ser informado sobre os reflexos para o apoio logístico à brigada, visando a não comprometer as operações futuras.

7.1.6 OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

7.1.6.1 Além do apoio logístico normal à brigada, o batalhão logístico pode contribuir com as capacidades relacionadas à informação, conforme determinação ou necessidade do escalão enquadrante. Como exemplo, pode-se contribuir com a inteligência no repasse de dados relativos ao material capturado do inimigo entregue no P Col Slv.

7.1.7 OPERAÇÕES ESPECIAIS

7.1.7.1 Um B Log normalmente não apoia as operações especiais, pois já possuem sua própria estrutura de apoio logístico. Entretanto, pode receber algum encargo específico de apoio à base de operações especiais que não esteja em ambiente hostil, negado ou politicamente sensível.

7.1.8 OPERAÇÕES DE BUSCA, COMBATE E SALVAMENTO

7.1.8.1 Essas operações podem trazer os seguintes reflexos para o apoio logístico:

- a) equipes de saúde poderão ser destacadas junto aos elementos que realizam as buscas;
- b) a triagem e a evacuação de feridos ganham importância nesses tipos de operações, devido à possibilidade de grande número de baixas nos acidentes aéreos, principalmente;
- c) a Cia Mnt poderá destacar elementos para apoiar os especialistas de aviação no salvamento (remoção, reboque ou resgate) de material aeronáutico;
- d) o B Log poderá receber reforço de elementos de recursos humanos para as tarefas relativas aos assuntos mortuários; e
- e) é comum o aerotransporte de material e pessoal para o local da operação.

7.1.9 OPERAÇÕES DE EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES

7.1.9.1 O B Log deve ter condições de apoiar a força responsável pela operação de evacuação de não combatentes e também prover o apoio logístico aos não combatentes evacuados. Para tanto, poderá solicitar apoio ao escalão superior.

7.1.9.2 O apoio nesse tipo de operação possui as seguintes peculiaridades:

- a) possibilidade de utilização de um Dst Log ou processos especiais de suprimento para apoiar o centro de controle de evacuados;
- b) ampliação da utilização de atividades de transporte, recursos humanos e saúde;
- c) maior necessidade da contratação de meios e serviços locais;
- d) alto consumo de Sup Cl I, II III e VIII por causa do apoio aos não combatentes;
- e) baixo consumo de Sup Cl V; e
- f) necessidade de coordenação com agências civis.

7.1.10 OPERAÇÕES DE JUNÇÃO

7.1.10.1 O batalhão logístico da tropa que realiza a junção poderá receber a missão de prestar o apoio logístico à força estacionária, caso o efetivo dessa seja valor unidade ou inferior. Para isso, o B Log da tropa que faz a junção será reforçado pelo Esc Sup naquilo que for necessário.

7.1.10.2 Uma vez retomada a ligação terrestre, o batalhão logístico restabelece a sistemática normal de apoio de suas atividades quando a força estacionária for de valor brigada ou superior.

7.1.10.3 Eventualmente, a força de junção poderá prestar apoio logístico em atividades específicas, de acordo com o planejamento elaborado para a junção.

7.1.10.4 Manuais específicos das operações aeromóveis e operações aeroterrestres abordam detalhadamente o apoio logístico à força estacionária, quando esta for aeromóvel ou aeroterrestre.

7.1.11 OPERAÇÕES DE INTERDIÇÃO

7.1.11.1 A operação de interdição é executada para dificultar ou impedir que o inimigo se beneficie de determinada região, de instalações ou de materiais. As ações realizadas nessa operação abrangem, normalmente, o emprego de fogos aéreos e de artilharia, ocupação da área por forças terrestres, infiltração de tropas de operações especiais, sabotagens, barreiras e ações de guerrilha, implicando em reflexos específicos ao apoio logístico da tropa que a realiza.

7.1.11.2 As operações realizadas nesse contexto apresentam, como principais demandas logísticas, o aumento da demanda de Sup CI IV, V, VI e X e menor consumo de Sup CI III.

7.1.12 OPERAÇÕES DE TRANSPosição DE CURSO DE ÁGUA

7.1.12.1 Nas operações de transposição de curso de água, os elementos de primeiro escalão estarão separados do B Log pelo rio em uma fase da operação. Consequentemente, deve sempre ser buscada a continuidade do apoio logístico, atentando-se para o congestionamento da área de travessia e quantidade de pontes necessárias.

7.1.12.2 Os planejamentos são feitos com antecedência e os planos devem procurar diminuir as seguintes consequências:

- a) dos efeitos das perdas de itens de suprimento, equipamentos e pessoal;
- b) do retardo na operação de portadas e na construção de pontes;
- c) da interferência do inimigo nos deslocamentos nas áreas de retaguarda e de travessia; e
- d) do número limitado de áreas cobertas e abrigos e de rodovias.

7.1.12.3 A manutenção é intensificada na preparação das transposições. Equipes de manutenção devem estar disponíveis nas áreas de travessia, a fim de realizar consertos de emergência nos equipamentos para diminuir os retardos, principalmente nos materiais de engenharia de combate.

7.1.12.4 Existe a previsão de elevado número de baixas e aumento da necessidade de evacuação. Elementos de saúde devem ser destacados próximos à área de travessia e deverão ser posicionados nas duas margens assim que a situação permitir, assim como elementos destacados para a execução de resgate aquático.

7.1.12.5 Elementos de salvamento do batalhão logístico devem ser destacados próximos à área de travessia, uma vez que é comum a necessidade de reboque de viaturas nas rampas de acesso ao rio.

7.1.12.6 Os itens de suprimento críticos, quando necessários aos elementos de combate, são entregues em postos avançados de distribuição.

7.1.12.7 Nos movimentos retrógrados, o suprimento é preposicionado para apoiar as forças de retardamento.

7.1.12.8 Deve ser dada ênfase especial ao cumprimento dos planos de movimento e de controle e circulação de trânsito.

7.1.13 OPERAÇÕES ANFÍBIAS

7.1.13.1 Nas operações anfíbias, a tropa que está na cabeça de praia terá seu apoio logístico prestado por via marítima ou, caso a situação permita, por via aérea.

7.1.13.2 Caso o apoio logístico seja executado por via aérea, a logística será realizada usando os princípios das operações aeromóveis ou aeroterrestres.

7.1.13.3 Caso o apoio logístico seja prestado por via marítima, o B Log empregará um destacamento logístico com estrutura reduzida em uma embarcação.

7.1.13.4 Os reflexos para o batalhão logístico são: dificuldade de evacuação de feridos; elevada estimativa de baixas; alto consumo de Sup CI V (Mun), V (Armt), VI, VII e VIII; e destacamento de elementos de saúde, de manutenção de armamento e de comunicações junto aos elementos de primeiro escalão.

7.1.14 OPERAÇÕES RIBEIRINHAS

7.1.14.1 O B Log deve contar com alguns meios fluviais para determinadas atividades, como transporte de pessoal e material, evacuação de feridos, desescalhe e reflutuação de embarcações.

7.1.14.2 Estima-se maior consumo de Sup CI III, necessário para o transporte fluvial, e maior demanda por manutenção do armamento, embarcações e materiais de comunicações.

7.1.15 OPERAÇÕES CONTRA DESEMBARQUE ANFÍBIO

7.1.15.1 Estima-se um elevado consumo de Sup CI IV, CI VIII, CI V (Mun) e CI VI, devido à preparação da operação defensiva (Op Def).

7.1.15.2 Esse tipo de operação pode ocorrer em largas frentes, trazendo reflexos para o apoio logístico, decorrentes das longas distâncias.

7.1.15.3 Deve-se priorizar a continuidade do apoio aos elementos de 1ª escalão, visando a não haver decréscimo das capacidades do batalhão logístico em momentos críticos da operação, uma vez que a iniciativa e a surpresa estão com inimigo.

7.1.15.4 O apoio do B Log seguirá os princípios similares aos da defesa em posição.

7.1.16 OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA

7.1.16.1 Nessas operações, há um elevado consumo de Sup CI V (Mun) destinado à artilharia, ao emprego de fumígenos e munição para as tropas de 1ª escalão.

7.1.16.2 Estima-se um elevado número de baixas, com reflexos para a evacuação de feridos. Assim, podem ser destacados elementos de saúde para cerrar no apoio.

7.1.16.3 A Cia Sup terá os encargos relativos ao suprimento de itens acabados e equipamentos especiais da companhia de engenharia.

7.1.17 OPERAÇÕES EM ÁREA EDIFICADA

7.1.17.1 Nessas operações, normalmente: o ambiente operacional é conhecido; as distâncias para os elementos de 1ª escalão são relativamente curtas; existe a facilidade de ligação terrestre, embora sujeita a eventuais interrupções; e há maior facilidade de segurança das instalações logísticas.

7.1.17.2 Os reflexos para o apoio do batalhão logístico são: planejamento, execução e controle centralizados; ampla utilização de recursos locais; maior permanência das instalações nos locais de desdobramento; e ênfase na segurança das instalações e nas atividades logísticas.

CAPÍTULO VIII

O BATALHÃO LOGÍSTICO EM APOIO ÀS AÇÕES COMUNS E ÀS OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

8.1 NAS AÇÕES COMUNS

8.1.1 No contexto das operações terrestres, observa-se um rol de ações comuns a todas as operações, nomeadamente: ações de segurança; coordenação e controle do espaço aéreo; planejamento e coordenação do apoio de fogo; substituição de unidades de combate; cooperação civil-militar; DQBRN; guerra cibernética; operações psicológicas; guerra eletrônica; defesa antiaérea; e comunicação social.

8.1.2 Para todas as ações comuns, a criteriosa, eficiente e eficaz análise logística permitirá o adequado apoio prestado pelo batalhão logístico.

8.2 NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

8.2.1 Para fins de preparo e emprego da F Ter, os ambientes com características especiais estão divididos nos seguintes tipos: de selva; de pantanal; de caatinga; e de montanha.

8.2.2 A seguir, serão apresentadas as características dos ambientes com características especiais e as peculiaridades do apoio logístico em cada uma delas.

8.2.3 O APOIO LOGÍSTICO NO AMBIENTE OPERACIONAL DE SELVA

8.2.3.1 Fundamentalmente, as funções logísticas não sofrem alterações substanciais nos seus princípios de emprego, sendo adaptadas para se ajustar ao meio.

8.2.3.2 O apoio logístico apresenta as seguintes condicionantes – necessidade de adoção de métodos, processos e técnicas especiais; dificuldade de manter a sistemática rotineira do fluxo logístico, resultante do isolamento e dispersão das áreas de combate; inclusão das bases de combate na cadeia de apoio logístico; planejamento centralizado e execução descentralizada e flexível, decorrente da deficiência dos meios de transporte e das grandes distâncias; e utilização de diversificados eixos de transporte na mesma operação, como trilhas, estradas, vias aquáticas e campos de pouso.

8.2.3.3 Devido à carência de estradas e áreas para desdobramento da BLB, as instalações logísticas podem ser desdobradas em embarcações.

8.2.3.4 Reflexos para as Funções Logísticas

8.2.3.4.1 O batalhão logístico distribui o suprimento nas instalações logísticas das bases de combate de valor unidade. Excepcionalmente e caso os meios permitam, pode realizar o suprimento nas bases valor subunidade.

8.2.3.4.2 Reflexos para a função logística suprimento – processos especiais para o Sup Cl I, como pré-posicionamento, podem ser empregados; facilidade de deterioração do Sup Cl I, dificuldade de distribuição de água; devido ao ambiente operacional, há elevado consumo de Sup Cl II; como resultado dos grandes deslocamentos, há alto consumo de Sup Cl III, podendo ser transportado em balsas e distribuídos em reservatórios próprios para transporte de combustível em pequenas quantidades; há reduzido consumo de Sup Cl V (Mun) específico para operar na região; pela presença de doenças tropicais e pelas condições climáticas, estima-se elevado consumo de Sup Cl VIII, resultando num nível de estoque adequado; o consumo de Pç e Cj Rep é considerável, principalmente de material de engenharia (motor de popa e embarcações) e armamento.

8.2.3.4.3 Quando se aborda a função logística transporte, verifica-se que – há deficiência de vias de transporte; ampla utilização do modal aquático em todos os escalões; possibilidade, ainda que remota, do emprego de animais para a suplementação do transporte; o transporte aéreo, tanto de asa fixa, como de asa móvel, é, por vezes, necessário para complementar os demais, trazendo reflexos para a localização da BLB próximo a um aeródromo; em determinadas situações, o suprimento pode ser lançado de paraquedas ou em lançamento vertical em queda livre; aviões anfíbios podem ser empregados quando há áreas adequadas à amerissagem; e pontos de transferência de carga são frequentemente necessários e são operados por elementos do B Log.

8.2.3.4.4 Em relação à função logística saúde, os reflexos são: estimativa de elevado número de baixas; dificuldade de evacuação no interior da selva; necessidade de se cerrar o apoio de saúde junto ao destacamento logístico; todos os meios de transporte devem ser empregados na evacuação, planejando-se previamente os postos de troca de ambulância; e necessidade de ênfase à medicina preventiva, ao saneamento e à higiene.

8.2.3.4.5 Em operações com longo tempo de evacuação as instalações com suporte avançado de vida e capacidade de estabilização devem estar o mais próximo possível da tropa empregada.

8.2.3.4.6 A função logística manutenção possui os seguintes reflexos: grande demanda de manutenção dos materiais de comunicações, armamento, material de engenharia (motores de popa e embarcações); e necessidade de destacar Seq L Mnt, em reforço às unidades de primeiro escalão.

8.2.3.4.7 Em relação à função logística recursos humanos: atenção para a aclimação da tropa; dificuldade de evacuação de mortos, o que pode gerar normas específicas e, dependendo da situação, pode-se valer de cemitérios provisórios em escalões mais baixos e uso dos cemitérios civis já existentes na região; e amplo emprego de mão de obra local.

8.2.3.5 A Organização para o Apoio

8.2.3.5.1 Considerando as grandes frentes, a dificuldade de realização dos transportes e a influência do meio ambiente sobre eles, bem como a dissociação no emprego dos meios de combate, impõe-se, na maioria das vezes, o desdobramento do batalhão em uma BLB e destacamentos logísticos.

8.2.3.5.2 Para se beneficiar da segurança e propiciar o apoio cerrado, os destacamentos logísticos podem se desdobrar nas bases de combate de valor unidade. A BLB desdobra-se em local que permita atender ao esforço principal.

8.2.3.5.3 O desdobramento de mais de um Dst Log cria dificuldades para o C², repartição de meios e descentralização de pessoal. Entretanto, essa pode ser a única forma de cerrar o apoio aos elementos de 1^a escalão.

8.2.4 O APOIO LOGÍSTICO NO AMBIENTE OPERACIONAL DE PANTANAL

8.2.4.1 O apoio logístico no pantanal sofre consequências da restrição ao movimento de tropas por meios de transporte rodoviário. Há amplo emprego de embarcações nos deslocamentos. Existe a dificuldade de manutenção do fluxo de apoio logístico, devido aos obstáculos.

8.2.4.2 Os meios aéreos são empregados para complementar o apoio logístico.

8.2.4.3 Reflexos para o suprimento – devido ao ambiente operacional, há elevado consumo de Sup CI II; elevado consumo de Sup CI III; reduzido consumo de Sup CI V (Mun); e elevado consumo de Pç e Cj Rep, principalmente de material de engenharia (motor de popa e embarcações) e armamento.

8.2.4.4 O apoio logístico é semelhante ao apoio no ambiente operacional de selva na maioria dos aspectos, com as devidas adaptações.

8.2.5 O APOIO LOGÍSTICO NO AMBIENTE OPERACIONAL DE CAATINGA

8.2.5.1 Nesse tipo de ambiente, há grande dificuldade de obtenção de recursos locais. Há um aumento da necessidade de tratamento e distribuição de água, aliado à dificuldade de pontos de captação de água para se realizar o tratamento. Nesse contexto, deve-se considerar a alta demanda por água envasada.

8.2.5.2 Por se tratar de um recurso crucial à permanência do militar no combate, o fornecimento de água poderá ser alvo de sabotadores a fim de interromper o fluxo logístico dela, portanto além da dificuldade de pontos de captação, outro aspecto a ser considerado quanto à captação, distribuição e acondicionamento de água diz respeito à defesa alimentar, visto que a contaminação intencional da água pode causar intensas baixas e colocar em risco o êxito do combate. Os reservatórios de água devem sempre contar com procedimentos de segurança para evitar este tipo de contaminação.

8.2.5.3 A vegetação do ambiente de caatinga exige vestimenta específica, o que reflete no planejamento de Sup CI II.

8.2.6 O APOIO LOGÍSTICO NO AMBIENTE OPERACIONAL DE MONTANHA

8.2.6.1 Os reflexos para a função logística suprimento são: emprego de processos especiais de suprimento; adoção de intervalos de suprimento maiores; dificuldade de distribuição de água, fruto das necessidades estruturais das vias para os deslocamentos das cisternas de água e/ou engradados de água envasada; e aumento da demanda de Sup CI II, devido aos materiais específicos de escalada para o emprego de tropas em clima de temperaturas baixas.

8.2.6.2 Em relação à função logística saúde, quando a operação é executada em clima frio, estima-se um acréscimo de baixas devido à hipotermia e congelamento de partes do corpo.

8.2.6.3 Para as atividades de transporte, o ambiente operacional apresenta os seguintes reflexos: necessidade de suplementação do transporte por meio aéreo; e necessidade de integrar diferentes modais de transporte.

CAPÍTULO IX

O EXAME DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE DO BATALHÃO LOGÍSTICO

9.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

9.1.1 Os princípios básicos que regulam o exame de situação do comandante do batalhão logístico são os mesmos de qualquer outro comandante. Sua aplicação, entretanto, é afetada pelo caráter técnico e especializado da maioria das atividades logísticas e pela variedade delas.

9.1.2 O planejamento do B Log apresenta aspectos de grande complexidade, pois, em síntese, além de equacionar o cumprimento da missão de apoio, que é de natureza técnica e específica, tem que levar em conta a manobra tática dos elementos apoiados, com suas dificuldades e soluções possíveis.

9.2 SISTEMÁTICA DO EXAME DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE LOGÍSTICO

9.2.1 O exame de situação é um processo lógico e continuado de raciocínio, pelo qual um comandante e seu estado-maior consideram todas as circunstâncias que possam interferir no cumprimento da missão.

9.2.2 A missão da GU influi sensivelmente na orientação do exame de situação do comando do batalhão, uma vez que a missão do B Log depende, essencialmente, da manobra da tropa apoiada. As linhas de ação que o batalhão venha a adotar devem estar em condições de apoiar efetivamente essa manobra.

9.2.3 O exame de situação do Cmt B Log pode assumir aspectos diferentes, conforme a missão da GU e, particularmente, conforme a ocasião em que é feito, exigindo, por vezes, uma adaptação para atender a casos particulares.

9.2.4 Os prazos disponíveis e a experiência já adquirida podem permitir a realização de um exame de situação simplificado.

9.2.5 Tão logo o comandante do batalhão tenha ciência de uma nova situação, imediatamente inicia o exame correspondente. Se não houver conhecimento das linhas de ação da tropa apoiada, procede ao exame de fatores que independem daquelas linhas de ação, a fim de que, quando o comandante da GU expuser suas linhas de ação, tenha condições de, rapidamente, informar qual a linha de ação que pode contar com melhor apoio do B Log.

9.2.6 O exame de situação do comandante do batalhão logístico desenvolve-se por meio de uma reunião do estado-maior e do COL, em lugar conveniente, sob sua

direção. Normalmente, participam o subcomandante, o S-1, o S-2, o S-3, o S-4, o chefe do COL, o oficial de comunicações e os adjuntos do COL, do S-3 e do S-4.

9.2.7 Durante o exame de situação, o comandante do batalhão logístico deve emitir ordens preparatórias ou ordens de alerta, a fim de que os elementos subordinados tomem conhecimento da missão e iniciem os preparativos para o seu cumprimento.

9.3 ETAPAS DO EXAME DE SITUAÇÃO DO COMANDANTE DO BATALHÃO LOGÍSTICO

9.3.1 ANÁLISE DA MISSÃO E CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

9.3.1.1 Interpretação da Intenção e da Missão dos Escalões Superiores

9.3.1.1.1 Deve ser executada tanto pelo comandante, quanto pelo seu estado-maior. Deve ser feita em curto intervalo de tempo e tem a finalidade de permitir que o comandante saiba exatamente o que o batalhão logístico realizará, apresentando ao seu estado-maior uma diretriz para o exame de situação.

9.3.1.1.2 Para a execução do exame de situação, serão consideradas a missão, a intenção do escalão superior e as limitações dos órgãos de apoio logístico do escalão superior e dos elementos apoiados.

9.3.1.1.3 Podem ser expedidas diretrizes preliminares, permitindo que as SU iniciem ou prossigam seus trabalhos de comando, de forma simultânea e concorrente, em todos os níveis de planejamento.

9.3.1.1.4 O Cmt B Log toma conhecimento da missão da força apoiada pela ordem de operações da força, ordem preparatória ou ordem verbal do comandante da mesma.

9.3.1.2 Enunciado da Missão

9.3.1.2.1 Pode ser enunciado de um modo genérico ou por intermédio de missão logística específica, conforme a situação em que o batalhão logístico se encontre.

9.3.1.3 Ações a Realizar

9.3.1.3.1 Durante a análise da missão, o comandante deve relacionar todas as ações que o batalhão logístico terá que realizar para o cumprimento da missão que lhe foi imposta. Essas ações são levantadas e colocadas numa sequência, tomando-se por base, particularmente, a situação tática, as imposições do escalão superior, o prazo, o terreno e outras condicionantes da situação em curso.

9.3.1.3.2 Mesmo após terminada a análise da missão, durante o prosseguimento do exame de situação, podem surgir outros dados que induzam ao levantamento de outras ações a realizar.

9.3.1.3.3 As ações mais comuns para o batalhão logístico são: ultrapassar (outros elementos de apoio), substituir (elementos de apoio); destacar (elementos de apoio); receber (elementos de apoio); apoiar e especificar as ações da GU; deslocar e desdobrar os meios; defender as instalações; e ficar em condições de apoiar (prosseguimento ou ultrapassagem).

9.3.1.4 Condições de Execução

9.3.1.4.1 A missão recebida pode vir complementada por outros encargos que o batalhão logístico deve ficar em condições de executar, especialmente: imposições do escalão superior; prazo disponível para o início do cumprimento da missão; e largura/profundidade da zona de ação da tropa apoiada.

9.3.1.5 Conclusão – Novo Enunciado da Missão

9.3.1.5.1 Ao concluir a análise da missão, o comandante do batalhão está em condições de apresentar ao seu estado-maior, para o prosseguimento do exame de situação, uma diretriz, na qual constem o novo enunciado da missão e as principais ações que o batalhão tem que realizar.

9.3.1.5.2 Continuando o exame de situação e após o contato com o comandante da força apoiada, outros dados podem surgir e, acrescentados aos itens já levantados na análise da missão, construirão o parágrafo segundo da ordem de operações do batalhão logístico.

9.3.2 SITUAÇÃO E SUA COMPREENSÃO

9.3.2.1 Nesse ponto, deve-se expressar os aspectos da situação que possam afetar o apoio logístico e influenciar no estabelecimento das linhas de ação, visando ao cumprimento da missão, seguidamente:

- a) operação a ser apoiada – analisa-se a natureza das operações a apoiar, bem como a composição, efetivos e necessidades peculiares da força apoiada, com vistas a determinar os fatores que poderão influir na finalidade e no vulto da missão de apoio. Normalmente, os seguintes dados, extraídos da diretriz ou da missão do escalão superior, são os mais comuns: dispositivo atual e futuro dos principais elementos táticos da força; dispositivo atual e futuro das instalações logísticas dos elementos apoiados e do escalão superior; linhas de ação para o cumprimento da missão da GU; e operações futuras da GU apoiada;
- b) natureza das operações a apoiar – analisar a natureza das operações a apoiar, de forma a traçar o perfil do combate, permitindo a estimativa das necessidades logísticas. O perfil do combate identificará, ao longo do tempo, as ações realizadas pelos elementos apoiados. A partir desse perfil, será executada a estimativa logística com a previsão da demanda de apoio ao longo do tempo;

- c) força apoiada – são considerados o dispositivo, a composição e a natureza dos principais elementos da força apoiada. Consideram-se os dispositivos no início da operação que possam exigir reajustamento das operações logísticas. Estabelecem-se as necessidades de apoio no início da operação e em cada fase subsequente. Determinam-se as técnicas especiais de apoio ou procedimentos exigidos pela situação tática; e
- d) necessidades especiais – estudar os equipamentos especiais, o apoio a outras forças, o apoio a civis, refugiados, deslocados e evacuados, prisioneiros de guerra e outros.

9.3.2.2 Características da Área de Responsabilidade

9.3.2.2.1 O S-2 realiza e apresenta um estudo sucinto das condições meteorológicas e do terreno (situação existente) e quais os prováveis efeitos sobre as operações do batalhão logístico. O estudo dos eixos de transporte e da rede rodoviária é de relevante importância para a manobra logística e deve presidir a análise das características da área de responsabilidade. Os aspectos a seguir são estudados:

- a) características fisiográficas – no estudo do relevo, a análise da compartimentação do terreno tem em vista a determinação de prováveis regiões para a ocupação da base logística. Quanto às regiões dominantes, deve-se preocupar com aquelas que possam servir para a defesa da base logística contra ataques do inimigo terrestre infiltrado;
- b) aspectos psicossociais – considera-se, ainda, o grau de engajamento da população nacional no esforço de guerra e a atitude da população existente na área de responsabilidade. Aspectos socioculturais e religiosos também devem ser avaliados. Deve-se levantar a existência de deslocados, refugiados e evacuados e a necessidade de apoio logístico, assim como o auxílio necessário aos demais civis na área de responsabilidade;
- c) recursos locais – a existência de mão de obra especializada, construções, instalações de saúde, manutenção, meios de transporte, recreação e outros recursos locais que possam ser aproveitados são, também, levados em conta no estudo das características da área de responsabilidade;
- d) condições meteorológicas – o S-2 examina a previsão para o período correspondente às operações e às suas implicações no apoio logístico;
- e) vias de transporte – devem ser levados em consideração os cursos de água, os obstáculos, as pontes, os túneis, os viadutos, os entroncamentos e as capacidades das estradas, visando aos deslocamentos e à determinação da EPS. A existência ou não de vegetação influi na camuflagem. São levantadas as necessidades de reparos na infraestrutura de transporte a ser utilizada, bem como a frequência desses reparos a fim de permitir a coordenação com os seus órgãos gestores para a manutenção preditiva. Da mesma forma, são levantadas as vias transversais, os portos e as áreas de pouso liberadas pela ação terrestre que poderão ser usadas como alternativas, garantindo flexibilidade ao fluxo de suprimento;

f) obstáculos e pontos com restrições – são identificados os obstáculos, como rios, lagos e cadeias de montanha, e pontos críticos, como pontes, viadutos, regiões de passagem estreitas e localidades. A influência desses obstáculos e pontos com restrição no apoio logístico quanto ao aspecto segurança também são levantadas; e

g) regiões favoráveis ao desdobramento de instalação logística ou ao estabelecimento de bases logísticas – são identificadas para posterior definição da articulação dos meios de apoio logístico.

9.3.2.2.2 Os aspectos acima devem ser integrados por intermédio de calcos, sistemas de informações geográficas ou outros métodos disponíveis, concluindo-se sobre os efeitos das características da área de responsabilidade sobre o apoio logístico em cada uma das funções logísticas.

9.3.2.2.3 Deve-se concluir sobre: as regiões favoráveis para o desdobramento da BLB e Dst Log; rodovias, rios ou ferrovias possíveis de utilização como EPS; regiões favoráveis à instalação do PC; postos de vigilância; locais para desembarque de suprimentos e o seu armazenamento temporário; aeródromos; estações de tratamento/fornecimento de água; postos de abastecimento de combustível; recursos locais existentes; carência de recursos; entre outros aspectos relevantes para a logística.

9.3.2.3 Meios Logísticos Disponíveis na Área de Responsabilidade

9.3.2.3.1 Levantam-se os meios logísticos militares e os meios logísticos civis mobilizáveis existentes na área de responsabilidade, particularmente, as organizações militares logísticas singulares. Deve-se conhecer as áreas de desdobramento e suas condições de mobilidade. As possibilidades desses meios deverão ser examinadas em linhas gerais, ainda sem a preocupação de quantificá-las. Por último, examinam-se os meios disponíveis para a segurança da área de retaguarda da DE, quando for o caso.

9.3.2.4 Forças Inimigas

9.3.2.4.1 O estudo é realizado pelo S-2 por meio da análise de todas as informações disponíveis sobre o inimigo, omitindo apenas o que for julgado sem importância para o exame. A finalidade é a determinação das possibilidades do inimigo que representam uma ameaça ao cumprimento da missão do batalhão logístico. O exame é concluído citando-se as peculiaridades, deficiências e possibilidades do inimigo que possam interessar diretamente ao emprego do batalhão.

9.3.2.4.2 Normalmente, a atuação de forças irregulares e especiais, da força aérea, de unidades de DQBRN e da artilharia inimiga são as possibilidades que produzem maior efeito sobre as operações do B Log. São enumeradas, ainda, as possibilidades do inimigo levantadas pela tropa apoiada, destacando-se aquelas que poderão interferir diretamente no emprego do batalhão, tais como: inimigo aéreo, infiltrações, guerrilheiros, paraquedistas e blindados.

9.3.2.5 Nossas Forças

9.3.2.5.1 O S-3 levanta a situação tática e logística das unidades da GU. O S-1 e o S-4 focam no apoio logístico interno. Já o S-2 estuda os aspectos relativos à segurança da unidade. Devem ser abordados os aspectos que se seguem:

a) Situação logística

- A situação de cada atividade logística das GU e do próprio batalhão é analisada. Leva-se em conta a localização das instalações logísticas do escalão superior que apoia a GU, da própria força apoiada e dos elementos ultrapassados, quando for o caso. A finalidade confrontar as necessidades com as disponibilidades de apoio. Os seguintes aspectos são verificados:

- suprimento – situação das dotações, necessidades especiais, restrições e diretrizes impostas pelo Esc Sup e horários de abertura e fechamento das instalações;

- transporte – disponibilidade de meios orgânicos e não orgânicos, eixos principais, distâncias de apoio, velocidades e outros;

- saúde – disponibilidade de instalações hospitalares na Z Aç da Bda, número de leitos disponíveis, meios de evacuação e outros;

- manutenção – facilidades disponíveis e outros;

- recursos humanos – disponibilidade de recompletamentos e meios para prestação de serviços, como sepultamento, serviço postal, repouso e outros;

- engenharia – possibilidade dos meios disponíveis; e

- salvamento – capacidade dos meios disponíveis e possibilidade de acionamento de meios do Esc Sup.

b) Situação dos meios logísticos

- Em relação aos meios logísticos, são levados em consideração: localização e amplitude de apoio; elementos destacados; reforços recebidos; meios retirados e outros aspectos relevantes; efetivos, moral, instrução e adestramento que poderão influir no cumprimento da missão de apoio logístico; situação das dotações; equipamentos e tecnologias disponíveis; e disponibilidade do material que poderá influir no cumprimento da missão de apoio logístico.

c) Situação de comunicação social

- Identificar os efeitos da situação de comunicação social que poderão influir no cumprimento da missão de apoio logístico.

d) Situação de assuntos civis

- Identificar os efeitos da situação de assuntos civis que poderão influenciar no cumprimento da missão de apoio logístico.

9.3.2.6 Forças Amigas

9.3.2.6.1 São levantadas as forças amigas não orgânicas, sob o enfoque das implicações para a logística, considerando a hipótese de apoio eventual e a possibilidade de proteção das instalações logísticas do B Log.

9.3.2.7 Facilidades e Dificuldades

9.3.2.7.1 O estado-maior levanta as facilidades e as dificuldades previstas na situação existente ou projetada que possam influir no cumprimento da missão. Essas dificuldades surgem das considerações levantadas anteriormente e são comparadas por ocasião da análise das linhas de ações logísticas.

9.3.2.7.2 Ainda, deverão ser relacionadas as carências logísticas visualizadas, subsidiando o planejamento das necessidades de apoio do escalão superior.

9.3.2.7.3 As possibilidades do inimigo, o nosso dispositivo (esquema de manobra da GU), o terreno, a situação logística existente, os prazos, as restrições e a carência de meios são as dificuldades mais comumente encontradas.

9.3.2.7.4 O resultado obtido representará a etapa conclusiva do item situação e sua compreensão, particularmente no que se refere às dificuldades e será utilizado nas fases seguintes do exame de situação.

9.3.3 POSSIBILIDADES DO INIMIGO, LINHAS DE AÇÃO E CONFRONTO

9.3.3.1 Possibilidades do Inimigo

9.3.3.1.1 A partir da fase anterior, as possibilidades do inimigo de atuar no sistema de apoio logístico serão determinantes.

9.3.3.2 Linhas de Ação

9.3.3.2.1 Na formulação das linhas de ação, são considerados os fatores que se seguem:

- a) regiões para desdobramento do batalhão – a amplitude da zona de ação na LC/LP ou LAADA e a necessidade de apoiar até determinada linha do terreno são aspectos que podem levar à escolha de várias regiões para desdobramento. Essas regiões apresentam vantagens maiores em relação a um ou outro aspecto, como as possibilidades da rede de estradas, a cobertura oferecida pelo terreno, a localização do PC e o dispositivo logístico da tropa apoiada;
- b) centralização das atividades logísticas e dos meios – o batalhão logístico busca a centralização, mas é possível que surjam hipóteses de atuação descentralizada;
- c) ocupação da base logística – quando é dada liberdade ao batalhão e quando o tempo é fator preponderante, podem ser montadas linhas de ação diferentes em torno da ocupação de mais de uma base logística e da oportunidade dos deslocamentos dos meios de uma para outra área; e
- d) tipo de manobra – a composição da tropa apoiada e o tipo de manobra adotado (ou ambos) podem acarretar linhas de ação diferentes quanto às atividades logísticas a cargo do batalhão.

9.3.3.2.2 De posse das linhas de ação levantadas pelo estado-maior, haverá condições de se determinar as necessidades para cada função logística nas diversas linhas de ação e de formular soluções para o atendimento das

necessidades e para o apoio ao cumprimento da missão. Após isso, verifica-se a determinação das atividades logísticas. Para isso, deve-se estudar a composição das forças, sua estrutura de comando e os seus efetivos. A seguir, determinam-se as necessidades logísticas, utilizando-se de fatores necessários para cada função logística, em cada linha de ação. Também será quantificado o impacto das necessidades especiais das forças apoiadas.

9.3.3.2.3 Uma solução para o cumprimento da missão deverá começar pela organização do apoio logístico e apresentar uma proposta para a delimitação da área de responsabilidade. Deve-se considerar o papel de cada elemento a apoiar. Em seguida, visualiza-se o desdobramento logístico para apoio à missão, selecionando as localidades mais apropriadas para tal.

9.3.3.2.4 Detalha-se o estudo das funções logísticas, consolidando as reais necessidades de cada uma delas e as possibilidades dos meios militares existentes e daqueles civis mobilizáveis, já levantados anteriormente. Esse estudo visa a detalhar a linha de ação, checar sua viabilidade e quantificar os meios necessários, quando for o caso. Pode concluir, ainda, que a linha de ação em avaliação tem condições de ser apoiada total ou parcialmente, ou mesmo não ser apoiada, devendo-se necessariamente propor modificações que viabilizarão sua execução.

9.3.3.2.5 Uma linha de ação finalizada deverá determinar, o mais detalhadamente possível, “O que”, “Quem”, “Quando”, “Onde” e “Como”, a seguir explicado:

- determinação do “O que” – indicará as ações a realizar, necessárias para apoiar certa força no cumprimento de suas missões;
- determinação do “Quem” – indicará, com precisão, a força a ser apoiada e o elemento responsável pelo apoio;
- determinação do “Quando” – normalmente, traduzirá a oportunidade na qual o B Log deverá estar em condições de prestar o apoio, ou em condições de prestar a uma ou mais etapas específicas do apoio total. Poderá ser expresso por um grupo data-hora ou a partir de um evento específico, como o atingimento de uma fase da operação;
- determinação do “Onde” (De onde, Por onde, Para onde) – geralmente, indicará o local do desdobramento ou estabelecimento das instalações logísticas, o destino final de determinados tipos de apoio, a designação dos eixos de transporte e outros aspectos ligados à localização geográfica do apoio;
- e
- determinação do “Como” – poderá indicar a forma de apoio, a situação de comando e outros aspectos julgados relevantes.

9.3.3.3 Análise das Linhas de Ação Logísticas

9.3.3.3.1 Para a análise das linhas de ação, devem ser listados os fatores que tenham reflexos na decisão, com a definição daqueles que são preponderantes no exame em curso. Esse procedimento tem a finalidade de verificar se as

possibilidades do inimigo, selecionadas pelo S-2, quando comparadas com as linhas de ação da tropa apoiada, podem trazer alguma implicação para o emprego do batalhão. Caso isso aconteça, devem ser levadas em consideração no momento de se comparar as linhas de ação para o B Log.

9.3.3.3.2 Cada linha de ação deve ser analisada segundo as dificuldades levantadas anteriormente (fatores preponderantes) para determinar o efeito provável de cada dificuldade e, conseqüentemente, a chance de êxito de cada linha de ação.

9.3.3.3.3 A análise deve ser feita para cada situação (atitude e dispositivo) da tropa apoiada e para cada atividade (logística e manobra) que deve ser desempenhada pelo B Log. Para cada mudança de atitude ou de dispositivo por parte da tropa apoiada, deve ser feita uma análise das necessidades de apoio logístico (tomada do dispositivo inicial, conquista de objetivos intermediários e finais e prosseguimento).

9.3.3.3.4 Cada solução logística enunciada deve ser analisada. Devem ser determinadas as prováveis conseqüências para cada linha de ação logística, incluindo aspectos críticos, locais, prazos e dificuldades. Essa análise poderá ser feita cronologicamente para todo o cumprimento da missão, por função e atividade logística ou apenas de um evento considerado crítico. A escolha do método depende do tempo disponível e da situação existente.

9.3.3.3.5 A solução logística deve ser aperfeiçoada, incluindo o nível de detalhamento compatível com a missão do B Log, buscando os seguintes aspectos: a provável conseqüência de cada solução logística, suas partes ou aspectos críticos, locais, prazos e dificuldades; a sincronização logística do campo de batalha; o aperfeiçoamento dos itens “O que”, “Quando”, “Onde” e “Como”; a redução da ameaça, considerando todas as possibilidades do inimigo levantadas; e o levantamento das vantagens e desvantagens.

9.3.4 COMPARAÇÃO DAS LINHAS DE AÇÃO

9.3.4.1 A comparação das soluções logísticas tem por finalidade determinar, para cada função logística, aquela que melhor assegurará o cumprimento da linha de ação correspondente. Há vários processos para se determinar a melhor linha de ação. Dois desses são mais comumente usados. Um dos processos consiste em levantar, para a comparação, todas as vantagens e desvantagens de cada linha de ação.

9.3.4.2 Outro processo elege certos fatores prioritários ou princípios, fazendo-os reagir com as linhas de ação. Os fatores de comparação, normalmente utilizados, são: manobra, terreno, segurança e situação logística.

9.3.4.3 Em relação ao fator segurança, pode-se utilizar uma matriz de risco para verificar se a linha de ação é exequível.

9.3.4.4 Quanto ao dispositivo, pode-se utilizar os seguintes fatores: facilidade de coordenação, controle de comunicações e ligações; flexibilidade de apoio; maior permanência nos trabalhos; apoio cerrado; e continuidade do apoio.

9.3.4.5 Em se tratando do momento de ocupação da BLB, o fator mais comum é o sigilo dos movimentos e da operação.

9.3.4.6 Já em relação às possibilidades do inimigo, após a confirmação e considerando-se os fatores preponderantes para cada caso, o comandante pode chegar à conclusão sobre a solução mais adequada para cada problema.

9.3.4.7 Quanto às linhas de ação logísticas, cada uma será comparada, levantando as vantagens e desvantagens e indicando aquela que melhor apoia a brigada.

9.3.4.8 Em relação à linha de ação da manobra da Bda, procura-se comparar, a partir do resultado da análise e da comparação das linhas de ação logísticas, indicando a manobra proposta que melhor será apoiada pela logística.

9.3.4.9 Por fim, vale destacar que não há linha de ação perfeita. Haverá, normalmente, algum fator sobre o qual a linha de ação apresentará uma vantagem marcante. Caberá ao comandante da brigada definir a preponderância de um ou mais fatores sobre os outros.

9.3.5 DECISÃO

9.3.5.1 Nesse ponto do exame de situação, o comandante tem condições de decidir por uma linha de ação para cada aspecto considerado. Essa decisão, no entanto, não é definitiva, pois depende de uma confirmação que será feita por meio de reconhecimento no terreno. Por isso, a decisão que é tomada, com base apenas no exame de situação da carta, leva o nome de decisão preliminar e estabelece uma prioridade a ser seguida durante os reconhecimentos, nos aspectos que deles dependam.

9.3.5.2 O plano de reconhecimento é elaborado tendo como origem a decisão preliminar. Somente após a exposição dos relatórios feitos ao comandante pelos executantes dos reconhecimentos é que aquele toma uma decisão definitiva sobre como o batalhão vai cumprir sua missão.

9.3.5.3 Em decorrência da decisão, os oficiais do estado-maior preparam e expedem as ordens de alerta, que são normalmente transmitidas de forma verbal aos comandos subordinados e demais oficiais executantes. Posteriormente, são confirmadas em uma ordem de operações distribuídas aos elementos subordinados.

9.3.5.4 O Anexo C deste manual apresenta os modelos de decisão.

9.3.5.5 O Anexo D deste manual apresenta um modelo de Ordem de Operações do Batalhão Logístico.

ANEXO A**MODELO DE PLANO DE RECONHECIMENTO DE
BASE LOGÍSTICA DE BRIGADA**

(Classificação Sigilosa)
(Modifica/Não modifica ordens verbais)

EXEMPLAR Nr ____ de ____
cópias
Unidade
Localização do PC
Data/Hora da assinatura
Indicativo de Referência

ANEXO ____ À ORDEM DE OPERAÇÕES Nr/B Log
Referência (Rfr): carta, escala, edição, folha *etc.*

1. GENERALIDADES**a. Locais e Itinerários a serem reconhecidos****1) Locais**

- Região (Rg) Faz ARAÚJO (3560), Rg Faz GUAXINIM (3862), Rg SÍTIO SANTO ANTÔNIO (3864), conforme Calco de Propostas de Áreas e EPS (Apêndice D), nessa prioridade.

2) Itinerários

- Rodovia (Rdv) 357 (3855), Rdv 423 (4070), Estrada 2, 3 e 5, conforme calco de propostas de áreas e EPS (Apêndice D), nessa prioridade.

b. Tempo disponível

1) Primeiro Escalão: de D-4/0600 até D-4/1600.

2) Segundo Escalão: de D-3/0600 até D-3/1600 (Obs.: quando houver).

2. CONSTITUIÇÃO**a. Primeiro Escalão**

- Cmt B Log, S-1, S-2, S-3 e S-4, Chefe do COL, Cmt SU, Of Com, Of Médico e Elm Eng, SFC.

b. Segundo Escalão (Obs.: quando houver)

- S-3, Cmt SU + 1 Of Subalterno, Guias.

3. EXECUÇÃO**a. S-2 e S-3**

- Reconhecer os itinerários para a EPS e EPS Alternativa, particularmente a ponte sobre o rio JACUTINGA (4070) e o Mvt P Cot 550, 601 e 497 (4453).

- Reconhecer as áreas propostas quanto à conveniência e à segurança, sobretudo visando à utilização de instalações civis.

b. Chefe do COL, Cmt Cia Sup e Cmt Cia Mnt

- Reconhecer o local e propor áreas de desdobramento de suas respectivas SU em ordem de prioridade, levantando condições favoráveis e desfavoráveis.

c. Cmt Cia Trnp

- Reconhecer o local e propor áreas de desdobramento da SU em ordem de prioridade, levantando condições favoráveis e desfavoráveis.

- Reconhecer itinerário quanto à capacidade de transporte das Vtr (condições do terreno, classes de pontes, túneis etc).

d. Cmt CCAp

- Reconhecer locais vulneráveis a ataques e emboscadas do inimigo nas áreas e itinerários, particularmente ao longo da Rv 357, no trecho que liga a Loc SAMPAIO (3855) à Loc CACHOEIRA (4255), e pontos de comando ao redor da Rg Faz ARAÚJO (3560).

e. Oficial de Comunicações

- Reconhecer as áreas e itinerários quanto à eficácia das comunicações.

- Reconhecer o local da instalação do PC do B Log.

f. Oficial Médico

- Reconhecer a existência de vetores transmissores de doenças que possam comprometer a saúde dos militares.

- Reconhecer a localização de instalações de higiene e saúde.

3. PRESCRIÇÕES DIVERSAS

a. Entrega dos relatórios do Rec 1º Esc: até D-2/1600.

b. Atentar para a comparação da carta com o terreno, com a finalidade de atualização.

Cmt B Log

Confere: _____
S-2/B Log

ANEXO B**MODELO DE PLANO DE MOVIMENTO**

(Classificação Sigilosa)

(Modifica/Não modifica ordens verbais)

EXEMPLAR Nr ____ de ____ cópias

Unidade

Localização do PC

Data/Hora da assinatura

Indicativo de Referência

ANEXO ____ (PLANO DE MOVIMENTO) À ORDEM DE OPERAÇÕES Nr/B Log
 Referência (Rfr): carta, escala, edição, folha *etc.*

1. SITUAÇÃO**a. Forças inimigas**

- 1) Composição
- 2) Localização
- 3) Atividades mais recentes
- 4) Movimentos
- 5) Identificação
- 6) Possibilidades que possam influir na missão de Ap Log à Op

b. Forças amigas

- 1) Intenção do comandante do escalão imediatamente superior
- 2) Escalão superior e sua missão
- 3) Unidades vizinhas e interpostas
- 4) Elementos de segurança
- 5) Elementos em apoio

c. Meios recebidos e retirados

- 1) Recebidos, em (Ref, Ct Op) a partir de até
- 2) Retirados, em a partir de até

2. MISSÃO

- a. Enunciado da missão
- b. Intenção do Cmt

3. EXECUÇÃO

No primeiro subparágrafo, dar o conceito da operação. Nos subparágrafos seguintes, dar a tarefa específica de cada elemento subordinado, incluindo sua organização e meios recebidos.

No caso de movimentos preparatórios ou marchas administrativas, os primeiros subparágrafos farão apenas referência aos anexos, QUADRO DE MOVIMENTO E QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DE VIATURAS (ESTE ÚLTIMO QUANDO FOR O CASO) e QUADRO DE EMBARQUE. Isto é feito porque esses documentos condensam todas as medidas e ordens particulares referentes aos elementos subordinados e que, normalmente, constariam dos diversos subparágrafos do parágrafo 3.

No último subparágrafo intitulado “PRESCRIÇÕES DIVERSAS”, detalhar as medidas de coordenação e controle aplicáveis às unidades como um todo, bem como as instruções específicas dos elementos, cuja repetição em todos os subparágrafos sobrecarregaria por demasiado a Ordem de Movimento.

4. LOGÍSTICA

Instruções relativas à logística, inclusive prescrições logísticas aplicáveis à operação, tais como suprimentos, disponibilidade em serviços, evacuação e pormenores sobre trânsito e alimentação da tropa.

As instruções logísticas são, frequentemente, incluídas em um anexo à O Mvt denominado PLANO LOGÍSTICO, ao qual se deve fazer referência.

5. COMUNICAÇÕES E ELETRÔNICA

Incluir instruções relativas ao emprego das comunicações e eletrônica, bem como os locais do PC durante e após o movimento.

Acuse estar ciente

a) _____
Cmt XX^º B Log

Anexos:

Distribuição:

Confere:

S-3/XX^º B Log

ANEXO C

MODELOS DE DECISÃO

1. DECISÃO PARA A OPERAÇÃO DE MARCHA PARA O COMBATE

a. A fim de permitir o cumprimento da missão da 23ª Bda C Mec, na M Cmb Coberta, a partir de D/0700, na direção geral SOLEDADE (328542) – CRUZ ALTA (220648), pelo E Prog AZUL E VERDE, para a Conq da Rg de MARSELHESA (324970) (O1), o 23º B Log deverá:

1) seguir à retaguarda da coluna de marcha pelo E Prog AZUL até os Elm 1ª Esc atingirem a linha de controle (L Ct) JIBOIA;

2) quando os Elm em 1ª Esc atingirem a L Ct JIBOIA, e Mdt O, desdobrar a BLB na Rg de ENTROCAMENTO DE ESTRADAS (234954), para apoiar a 23ª Bda C Mec até a L Ct JARARACA;

3) quando os Elm 1ª Esc atingirem a L Ct JARARACA, e Mdt O, realizar a mudança da BLB para a Rg Faz ESPERANÇA (264956), para apoiar a 23ª Bda C Mec até a L Ct CORAL;

4) quando os Elm em 1ª Esc atingirem a L Ct CORAL, e Mdt O realizar a mudança da BLB para a Rg de P Cot 851 (282960), para apoiar a 23ª Bda C Mec até a Conq O1;

5) após a Conq O1 e Mdt O, realizar a mudança da BLB para a Rg Faz SETE MARIAS (300956), para apoiar a 23ª Bda C Mec na Mnt Obj e desdobrar o 1º Dst Log na Rg Faz MARSELHESA (324970), para apoiar Elm na Z Aç do 231º RC Mec, na Mnt de O1; e

6) ficar ECD apoiar a ultrapassagem pela 51ª Bda Inf Mec e apoiar o prosseguimento para o Norte.

b. Empregará:

1) até a Conq de O1:

a) a Cia Sup, a Cia Trnp, a Cia Sau e a 112ª Cia RH A/11ª B RH em Ap Cj; e

b) a Cia Mnt (-), em Ap Cj, destacando:

(1) 1ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 231º RC Mec;

(2) 2ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 232º RC Mec; e

(3) 3ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 233º RCB.

2) na Mnt de O1:

a) a Cia Sau e a 112ª Cia RH A/12ª B RH em Ap Cj;

b) a Cia Sup (-) em Ap Cj, destacando Elm necessários para desdobrar:

(1) 1 (um) P Distr Cl I; e

(2) 1 (um) P Distr Cl III.

c) a Cia Trnp (-) em Ap Cj, destacando Elm necessários para apoiar a Cia Sup no desdobramento de:

(1) 1 (um) P Distr Cl I; e

(2) 1 (um) P Distr Cl III.

d) a Cia Mnt (-), em Ap Cj, destacando:

- (1) 1ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 231º RC Mec;
- (2) 2ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 232º RC Mec; e
- (3) 3ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 233º RC Mec.

2. DECISÃO PARA A OPERAÇÃO DE ATAQUE

a. A fim de permitir o cumprimento da missão da 24ª Bda C Bld, a partir de D+1/0200, na ultrapassagem da 21ª Bda C Mec e no ataque na direção geral PENEDO (888666) – VOLTA ALEGRE (999222), para a conquista e manutenção da Rg P Cot 666 (123456) (O1), Rg P Cot 777 (876876) (O2) e Rg P Cot 690 (804804) (O3), o 24º B Log deverá:

1) desdobrar a BLB na Rg Entr ESTRADAS (999888), para apoiar a 24ª Bda C Bld até a Conq Obj;

2) após a Conq Obj, e Mdt O, realizar mudança da BLB/24ª Bda C Bld, para a Rg CASARIO (123123), para apoiar a 24ª Bda C Bld na Mnt Obj; e

3) ficar ECD apoiar uma ultrapassagem e o prosseguimento para W.

b. Empregará:

- 1) A Cia Sup, a Cia Trnp, a Cia Sau e a 132ª Cia RH A/3º B RH em Ap Cj;

e

2) A Cia Mnt (-) em Ap Cj, destacando:

- a) 1ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 241º RCC;
- b) 2ª Seç L Mnt em Ap Dto à FT 242º RCC;
- c) 3ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 243º BIB; e
- d) 4ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 244º BIB.

3. DECISÃO PARA A OPERAÇÃO DE APROVEITAMENTO DO ÊXITO

a. A fim de permitir o cumprimento da missão da 24ª Bda C Bld, a partir de D+1/0200, no Apvt Exi, na Direção-Geral PENEDO (888666) – VOLTA ALEGRE (999222), a partir da L Ct ALFA, pelos E Prog FURACÃO E AÇO, para a Conquista e Manutenção da Rg P Cot 666 (123456) (O1), Rg P Cot 777 (876876) (O2) e Rg P Cot 690 (804804) (O3), o 24º B Log deverá:

1) manter desdobrada a BLB na Rg Entr ESTRADAS (999888), até que os Elm 1º Esc atinjam a L Ct DELTA;

2) quando Elm 1º Esc atingirem a L Ct DELTA, e Mdt O, realizar mudança da BLB para a Rg CASARIO (123123), para apoiar a 24ª Bda C Bld até a L Ct FOXTROT;

3) quando Elm 1º Esc atingirem a L Ct FOXTROT, e Mdt O, realizar mudança da BLB para a Rg ESCOLA (223223), para apoiar a 24ª Bda C Bld até a Conq Obj;

4) após a Conq Obj, e Mdt O, realizar mudança da BLB para a Rg Entr ESTRADAS (111222), para apoiar a 24ª Bda C Bld na Mnt Obj; e

5) em final de missão, ficar ECD apoiar uma ultrapassagem e o prosseguimento para W.

b. Empregará:

1) A Cia Sup, a Cia Trnp, a 132ª Cia RH A/3ª B RH e a 132ª Cia Sau A/3ª B Sau em Ap Cj; e

2) A Cia Mnt (-) em Ap Cj, destacando:

- a) 1ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 241º RCC;
- b) 2ª Seç L Mnt em Ap Dto à FT 242º RCC;
- c) 3ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 243º BIB; e
- d) 4ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 244º BIB.

4. DECISÃO PARA A OPERAÇÃO DE MOVIMENTO RETRÓGRADO

a. A fim de permitir o cumprimento da missão da 21ª Bda C Mec, a partir de D-7/0600, na ação retardadora em posições sucessivas, na direção geral CHAPECÓ (123456) – CONCÓRDIA (789123), entre a PIR e o LAADA, e no Aclh na Op Def da 12ª DE, o 21º B Log deverá:

1) desdobrar a BLB na Rg Faz VITÓRIA (228896), para apoiar a 21ª Bda C Mec na PIR, P2 e P3. Abrir o Dst Log Nr 1 na Rg P Cot 451 (240928), para apoiar os Elm na Z Aç do 211º RC Mec na PIR, tendo como limite de emprego a P3. Abrir o Dst Log Nr 2 na Rg P Cot 465 (224930), para Ap os Elm na Z Aç do 212º RC Mec na PIR, tendo como limite de emprego a P3;

2) antes dos Elm 1º Esc iniciarem o retraimento da PIR para a P2, e Mdt O, realizar a mudança do Dst Log Nr 1 para a Rg CEMITÉRIO (246918), para apoiar os Elm na Z Aç do 211º RC Mec na P2, tendo como limite de emprego a P4, e realizar a mudança do Dst Log Nr 2 para a Rg CANAS (226916), para Ap os Elm na Z Aç do 212º RC Mec na P2, tendo como limite de emprego a P4;

3) antes de Elm 1º Esc iniciarem o retraimento da P2 para a P3, e Mdt O, fechar o Dst Log Nr 2, reunindo os meios logísticos na BLB, na Rg Faz VITÓRIA (228896), e realizar mudança do Dst Log Nr 1 para a Rg EUCALIPTAL (238904), para Ap os Elm na Z Aç do 211º RC Mec na P3, tendo como limite de emprego a P5;

4) antes de Elm 1º Esc iniciarem o retraimento da P3 para a P4, e Mdt O, fechar o Dst Log Nr 1, reunindo os meios logísticos na BLB na Rg Faz VITÓRIA (228896) e mudar a BLB para a Rg de ENTROCAMENTO DE ESTRADAS (514872), para apoiar a 21ª Bda C Mec na P4 e P5; e

5) antes de Elm 1º Esc iniciarem o retraimento da P5 para a P6, e Mdt O, realizar mudança da BLB para a Rg P Cot 497 (252822), para apoiar a 21ª Bda C Mec na P6, no Aclh na Op Def da 13ª e 14ª DE e como reserva da FTC CAVEIRA.

b. Empregará:

1) para apoiar a PIR e P2:

a) a Cia Sup (-) em Ap Cj, destacando Elm Nec para constituir:

- (1) 2 (dois) P Distr Cl I;
- (2) 2 (dois) P Distr Cl III; e
- (3) 2 (dois) P Distr Cl V (Mun).

b) a Cia Mnt (-) em Ap Cj, destacando:

- (1) 1ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 211º R C Mec;
- (2) 2ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 212º R C Mec; e
- (3) 3ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 213º RCB.

c) a Cia Sau em Ap Cj, destacando Elm Sau para reforçar:

- (1) o Dst Log Nr 1; e
- (2) o Dst Log Nr 2.

d) a Cia Trnp (-) em Ap Cj, destacando Elm Trnp para apoiar a Cia Sup no desdobramento de:

- (1) 2 (dois) P Distr Cl I;
- (2) 2 (dois) P Distr Cl III; e
- (3) 2 (dois) P Distr Cl V (Mun);

e) a 132ª Cia RH A/3ª B RH em Ap Cj.

2) Para apoiar a P3:

a) a Cia Sup (-) em Ap Cj, destacando Elm Sup para constituir:

- (1) 1 (um) P Distr Cl I;
- (2) 1 (um) P Distr Cl III; e
- (3) 1 (um) P Distr Cl V (Mun).

b) a Cia Mnt (-) em Ap Cj, destacando:

- (1) 1ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 211º R C Mec;
- (2) 2ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 212º R C Mec; e
- (3) 3ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 213º RCB.

c) a Cia Sau em Ap Cj, destacando Elm Sau para reforçar o Dst Log

Nr 1.

d) a Cia Trnp (-) em Ap Cj, destacando Elm Trnp para apoiar a Cia Sup no desdobramento de:

- (1) 1 (um) P Distr Cl I;
- (2) 1 (um) P Distr Cl III; e
- (3) 1 (um) P Distr Cl V(Mun).

e) a 132ª Cia RH A/3ª B RH em Ap Cj.

3) para apoiar a P4 e a P5:

a) a Cia Sup, a Cia Trnp, a 132ª Cia RH A/3º B RH e a Cia Sau em Ap

Cj; e

b) a Cia Mnt (-) em Ap Cj, destacando:

- (1) 1ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 211º R C Mec;
- (2) 2ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 212º R C Mec; e
- (3) 3ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 213º RCB.

4) Para apoiar a P6, Aclh e como reserva da FTC:

- o 21º B Log em Ap Cj.

5. DECISÃO PARA A OPERAÇÃO DE DEFESA EM POSIÇÃO

a. A fim de permitir o cumprimento da missão da 51ª Bda Inf Mec, apoiar, a partir de D/0200, o acolhimento da 21ª Bda C Mec, e a defesa no corte do RIBEIRÃO DO ROQUE (256558), na zona de ação compreendida entre o Rio DAS PEDRAS (442564) a W e Barragem VELHA (483592) a E, desdobrando a BLB na Rg Entr ESTRADAS (999888).

b. Empregará:

- 1) a Cia Sup, a Cia Trnp, a Cia Sau, e a 132ª Cia RH A/3ª B RH em Ap Cj;
- 2) a Cia Mnt (-) em Ap Cj, destacando:
 - a) 1ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 511ª BI Mec;
 - b) 2ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 512ª BI Mec; e
 - c) 3ª Seç L Mnt em Ap Dto ao 513ª BI Mec.

ANEXO D**MODELO DE ORDEM DE OPERAÇÕES DO BATALHÃO LOGÍSTICO**

(Classificação Sigilosa)

(Não modifica ordens verbais)

EXEMPLAR Nr 01 DE 17 CÓPIAS

51ª B Log

Rg CRICIUMAL (fora da carta)

261700 JUL A

YW – 21

ORDEM DE OPERAÇÕES Nr 001Rfr: Crt RS, Esc 1:100.000, FI TRÊS PASSOS – CAMPO NOVO – F.
WESTPHALEN – PALMEIRA DAS MISSÕES – CHAPECÓ – SARANDI.**1. SITUAÇÃO****a. Forças Inimigas**

1) Composição: o Ini pode atuar na DTA balizada pela Rdv 01 com 1 (uma) Bda C Bld, incidindo na Z Aç da 51ª Bda C Mec.

2) Localização: a partir da L Ct BANGU, é provável o encontro com o inimigo (LPE).

3) Atv mais recentes: em 230800 JUL A, a inteligência azul identificou a concentração de um RI Mec e El CC Vm próximos à Rg de fronteira.

4) Movimentos: não há informações.

5) Identificação: não há informações.

6) Possibilidades que possam influir na missão de Ap Log à Op:

a) o Ini pode atuar com artilharia, empregando Lç Fgt 127 AP, com emprego de Mun especial, prioritariamente sobre instalações logísticas;

b) executar atividades de MAGE e MAE;

c) atuar com elementos de 1ª/3ª/3ª Batalhão de Comandos, particularmente, na Z Aç, em instalações Log e nos comboios de Sup; e

d) a FAe inimiga tem meios de obter superioridade aérea na Rg Op por curtos espaços de tempo.

b. Forças Amigas

1) Intenção do Cmt da 51ª Bda Inf Mec: não há.

2) Escalão Superior e sua missão: a 51ª Bda Inf Mec deverá realizar M Cmb Coberta, a partir de D/0700, pela DTA CRICIUMAL (fora da carta) – ERECHIM (fora da carta), pelo E Prog ANIL, para Conq Rg ENTRONCAMENTO DE ESTRADAS (316978), O1, Rg que por OESTE domina o corte do Rio PASSO FUNDO (322956). Após a Conq dessa região, ficar ECD prosseguir para LESTE, manter o Obj e apoiar a Ultr da 21ª Bda C Mec.

3) Unidades vizinhas e interpostas: a 52ª Bda Inf Mec encontra-se à S da nossa Z Aç e a 12ª DE encontra-se à S da Z Aç da 11ª DE.

4) Elementos de segurança: 51ª Pel PE.

5) Elementos em apoio: 51ª GAC 155 AP; 51ª Bia AAAe Mec; 51ª BE Cmb Mec e 51ª Cia Com Mec.

c. Meios Recebidos e Retirados

1) Recebidos:

- Cia RH A/1ª B RH, a partir de 252300 JUL A, até o fim da missão.

2) Retirados: nenhum.

2. MISSÃO

a. A fim de permitir o cumprimento da missão da 51ª Bda Inf Mec, apoiar uma M Cmb Coberta, a partir de D/0700, na DTA CRICIUMAL (fora da carta) – ERECHIM (fora da carta), pelo E Prog ANIL, apoiar a Ultr da 21ª Bda C Mec, apoiar Conq Rg ENTRONCAMENTO DE ESTRADAS (316978), O1, Rg que por OESTE domina o corte do Rio PASSO FUNDO (322956). Após a Conq dessa região, ficará ECD apoiar o prosseguimento para LESTE, a manutenção do Obj e apoiar uma nova ultrapassagem.

b. Minha intenção é apoiar a missão da Bda, assegurando flexibilidade e rapidez na execução das tarefas logísticas. Deverá ser priorizada a continuidade do apoio e a centralização dos meios logísticos, exceto na função logística manutenção.

3. EXECUÇÃO

a. Conceito da Operação

1) Manobra

a) O 51ª B Log, para apoiar a 51ª Bda Inf Mec deverá:

(1) a partir de D/0700, seguir à esteira da Coluna de Marcha pelo E Prog ANIL;

(2) quando os Elm em 1ª Esc atingirem a L Ct BANGU (LPE), desdobrar a BLB/51ª Bda Inf Mec na Rg CEMITÉRIO (234980), para apoiar a 51ª Bda Inf Mec na M Cmb até que Elm 1ª Esc atinjam a L Ct REALENGO;

(3) quando os Elm em 1ª Esc atingirem a L Ct REALENGO, e Mdt O, realizar a mudança da BLB/51ª Bda Inf Mec para a Rg CASARIO (282988), para apoiar a 51ª Bda Inf Mec até a conquista de O1;

(4) após a Conq de O1, e Mdt O, realizar a mudança da BLB para a Rg ENTRONCAMENTO DE ESTRADAS (296986), para apoiar a 51ª Bda Inf Mec na Mnt do Obj. Abrir o Dst Log Nr 1 na Rg de ENTRONCAMENTO DE ESTRADAS (316978), para apoiar Elm 1ª Esc na Mnt O1; e

(5) Ficar ECD apoiar a ultrapassagem da 21ª Bda C Mec e o prosseguimento para LESTE.

b) Empregará

(1) Até a conquista de O1:

Ap Cj. (a) a Cia Sup, a Cia Trnp, a Cia Sau e a Cia RH A/1ª B RH em

(b) a Cia Mnt (-), em Ap Cj, destacando:

- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 511ª BI Mec;
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 512ª BI Mec;
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 513ª BI Mec; e
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 514ª RCC.

(2) Para a manutenção de O1:

(a) a Cia Sup (-) em Ap Cj, destacando:

- Elm Sup para constituir 1 (um) P Distr CI I; e
- Elm Sup para constituir 1 (um) P Distr CI III.

(b) a Cia Mnt (-), em Ap Cj, destacando:

- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 511ª BI Mec;
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 512ª BI Mec;
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 513ª BI Mec;
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 514ª RCC; e
- Elm Nec para constituir 1 (um) P Col Slv Avç.

(c) a Cia RH A/1ª B RH (-) em Ap Cj, destacando:

- Elm RH para constituir 2 (dois) P Ban; e
- Elm RH para constituir 1 (um) P Col Mor.

(d) a Cia Sau em Ap Cj.

(e) a Cia Trnp (-) em Ap Cj, destacando:

- Elm Trnp para apoiar o Dst Log Nr 1.

2) Desdobramento Logístico

- Apêndice I ao Anexo A: Calco de desdobramento.

3) Guerra Eletrônica

.....

b. CCAp

- 1) Desdobramento: Anexo "A".
- 2) Prover a segurança da BLB.
- 3) Anexo "C"- Plano de DEFAR.
- 4) Anexo "D"- Plano de CD.

c. Cia Sup

1) Suprimento

a) Classe I

(1) P Sup: na Rg CRICIUMAL (FORA DA CARTA).

(2) P Distr CI I: na BLB/51ª Bda Inf Mec, e no Dst Log Nr 1, para a manutenção de O1.

(3) Horário de distribuição: a partir do FCVN do dia anterior ao consumo.

(4) Reajustamento de rações: a cada 4 dias, tendo sido o último realizado em D.

(5) Mudanças de intervalo: Intervalo de Rç passará de 4 para 5 em D-3.

(6) Tipos de Rç:

(1) R2 de D até consolidação de O1; e

(2) Ração quente durante a manutenção do objetivo e após ultrapassagem pela 21ª Bda C Mec.

b) Classe III

(1) P Sup: módulo de suprimento do 11ª B Sup, na BLT desdobrado na localidade de CRICIUMAL (FORA DA CARTA).

(2) P Distr CI III: na BLB/51ª Bda Inf Mec, e no Dst Log Nr 1, para a manutenção de O1.

(3) UC da Bda: 44.900 L OD.

(4) Créditos diários para a Bda: conforme estimativa realizada pela GU.

(5) Relatório diário de situação: remeter ao E-4/51ª Bda Inf Mec até as 1800 h.

(6) Processo de Distribuição: na unidade, por meio de troca de Vtr e/ou camburões.

c) Classe IV

- Será fornecido pela BLT, desdobrada na localidade de CRICIUMAL (FORA DA CARTA), desde já, diretamente nas AT/ATE das unidades.

d) Classe V (Mun)

(1) P Sup: módulo de suprimento do 11ª B Sup desdobrado na localidade de CRICIUMAL (FORA DA CARTA).

(2) PCM: no P Distr CI V (Mun) na BLB/51ª Bda Inf Mec.

(3) Processo de Distribuição: na unidade.

(4) Munição diária disponível para os dias sucessivos:

- Obus 155 AP: 70 tiros por arma (TPA) até a L Ct BANGU e 110 TPA para o restante da operação; e

- Mrt 81 mm: 20 TPA até a L Ct BANGU e 35 TPA para o restante da operação.

(5) Demais: a necessária, conforme cálculos de estimativa logística.

(6) Está autorizado o consumo de até 50% da DO.

(7) Munição para consumo imediato: deverá ser solicitada com antecedência mínima de 24 horas.

(8) Composição da DO:

- Obus 155 AR: 100 TPA.

- Mrt 81 mm: 220 TPA.

e) Classe X

(1) Cartas topográficas disponíveis para distribuição, Mdt solicitação ao E-2/51ª Bda Inf Mec, até D-2.

(2) Água

- Autorizado somente o consumo de água tratada na BLB.

(3) Artigos controlados

- Vtr de todos os tipos.

d. Cia Mnt

1) Organização para o apoio:

- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 511^ª BI Mec;
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 512^ª BI Mec;
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 513^ª BI Mec;
- 1 (uma) Seç L Mnt em Ap Dto ao 514^ª RCC; e
- Cia Mnt (-) em apoio ao conjunto à Bda.

2) Instalações do Esc Sup: a 112^ª Cia Mnt A/11^ª B Mnt, desdobrada na região de CRICIUMAL (FORA DA CARTA) desde já, poderá prestar Ap Suplementar ao 51^ª B Log, Mdt solicitação.

3) P Tec MB, P Distr MB, P Col Slv: conforme Anexo A.

4) Manutenção:

(a) módulo de manutenção do 11^ª B Mnt desdobrado na localidade de CRICIUMAL (FORA DA CARTA);

(b) o apoio em manutenção aos Elm Man valor unidade deverá ser o mais cerrado possível;

(c) prioridades: Vtr Mec, Vtr Bld, Armt P, Armt L, IODCT e Com Elt;

(d) prioridade de complementação de salvamento pela 112^ª Cia Mnt A/11^ª B Mnt: material que necessite Mnt 3^ª Esc. A 112^ª Cia Mnt A/11^ª B Mnt informa que tem dificuldades para a complementação do salvamento de Eqp P da 51^ª Bda Inf Mec;

(e) o Cmdo 51^ª Bda Inf Mec autorizou o Cmt 51^ª B Log a alterar os níveis de Mnt previstos na NGA, mediante coordenação;

(f) material salvado e capturado

- P Col Slv na BLB/51^ª Bda Inf Mec.

- Informar ao 51^ª B Log, diariamente, até 1900 horas, sobre o material que tenha excedido às possibilidades de salvamento das unidades.

(g) a 112^ª Cia Mnt A/11^ª B Mnt poderá prestar Ap Suplementar ao 51^ª B Log, Mdt solicitação; e

(h) níveis de Mnt:

- na OM: até 6 horas;
- no B Log: até 24 horas; e
- no B Mnt: até 72 horas.

e. Cia Sau

1) Instalações do Esc Sup: 1^ª B Sau desdobrado na BLT na localidade de CRICIUMAL (FORA DA CARTA), desde já.

2) PAA, P Distr CI VIII: Anexo A.

3) Evacuação:

a) PAA desdobrado pela Cia Sau na BLB/51^ª Bda Inf Mec, aberto desde já; e

b) Prioridade para a Ev Aem:

- 511^ª BI Mec, 514^ª RCC, 512^ª BI Mec, 513^ª RCC e 51^ª Esqd C Mec, nesta ordem; e

- feridos graves, caso necessário, podem ser evacuados por Ev Aem diretamente para o 3^ª Esc.

c) Velocidade média das Vtr Amb: 60 km/h.

d) Média de capacidade de transporte de feridos por Vtr Amb: 4 homens.

e) Tempo médio de trabalho das Vtr Amb: 10 h/dia (já descartados os tempos de embarque e desembarque).

f) Distância média do percurso de evacuação: 45 km.

g) Feridos graves, caso necessário, podem ser evacuados por Ev Aem diretamente para o 3º Esc.

4) Manutenção: (prioridades)

5) Suprimento

f. Cia RH A/1º B RH

1) Desdobramento: Anexo A.

2) P Col Mor, P Lav, agência postal: Anexo A.

3) Civis internados e refugiados: ficar ECD prestar apoio humanitário em caráter emergencial até a chegada de organismos internacionais.

4) Recompletamento

- Quadro de necessidades de recompletamento: quando houver necessidade, anexo ao relatório de perdas.

- Pel Rcomp: na BLB/51ª Bda Inf Mec.

- Distr dos Rcomp para as unidades: D+1/1800, na BLB/51ª Bda Inf Mec.

5) Sepultamento: P Col Mor na BLB/51ª Bda Inf Mec.

g. Cia Trnp

1) Transporte:

a) EPS: principal para a 51ª Bda Inf Mec: Rdv 01;

b) PBCE: a regular;

c) restrições:

- LEP: até L Ct BUTIÁ; e

- LET: após L Ct BUTIÁ.

d) prioridades para Trnp: tropa, Sup e Slv, nesta ordem;

e) as LEP/LET não têm implicado em redução de velocidade para

Ev; e

f) velocidade máxima: 20 km/h durante toda operação.

h. Outros elementos recebidos

Não há.

i. Prescrições Diversas

1) Limites: entre o Rio URUGUAI a N e a linha que une o P Cot 630 (302972) ao P Cot 622 (320972) a S.

2) Dispositivo pronto: dispositivo pronto com início do deslocamento em 270700 JUL A.

- 3) Distância de segurança: 21 km da L Ct REALENGO.
- 4) Distância máxima de apoio: 100 km.
- 5) LEP: até L Ct BUTIÁ.
- 6) LET: após L Ct BUTIÁ.
- 7) Plano de deslocamento da BLB/51ª Inf Mec: Anexo E e Apêndices.
- 8) EEI: condições e capacidades da EPS no trecho entre a L Ct BUTIÁ e

O1.

9) Prioridade de apoio para: 511ª BI Mec, 514ª RCC, 512ª BI Mec e 513ª BI Mec.

10) Relatórios especiais: não há.

11) Outras informações de apoio logístico:

- estradas de terra natural não podem ser utilizadas para o transporte logístico; e
- em tempo seco, o solo é firme, mas não permite o movimento de viaturas de apoio logístico através do campo.

4. LOGÍSTICA (*este parágrafo diz respeito à logística interna do B Log*)

a. Generalidades

As Cia do B Log e os Elm recebidos em reforço serão apoiados na AT. As Seç L Mnt receberão apoio nas ATE dos Elm apoiados.

b. Suprimento

1) Classe I

a) P Distr CI I/Btl: na BLB/51ª Inf Mec.

b) Cozinhas: na área da CCAp.

c) Horário de distribuição das refeições:

- café da manhã: 0530P;
- almoço: 1200P;
- jantar: 1800P e
- ceia: 2100P.

d) Água: somente está autorizado o consumo de água tratada pela

BLB.

2) Classe II

- O fardamento será fornecido por ocasião do banho, quando for o caso.

- Demais materiais devem ser solicitados via Enc Mat/SU.

3) Classe III

- P Distr CI III/Btl: na BLB/51ª Bda Inf Mec.

4) Classe V (Mun)

a) P Distr CI V (Mun) na BLB/51ª Bda Inf Mec.

b) Munição disponível: a necessária.

c) Está autorizado o consumo de até 50% da DO.

d) Munição para o consumo imediato: deverá ser solicitada com antecedência mínima de 24 horas.

5) Classe X

.....
c. Transporte

- 1) Circulação e controle de trânsito
 - a) Restrições
 - (1) LEP: até L Ct BUTIÁ.
 - (2) LET: após L Ct BUTIÁ.
 - (3) Prioridades de Trnp: tropa, Sup e Ev, nesta ordem.
- 2) EPS: Rdv 01.
- 3) Velocidade das Vtr Sup: 20 km/h.

d. Saúde

- 1) PS: na área da CCAP.
- 2) Evacuação
 - Cia Sau desdobrada na BLB/51ª Bda Inf Mec.

e. Manutenção

- 1) Material salvado e capturado
 - a) P Col Slv na BLB/51ª Bda Inf Mec.

f. Recursos Humanos

- 1) Controle de efetivos

Os SUDIPE deverão dar entrada na Bda até 2000P, com término de período às 1800P.
- 2) Reacompletamento
 - a) Pel Rcomp: na BLB/51ª Bda Inf Mec.
- 3) Mão de obra
 - Proibida a utilização de mão de obra civil.
- 4) Repouso, recreação e recuperação:
 - nas dependências desdobradas pela Cia RH A/1º B RH.
- 5) Suprimento reembolsável
 - Cantina Mv na BLB/51ª Bda Inf Mec.
- 6) Serviço postal: na BLB/51ª Bda Inf Mec.
- 7) Banho e lavanderia: P Ban e lavanderia localizado na BLB/51ª Bda C Mec.
- 8) Sepultamento: P Col Mor na BLB/51ª Bda Inf Mec.

g. Diversos

.....

5. COMANDO E COMUNICAÇÕES

a. Comunicações

- 1) Índice das IE Com Elt: 1-30.
- 2) Centros de comunicações: conforme anexo P à O Op 51ª Bda Inf Mec.

3) Rádio:

a) QRR (omitido).

b) Prescrições rádio

(1) Silêncio

- Após atingir a L Ct IGUAÇU.

(2) Restrito para

(a) Ultrapassagem da F Cob.

(b) Rede de alarme.

(3) Livre

- Quando for estabelecido o Ctt com o Ini.

4) Multicanal

a) QSMC (omitido).

b) Prio para ligação MCC para os enlaces perpendiculares ao E Prog

ANIL.

5) Circuitos físicos

a) Diagrama de circuitos (omitido).

b) As Tu Cnst devem ser Ref quando estiverem trabalhando próximas de localidades e à noite.

6) Mensageiros

a) Carta ltn Msg Esp (omitido).

b) Os Msg deverão ser duplos, percorrer ltn diferentes e escoltados, quando próximos a localidades e à noite.

c) As Msg ultrassecretas e secretas e as volumosas que tenham precedência U e UU poderão ser conduzidas por Msg Mtz, Mdt solicitação dos Elm responsáveis.

d) Durante a preparação para o ataque, deverão ser utilizados mensageiros especiais.

e) Após a Org da Op Def, deverão ser utilizados mensageiros de escala, SFC.

7) Outros meios

a) Permitida a sinalização visual do 1º Esc para a Rtgd.

b) Proibido o uso de artifícios pirotécnicos até ser Estb o Ctt com o Ini.

c) Liberada a utilização de meios acústicos somente para alarme.

d) O emprego de meios diversos está liberado, antes de ser Estb o Ctt com o Ini, a mais de 8 km dos Elm 1º Esc.

8) Recursos locais

Utilização de instalações civis somente com autorização da 11ª DE.

b. Postos de Comando

Localização conforme Anexo X à O Op 51ª Bda Inf Mec.

c. Outras Prescrições

1) Medidas de Proteção Eletrônica/Com: NGA Com Elt.

2) Proibida a escuta de estações de radiodifusão.

3) Dspn Com pronto em D-1/1600.

4) Utilização de recursos locais Mdt O.

6. PESSOAL, COMUNICAÇÃO SOCIAL E ASSUNTOS CIVIS

a) Pessoal

1) Administração de Pessoal

a) Está autorizado o preenchimento de claros por pessoal habilitado em curso ou estágio específico, independente da QMG/QMP.

b) Movimentação: suspensas as transferências no âmbito da Bda até segunda ordem.

c) Está sustada a concessão de licenças.

b) Assistência Religiosa: será prestada às OM subordinadas durante a preparação para o ataque, mediante coordenação com o 1º B RH.

2) Disciplina e justiça militar

3) Prisioneiros de guerra e civis internados

a) Campo de PG da FTC na localidade de XXXXXX (FORA DA CARTA).

b) P Col PG/51ª Bda Inf Mec: a regular.

c) Evacuação a cargo do 51º Pel PE.

b. Comunicação Social e Assuntos Cívicos

1) Comunicação social

2) Assuntos civis

a) Governo.

b) Serviços públicos.

c) Atividades especiais.

d) Ação comunitária.

Acuse estar ciente.

Cmt 51º B Log

Anexos: A – Inteligência
 B – Plano de C Dan
 C – Plano de deslocamento da BLB

Distribuição: Lista G

Confere: _____
 S-3/51º B Log

GLOSSÁRIO

ABREVIATURAS E SIGLAS

A

Abreviaturas/Siglas	Significado
A Op	Área de Operações
A Seg	Área de Segurança
ADA	Área de Defesa Avançada
Amb	Ambulância
Amv	Aeromóvel
Ap	Apoio
Ap Log	Apoio Logístico
AT	Área de Trens
ATC	Área de Trens de Combate
ATE	Área de Trens de Estacionamento
ATU	Área de Trens de Unidade
Avç	Avançado

B

Abreviaturas/Siglas	Significado
B Log	Batalhão Logístico
B Log SI	Batalhão Logístico de Selva
B Mnt	Batalhão de Manutenção
B Sau	Batalhão de Saúde
Bda	Brigada
BLB	Base Logística de Brigada
BLT	Base Logística Terrestre
B RH	Batalhão de Recursos Humanos

C

Abreviaturas/Siglas	Significado
C Cir	Centro Cirúrgico
C ²	Comando e Controle
CCAp	Companhia de Comando e Apoio
Ch	Chefe
Ch COL	Chefe do Centro de Operações Logísticas
Cia	Companhia
Cia Mnt	Companhia de Manutenção
Cia RH	Companhia de Recursos Humanos

Abreviaturas/Siglas	Significado
Cia RH A	Companhia de Recursos Humanos Avançada
Cia Sau	Companhia de Saúde
Cia Sup	Companhia de Suprimento
Cia Trnp	Companhia de Transporte
Cl	Classe
Cmdo	Comando
Cmt	Comandante
Cmt Ap Log	Comandante de Apoio Logístico
Cmt B Log	Comandante do Batalhão Logístico
Cmt B Sup	Comandante do Batalhão de Suprimento
Cmt Cia Mnt	Comandante da Companhia de Manutenção
Cmt Cia Trnp	Comandante da Companhia de Transporte
Cmt Pel	Comandante de Pelotão
CO	Capacidade Operativa
COL	Centro de Operações Logísticas

D

Abreviaturas/Siglas	Significado
DE	Divisão de Exército
DEFAR	Defesa de Área de Retaguarda
DMA	Distância Máxima de Apoio
DO	Dotação Orgânica
DOAMEPI	Doutrina, Organização (e/ou Processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura
DQBRN	Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear
Dst Log	Destacamento Logístico

E

Abreviaturas/Siglas	Significado
Elm	Elemento
EM	Estado-Maior
EMG	Estado-Maior Geral
Enf	Enfermaria
EPS	Estrada Principal de Suprimento
E U Cg	Equipe de Unitização de Cargas
Eq Ctrl Sup	Equipe de Controle de Suprimento
Esc Sup	Escalão Superior

Abreviaturas/Siglas	Significado
Ev	Evacuação

F

Abreviaturas/Siglas	Significado
FAMES	Flexibilidade, Adaptabilidade, Modularidade, Elasticidade, Sustentabilidade
F Cte	Força Componente
Fer	Ferido
F Op	Força Operativa
F Ter	Força Terrestre
FT Amv	Força-Tarefa Aeromóvel

G

Abreviaturas/Siglas	Significado
GC	Grupo de Combate
Gpt Log	Grupamento Logístico
Gp Cmdo	Grupo de Comando
GU	Grande Unidade

H

Abreviaturas/Siglas	Significado
H Cmp	Hospital de Campanha
H Mil	Hospital Militar

I

Abreviaturas/Siglas	Significado
IE Com Elt	Instruções para a Exploração das Comunicações e Eletrônica
Intlg	Inteligência

L

Abreviaturas/Siglas	Significado
LAADA	Limite Anterior da Área de Defesa Avançada
LC	Linha de Contato
L Ct	Linha de Controle
LEP	Linha de Escurecimento Parcial
LET	Linha de Escurecimento Total
Loc	Local, Localização
LP	Linha de Partida

Abreviaturas/Siglas	Significado
LAADA	Limite Anterior da Área de Defesa Avançada
LC	Linha de Contato
L Ct	Linha de Controle
LEP	Linha de Escurecimento Parcial
LPE	Linha de Provável Encontro
LPH	Linha da Pior Hipótese

M

Abreviaturas/Siglas	Significado
MC	Manual de Campanha
MEM	Material de Emprego Militar
Mnt	Manutenção
Mvt	Movimento

N

Abreviaturas/Siglas	Significado
NEv	Norma de Evacuação

O

Abreviaturas/Siglas	Significado
Obj	Objetivo
O Com Elt	Oficial de Comunicações e Eletrônica
OM	Organização Militar
OMDS	Organização Militar Diretamente Subordinada
OM Log	Organização Militar Logística
O Prep	Ordem Preparatória
Op	Operações
Op Def	Operação Defensiva
Op Ofs	Operação Ofensiva

P

Abreviaturas/Siglas	Significado
PAA	Posto de Atendimento Avançado
PAA L	Posto de Atendimento Avançado Leve
PAC	Posto Avançado de Combate
PAG	Posto Avançado Geral
PC	Posto de Comando
PCF	Ponto de Concentração de Feridos

Abreviaturas/Siglas	Significado
P Cot	Ponto Cotado
PCP	Posto de Comando Principal
P Col Mor	Posto de Coleta de Mortos
P Col Slv	Posto de Coleta de Salvados
Pç e Cj Rep	Peças e Conjuntos de Reparação
P Distr	Posto de Distribuição
Pel	Pelotão
Pel Ap	Pelotão de Apoio
Pel L Mnt	Pelotão Leve de Manutenção
Pel P Mnt	Pelotão Pesado de Manutenção
PI	Ponto Inicial
PIR	Posição Inicial de Retardamento
P Lib	Ponto de Liberação
Pqdt	Paraquedista
PS	Posto de Socorro
P Sup	Posto de Suprimento

Q

Abreviaturas/Siglas	Significado
QBRN	Químico, Biológico, Radiológico e Nuclear
QO	Quadro de organização

R

Abreviaturas/Siglas	Significado
RDAE	Remoção e Destruição de Artefatos Explosivos
Ref	Reforço
Rfr	Referência, Referente
RH	Recursos Humanos
RIT	Relatório de Informações Técnicas
RM	Região Militar
RO	Reserva Orgânica

S

Abreviaturas/Siglas	Significado
S Trg	Sala de Triagem
Sau	Saúde
SCmt	Subcomandante
Seç	Seção

Abreviaturas/Siglas	Significado
Seç L Mnt	Seção Leve de Manutenção
Seg	Segurança
SEGAR	Segurança da Área de Retaguarda
SU	Subunidade
SUDIPE	Sumário Diário de Pessoal
Sup	Suprimento

T

Abreviaturas/Siglas	Significado
TC	Trem de Combate
TE	Transporte Especializado
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicações
TO	Teatro de Operações
Trg	Triagem
Trnp	Transporte

U

Abreviaturas/Siglas	Significado
U	Unidade
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

V

Abreviaturas/Siglas	Significado
VTE	Viatura de Transporte Especializado
VTNE	Viatura de Transporte Não Especializado
Vtr	Viatura
Vtr Amb	Viatura Ambulância

Z

Abreviaturas/Siglas	Significado
Z Aç	Zona de Ação
ZC	Zona de Combate
Z Reu	Zona de Reunião

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. Comando do Exército. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército**. EB10-IG-01.002. 1. ed. Brasília, DF: Comando do Exército, 2011.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Lista de Tarefas Funcionais**. EB70-MC-10.341. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **As Comunicações na Força Terrestre**. EB70-MC-10.241. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Logística Militar Terrestre**. EB70-MC-70.238. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Logística nas Operações**. EB70-MC-10.216. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **Atendimento Pré-Hospitalar (APH) Básico**. EB70-MC-10.343. 1. ed. Brasília, DF: COTER, Brasília, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Batalhão de Saúde**. EB70-MC-10.351. edição experimental. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Corpo de Exército**. EB70-MC-10.244. edição experimental. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Divisão de Exército**. EB70-MC-10.243. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Grupamento Logístico**. EB70-MC-10.357. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. C 21-30. 4. ed. Brasília, DF: EME, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército**. EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF: EME, 2018.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Doutrina Militar Terrestre (DMT)**. EB20-MF-10.102. 2. ed. Brasília, DF: EME, 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 5. ed. Brasília, DF: MD, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Catálogo de Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-C-01. 1. ed. Brasília, DF: MD, 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 4. ed. Brasília, DF: MD, 2021.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES
CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO
Brasília, DF, 15 de junho de 2022.
www.cdoutex.eb.mil.br